

8



**Vozes  
Brasileiras**

ANNO VI

NUM. 62

OUTUBRO  
~1925~

PREÇO  
5 \$ 0 0 0

# Ilustração Brasileira

REVISTA MENSAL

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO" — RUA DO OUVIDOR, 164

RIO DE JANEIRO

Teleph. Norte, 5402 — End. Teleg. "MALHO" RIO

Grande premio na Exposição Internacional do Centenario em 1922

PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DE TURIM EM 1911

Directores ALVARO MOREYRA e J. CARLOS

Gerente LEO OSORIO

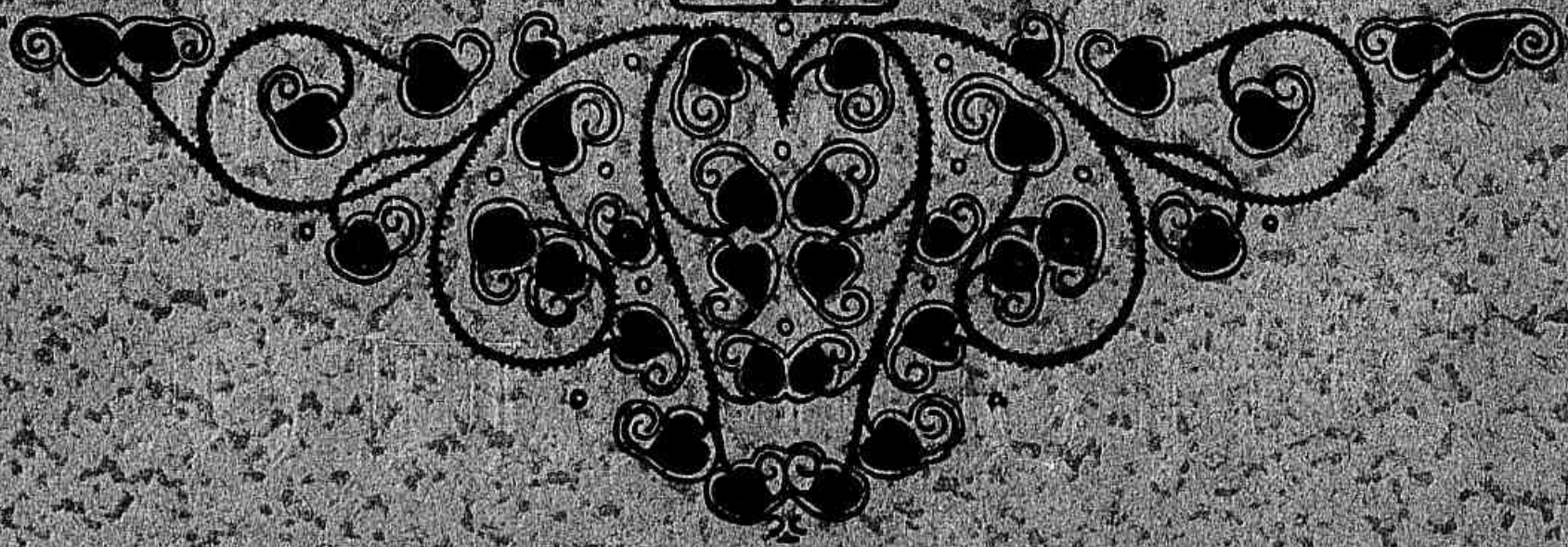
SUCCURSAL EM SAO PAULO DIRIGIDA POR GASTAO MOREIRA — RUA DIREITA N. 7 Sob:  
CAIXA POSTAL Q

Officinas: Rua Visconde de Itauna, 419

ASSIGNATURAS. Para o Brasil — Um  
anno, 60\$000; Seis mezes, 30\$000. Para o  
Estrangeiro — Um anno, 70\$000; não ha  
assignaturas de semestre. — Os exemplares para  
os Srs. assignantes são enviados pelo Correio  
sob registro.



Toda a correspondencia, como toda a remessa de  
dinheiro, (que pode ser feita por vale postal ou  
carta registrada), deve ser dirigida á Sociedade  
Anonyma "O MALHO", Rua do Ouvidor, 164.  
Collaboração literaria, artistica ou photographica,  
ao director-secretario Dr. ALVARO MOREYRA.



# MAPPIN & WEBB

JOALHEIROS E OURIVES

ESTABELECIDADA EM 1810  
LONDRES

ESPECIALIDADES EM  
BRILHANTES FINOS DO BRASIL  
E DO CABO, SAPHIRAS DO  
ORIENTE, PEROLAS, ETC.

NOVIDADES  
PARA PRESENTES EM  
PRATA DE LEI — OURO — CRYSTAL  
BRONZE — MARFIM — MARROQUINARIA,

FABRICANTES  
DA AFAMADA "PRATA PRINCEZA"  
O MELHOR METAL PRATEADO QUE EXISTE  
PARA  
TRAVESSAS, TALHERES, ETC.

# MAPPIN & WEBB

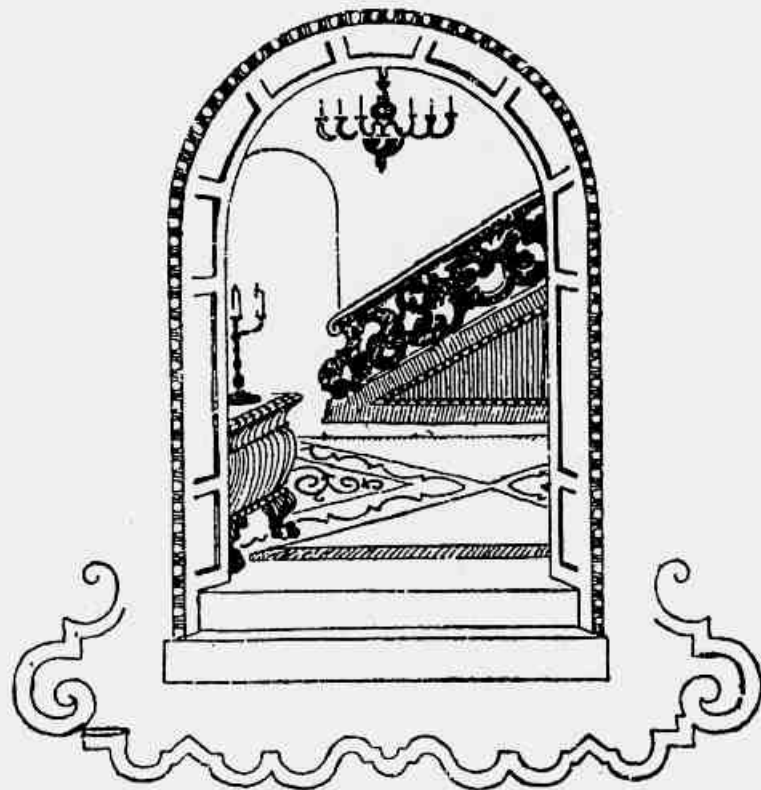
100, OUVIDOR  
RIO DE JANEIRO

28, RUA 15 DE NOVENBRO  
SÃO PAULO

GEORG HIRTH  
LAUBISCH & C.<sup>IA</sup>

RUA DO OUVIDOR, 86

TELEPHONE NORTE 3128



MOVEIS FINOS E DECORAÇÃO  
DE INTERIORES · TAPEÇARIAS  
— CORTINAS · SEDAS —  
CRETONNES · TAPETES  
MOVEIS DE COURO

## Um novo estomago para Si

Quer V. S. um estomago novo pelo seu velho? Tem o seu estomago desarranjos? É muito para si digerir os alimentos?

# PASTILHAS do Dr. RICHARDS

Porão o seu estomago como novo. Ellas conteem os succos digestivos do seu estomago na fórmula de pastilhas. Quando tomadas ellas dissolvem-se, e esses succos digerem todos os alimentos, e ao mesmo tempo fortalecem o seu estomago e aparelho digestivo. Quer V. S. um novo estomago? Tome hoje Pastilhas do Dr. Richards.



## O assumpto da conversa

NOS 365 dias que tem o anno, o assumpto é sempre o mesmo, em todo o mundo, entre dois automobilistas que se encontram: os serviços que lhes têm prestado o BOYCE MOTO-METER, poupando-lhes tempo, dinheiro e aborrecimentos. Si o vosso carro não está ainda munido de um BOYCE MOTO-METER, não tendes nenhum meio de conhecer o desarranjo que se está preparando no motor occulto ás vossas vistas.

Não confieis no acaso. Protejei-vos contra despesas e aborrecimentos. Confiae a um BOYCE MOTO-METER o encargo de avisar-vos a tempo do desarranjo, antes que se produza qualquer damno grave. Uma coisinha de nada, como o rompimento da correia do ventilador, a falta de agua no radiador, ou de oleo no "carter" pode arruinar o vosso motor e causar-vos enorme despesas. Um BOYCE MOTO-METER previne-vos do desastre com 10 a 15 minutos de antecedencia.

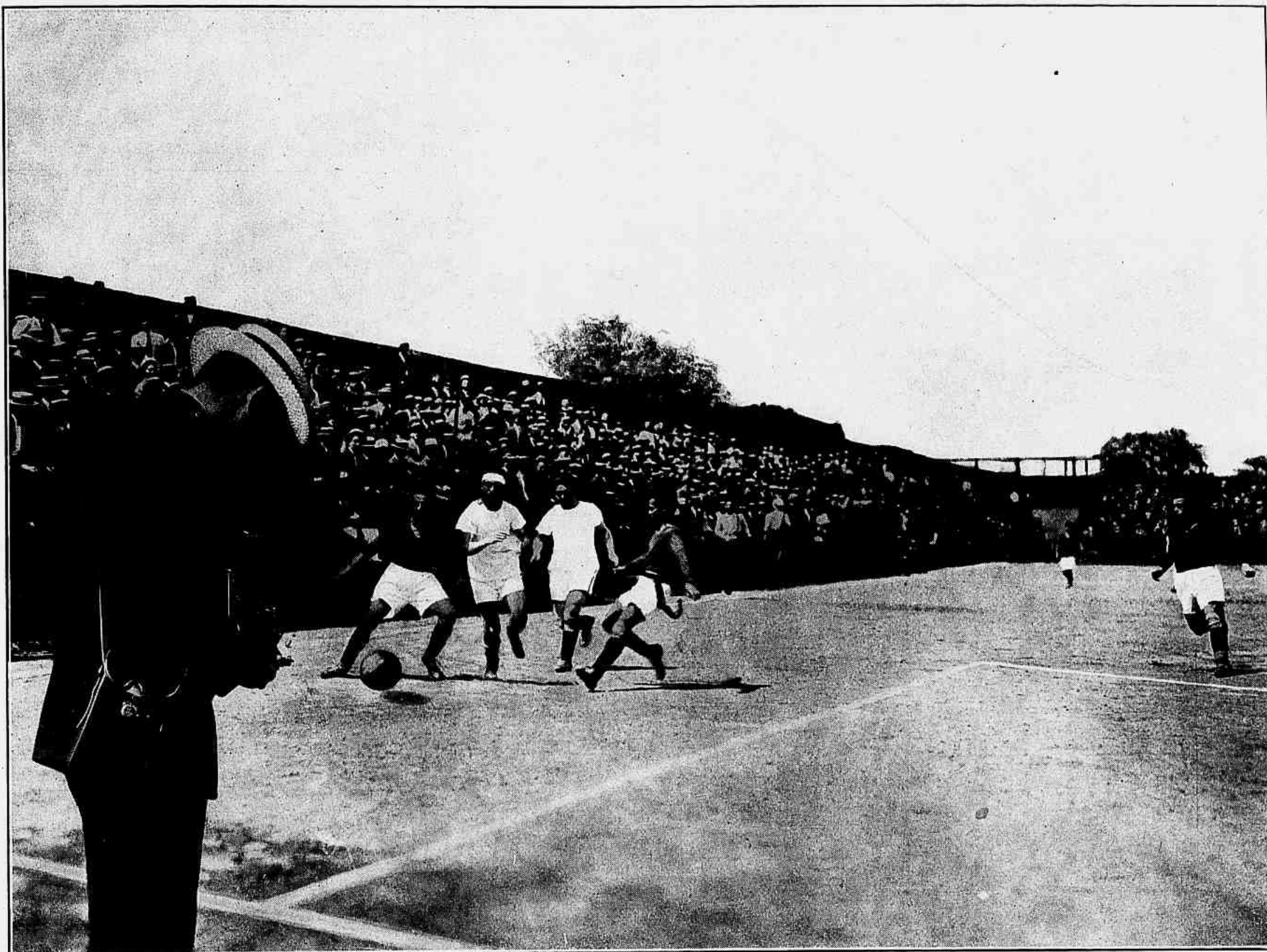
Os BOYCE MOTO-METERS estão ao alcance de qualquer bolsa. Fabricados com esmero e de bello acabamento, elles ornamentam o vosso automovel, e servem, como tamanho e modelo, para todo typo de carro.

Compre um

# BOYCE MOTO METER

"O vosso carro merece um"

THE MOTO-METER COMPANY, Inc.  
Long Island City, N. Y., E. U. A.



## As Kodaks *Especiaes*

As partidas mestras, os passos brilhantes, os pontos culminantes de qualquer torneio desportivo, tudo se pode retratar com uma Kodak *Especial*.

Por sua objectiva Kodak Anastigmatica *f.6.3* e seu obturador Kodamatico, as Kodaks *Especiaes* são chronicistas graphicos dos desportes.

*Peçam-nas aos commerciantes do genero*

Kodak Brasileira, Ltd., Rua Camerino 95, Rio de Janeiro

Ilustração  
Brasileira



U D  
S W I E R T Z  
BERLIN  
DESENHO REGISTRADO

O REI DOS BONS PERFUMES

# Fanai DE LOHSE

Em todas as perfumarias finas  
Agentes geraes

Rio :  
Rua Buenos Aires. 87  
Caixa 902.  
Teleph. N. 5079

A. M. BITTENCOURT & C.

S. Paulo :  
Rua 15 Novembro, 56  
Caixa 2027.  
Teleph. C. 5266

## Oração às arvores

pronunciada pelo dr. José Marianno (filho) na festa da Arvore



**V**ELHO parque silencioso, cujas alamedas sombrias se povoam neste instante do espirito invisivel dos grandes mestres que te amaram: Bosques sagrados de Jurema que abrigastes a cohorte invencivel dos guerreiros tupys, e ouvistes a voz rouca da inubia terrivel reboar em clangores pe'as varzeas sem fim:

Jequitibá gigante, rei da floresta brasileira, dominando sobranceiro os pincares alcantilados, a ramaria densa sacudida pelo vento forte da borrasca:

Arvores dadivosas, de cujo seio generoso desabrocham em catadupa os fructos sazonados:

Gamelleiras bravias, titans monstruosos das selvas, enlaçando com as raizes tentaculares as arvores de em torno; no regaço de tuas sapopembas altas o caçador transviado encontrará guarida, e dormirá confiante, á luz bruxoleante dos vagalumes errantes.

Cesalpíneas airosas, princezas das selvas! Eu vos reconheço a juba rendilhada e crespa, como um lençol de espuma verde ondulando.

Arvores excelsas da matta fecunda; canelleiras esgu'as como corças selvagens, ubatans frondosas abrindo ao sol radioso o pallio glauco da copa immensa:

Juaseiro virente que abrigas sob o docel de tua ramagem espessa o viandante exausto, e a alimaria faminta, quando o sol implaçavel do Nordeste adusto cresta os prados, estanca as fontes, e espalha em derredor a morte:

Velhas arvores centenarias que estendeis em supplica para o céu a fronde immensa, coroada de flores:

Mangueiras paradisiacas — cathedraes verdes dos tropicos — esparzindo os fructos de ouro sobre a relva dos caminhos do matto:

Ipê magestoso, que buscas com as tuas raizes profundas o ouro da terra com que douras as flores que o vento brando da tarde d'spersa em rede-moinho sobre os valles tranquillos:

Palmeiras senhoriaes, sentinellas augustas da casa brasileira hospitaleira e amiga; burityes solitarios perdidos na linha esbatida do horizonte longinquo:

Arvores boas que nos embalaram o somno descuidoso da meninice, testemunhas de nossas ingenuas travessuras!

Floresta opulenta do Brasil, que guardas nas tuas entranhas o thesouro opimo que o homem colherá um dia — lembra-lhe agora — no momento sincero em que elle se approxima de ti, todo o esquecido bem que lhe tens feito.

Tu lhe offereces o precioso lenho para seus misteres domesticos e agricolas, o combustivel para suas industrias. Tu lhe dás o tecto de sua casa, a cumieira de seu casal feliz, e o cabo do arado que lavrará a terra. Tu lhe offereces a sombra de teu regaço, e os fructos de sua seiva, e nos velhos troncos carcomidos, o capitoso mel das abelhas sylvestres.

Tu proteges com o teu manto os mananciaes de onde jorra o crystal de agua pura. Purificas e saneias a atmospheria, e, descendo em vertiginosa carreira por alcantis violentos e perambeiras rudes, evitas com o teu proprio corpo que as aguas impetuosas das enxurradas se precipitem sobre os valles cultivados.

Recorda-lhe tambem, ó floresta bendita, que o homem máo que levou impiedosamente o fogo e a ruina ao teu seio fecundo, ainda expia as penas eternas no seu grande erro.

Abatidas as arvores seculares que lhe defendiam a fertilidade do sólo, elle viu desolado a terra outr'ora inexaurivel transformar-se lentamente em carrascaes estereis. Seccaram as fontes. Crestaram-se as colheitas. Fugiram espavoridos os animaes sylvestres, e o homem máo que não soube amar e defender a floresta, abandonou a herdade maldita.

Creanças que me ouvis! Guardae no melhor logar do vosso coração a lembrança desta festa.

Não esqueçaes nunca que a arvore vive para vosso exclusivo bem; e que a sua propria vida é toda uma epopéa de sublime renuncia pela vossa felicidade.

Amae e defendei as arvores!

Ellas estarão sempre convosco. Do seu lenho fareis, mais tarde, o pequenino berço para vossos filhos, e no proprio esquife que vos conduzirá um dia ao seio da terra, sentireis a presença da arvore vossa amiga, e vossa protectora...

# Os nossos índios não comiam gente

(Dialogo sobre o mytho da antropophagia.)

de Carlos Maul

MARCOS

Então, os índios americanos não comiam carne humana?

SEGISMUNDO

Não comiam. É uma calúnia que a historia está fazendo durar muito tempo.

MARCOS

Mas os historiadores não mentem. Elles têm, provado as suas afirmações com documentos.

SEGISMUNDO

Documentos? Phantasias. Argumentemos com logica, raciocinando, sem paixão. O que dizem os historiadores, de positivo, sobre a antropophagia dos primeiros habitantes da nossa terra?

MARCOS

Basta o caso do bispo Sardinha...

SEGISMUNDO

Romance, meu caro. O bispo morreu afogado. O resto é novela. Quem viu os selvícolas se banquetear com o corpo do padre victima do naufragio de uma embarcação?

MARCOS

Acredito na desaparição dos documentos. Por que não admitto um historiador digno de respeito citar um facto sem as provas, sem ao menos a indicação das origens.

SEGISMUNDO

Sou menos radical. Entre a historia e a licção a differença é quasi nulla. Tramam-se "historias" os contos de fadas para deslumbramento das crianças. A importancia da historia depende dos intuitos de quem a escreve e do ponto de vista em que nos collocamos.

Nas monarchias ella é fabricada pelos escribas dos reis, nos institutos fundados especialmente para perpetuar os nomes illustres da dynastia imperante.

MARCOS

Desviamo-nos do assumpto da nossa conversa. Falava-mos da antropophagia dos índios...

SEGISMUNDO

Desvio apparente. Defendi a minha these de que a historia merece pouco mais credito, como obra de verdade absoluta, do que a lenda. Uma e outra se baseam na realidade, deformando-a. Esse caso da antropophagia dos pobres selvagens americanos é uma lenda monstruosa...

MARCOS

Com base na realidade?

SEGISMUNDO

Tenho lido muito sobre essa materia. Desde pequeno que me atormenta o espirito a idéa de que

sou descendente de povos que devoravam os seus semelhantes. Meu pae me dizia sempre: "a tua bisavó era india e provinha em linha directa dos tamoyos. Não sei se descendia de algum grande da tribu, porque não vi nenhum documento e ella não me conheceu. O teu avô, que foi meu pae, indio cruzado com francez, contava-me, porém, com immenso orgulho as façanhas da sua raça..."

MARCOS

E teu pae nunca, alludiu á antropophagia?

SEGISMUNDO

Nunca. Aliás, perdi-o quando completava oito annos. Per elle fiquei apenas sabendo ser tamoyo meio-sangue. Logo que me cahiu sobre os olhos infantis o primeiro compendio narrando a tragedia do bispo Sardinha senti uma dolorosa e profunda melancolia. Isolei-me dos camaradas no collegio. Eu que aprendera com meu pae a admirar a bravura da minha estirpe, descendente de uma horda que se alimentava com os despojos dos seus prisioneiros... Nem os civilizados na guerra moderna chegaram a isso...

MARCOS

Talvez os teus parentes constituissem uma excepção...

SEGISMUNDO

Tratei de estudar a materia. Vasculhei bibliothecas. Li sociologos e ethnologos. Certa vez uma phrase de Humbolt impressionou-me: "Nenhum povo é mais agradecido do que o Caribe quando se o trata com cortezia; mas não se deve esquecer que é em extremo vingativo, se se o offende injustamente." O sabio allemão não se referira á minha raça. Em todo o caso tratava de índios americanos. Era um consolo e um estímulo a novas investigações nos alfarrabios. Colombo ao saltar no Haiti, registrou no seu diário: "Mostrei a uns índios canella e pimenta... Reconheceram-nas e disseram, por mimica, que nas proximidades existia muito daquillo."

Passei a estudar os aztecas e os incas, mais civilizados. Nem Cortez nem Pizarro foram devorados, e não me consta que da sua tropa algum o tivesse sido...

MARCOS

Excepcionalmente. Cortez e Pizarro eram de boa linhagem, figuras de cavalheiros habeis e cultos. Os índios, inferiores, deviam respeitá-los...

SEGISMUNDO

Cultura? Habilidade? Boa familia? Oviedo, seu contemporaneo, diz que Pizarro era filho de Francisca Gonzalez, uma pobre mulher, e provavelmente de um capitão Gonzalez Pizarro de quem herdou a inclinação militar. Gomora, acrescenta a essa biographia: "Atiraram-n'o á porta de uma igreja. Não se encontrando quem lhe quizesse dar leite, mamou uns dias numa porca."

Eis a familia... E a cultura? Porqueiro na Extremadura e conquistador do Perú...

MARCOS

Ha provas disso?

(Termina no fim do numero)



SENHORA ANGELA VARGAS BARBOSA VIANNA

*Artista de dizer, que foi a creadora da declamação no Brasil, e uma das figuras mais queridas da alta sociedade do Rio de Janeiro.*

# Momento de uma vida gloriosa

O Rio Grande do Sul, onde elle nasceu, e todo o Brasil que se orgulha de possuir a sua memoria entre as mais bellas da patria, lerão com prazer os dois pequenos discursos desta pagina. O primeiro, do então Coronel Manoel Deodoro da Fonseca. O segundo do general Osorio. Ambos pronunciados quando foi offerecida ao grande soldado da campanha contra o Paraguay uma espada pelo Exercito Brasileiro:

General: “— Os officiaes que no Exercito Imperial tiveram a fortuna de servir sob as vossas ordens, na campanha contra o Governo do Paraguay, reuniram-se, por voto do mesmo Exercito, para que vos fosse dado um duradouro signal que patenteasse a amizade e admiração condignas de vossas acções. A historia dessa grandiosa campanha, onde o vosso nome faz lembrar os postos militares do Passo da Patria, Tuyuty, Humaytá, Avahy e outros; onde a vossa espada abria o caminho da gloria e guiava os soldados da Alliança; onde a vossa intrepidez e o valor calmo e reflectido davam aos combates victoriosos resultados; onde os vossos feitos, em tempo algum excedidos, levaram á posteridade o nome—Osorio—que, por si só, muito quer dizer na vida militar; essa historia, General, está escripta em letras de ouro no mimo que aqui vêdes e que bem exprime uma guerra e suas consequencias victoriosas a par do nome—Osorio— verdadeiro emblema do sublime e heroico militar. Tudo isso, General, deu logar aos sentimentos de amizade e admiração consagradas por vossos commandados e a honra e o prazer de hoje entregar-vos esta offerta como prova do muito que vos querem: recebei-a, General, que é de coração.”

Osorio, commovido, recebeu a espada, proferindo estas palavras:

“Sr. Coronel. — Entre as honras com que me têm distinguido o Governo do paiz, os Governos Alliados e os nossos compatriotas, pelos serviços que prestei á Patria, á Alliança e á Liberdade, na America, nenhuma é mais sensivel ao meu coração do que esta que hoje me confere por vosso intermedio, o valente Exercito que tive a sorte de commandar. Ao seu patriotismo e inexcedivel bravura devo as victorias que alcancei, e nossa Patria querida o brilho de suas armas e a gloria de sua bandeira. O Exercito é o verdadeiro apreciador dos trabalhos que juntos soffremos, dos obstaculos que encontramos, das difficuldades que vencemos; é elle, pois, o juiz imparcial dos serviços prestados á causa nacional nessas asperas campanhas das planicies das terras do Paraguay. E' por isso que me acho em extremo penhorado pelo quinhão com que generosamente me brinda o victorioso Exercito Brasileiro na partilha das glorias que conquistou em tão dura guerra, e peço-lhe, Sr. Coronel, que como um dos heroes que fostes desta guerra, acceiteis, para transmittir a nossos camaradas, a manifestação da profunda gratidão que voto ao heroico Exercito vingador das in-

júrias da Patria, e os sentimentos que me inspiram o seu valor, o seu devotamento e incomparavel abnegação.”

DESCRIPÇÃO DA ESPADA — Já havia regressado Osorio, quando o Exercito, ainda no Paraguay, promoveu uma collecta, entre officiaes e soldados, para offerecer-lhe uma espada de honra. As contribuições foram reduzidas a libras esterlinas e ao então Coronel Manoel Deodoro da Fonseca foi deferida a incumbencia de promover a execução do projecto.

A espada é de fino aço, tendo o punho e a bainha de ouro, guardados de bellissimos adornos. A bainha tem a extremidade contornada por um dragão que sustenta um globo de platina sobre o qual se acha um anjo de pé, apontando para uma estrella, em seguida notam-

se entre trophéos, uma aguia, um leão e a figura da fama; por ultimo num esmalte, o brazão de armas do Marquez de Herval. Todos esses emblemas são circumdados de ramagens de carvalho e de louro, lendo-se as seguintes inscripções: *Passo da Patria — Tuyuty — Humaytá — Avahy.* — O reverso da bainha é de ouro polido, tendo, junto ao punho, um quadro em esmalte azul, onde se lê em letra de ouro: *Campanha do Paraguay.* O punho termina por uma cara de leão com olhos de rubi, pendendo da bocca uma corrente de ouro com uma borla. Na guarda do punho enrosca um dragão, tendo encrustados vinte e cinco grandes brilhantes, diamantinos e, um pouco acima, ha uma miniatura em esmalte, rodeado de brilhantes, representando uma batalha em que se vê Osorio a cavallo. Do outro lado do punho fica, tambem, num esmalte verde cercado de brilhantes, a dedicatória: — “O Exercito ao bravo Osorio”.

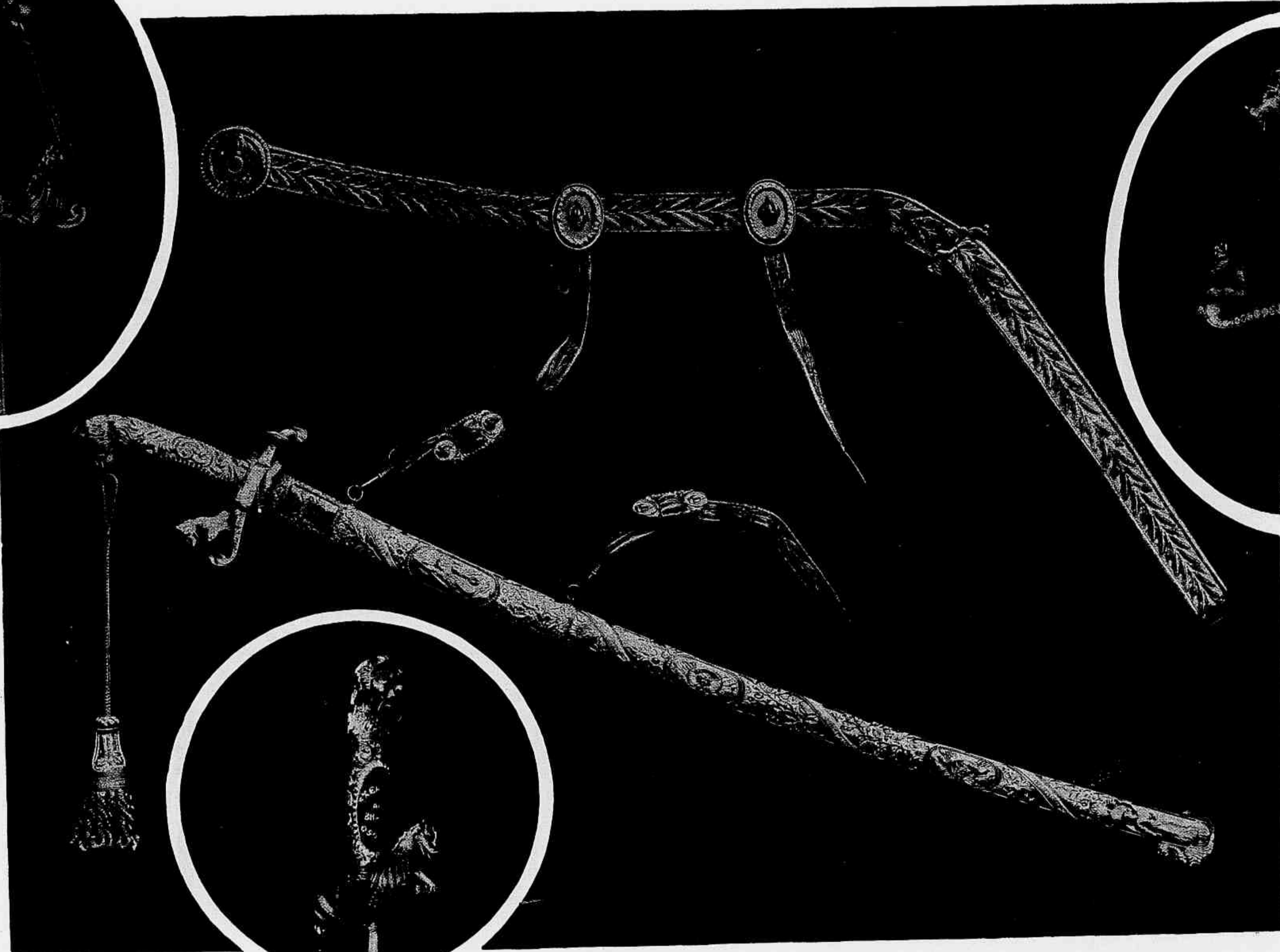
O talim é forrado de velludo e bordado a ouro. Apresenta diversas medalhas, destacando-se um medalhão com quarenta e oito brilhantes e a corôa imperial. A espada é uma verdadei-

ra maravilha de cinzeladura. Foi toda preparada nas officinas do celebre artista-ourives Manoel Joaquim Valentim, que tinha o seu estabelecimento na rua dos Ourives numero 61, entre as ruas Sete de Setembro e Ouvidor. Quem fez o desenho primitivo foi o conhecido artista Facechinetti, os modelos das figuras e das ramagens preparou-os Chaves Pinheiro, e os demais desenhos couberam a Victor Meirelles e a Pedro Americo. Como cinzelador trabalhou um artista portuguez que na occasião (1870) se achava de passagem no Rio de Janeiro.

De todos os ourives que tomaram parte do preparo da espada só resta o Sr. Valentim José Nauerth, que ainda exerce a mesma profissão e a quem devemos estes esclarecimentos. O director do trabalho, que sem excepção de uma só peça foi todo executado nesta Capital, Manoel Joaquim Valentim, veio a morrer cego e com mais de oitenta annos.



O General Osorio, Marquez de Herval



UMA  
RELIQUIA  
DA  
FAMILIA  
DO  
GENERAL  
OSORIO,  
MARQUEZ  
DE  
HERVAL

A ESPADA OF-  
FERECIDA  
AO NOBRE CA-  
BO DE GUERRA  
PELO EXERCI-  
TO BRASILEIRO  
NA GUERRA DO  
PARAGUAY

Quindos  
1925

# Professor Paul Janet.

Teve um cunho de brilhantismo excepcional a recepção do professor Paul Janet, na Escola Polytechnica, quando aqui esteve ha pouco. Estavam presentes á sessão solemne o ministro da Justiça, o director do Departamento Nacional do Ensino, o reitor da Universidade do Rio de Janeiro, toda a congregação daquelle estabelecimento de ensino, professores dos demais institutos de instrução superior e numerosas outras pessoas de evidencia no nosso meio intellectual e social.

O illustre scientista francez foi saudado pelo director da Escola Polytechnica, professor Tobias Moscoso.

Orou, em seguida, o professor Pantoja Leite, cathedratico de Electrotechnica e antigo alumno do Sr. Paul Janet, que fez a apologia da Electricidade, estudando o seu papel preponderante no progresso humano, e terminou saudando a França, patria de Ampère e da Electrotechnica.

O discurso de agradecimento do professor Janet foi uma delicada homenagem aos brasileiros e ao Brasil, a que o prendem, como accentuou, longinquas recordações de infancia.

Seguiu-se a conferencia do illustre scientista sobre "Ampère, sua vida e sua obra", notavel trabalho de erudição scientifica, pontilhado de notas interantissimas sobre o labor e a vida de verdadeiro criador da Electrotechnica.

## A SAUDAÇÃO DO PROFESSOR TOBIAS MOSCOSO

Monsieur le Professeur.

Aucun devoir ne saurait me rendre plus fier du poste qu'on vient de m'assigner depuis quelques jours dans cette école que celui de vous souhaiter la bienvenue. La valeur de vos travaux, votre vie dévouée toute entière au culte de la science, vos leçons, vos beaux mémoires, vos excellents ouvrages témoignent d'un esprit profond et plein de finesse qui expose des idées nettes, la façon dont vous réussissez à rendre faciles des vérités plutôt arides et quelquefois très subtiles, voilà les grandes raisons de la renommée que vous avez acquise. Elle vous a précédé depuis longtemps et nous nous rendons compte exactement de l'honneur que vous nous accordez en venant chez nous faire une suite de conférences qui comptera comme un nouveau jalon sur la route historique de notre cher institut.

Monsieur le Professeur Pantoja Leite, votre ancien élève, qui tient aujourd'hui la chaise d'électrotechnique générale, a accepté avec empressement la bonne charge de présenter à votre auditoire un aperçu de vos titres et mérites. Sans doute, cette présentation n'est nullement nécessaire. Tout de même, nous nous sommes mis d'accord pour qu'on la fit. Et d'abord parce que très souvent il n'y a d'essentiel que le superflu; puis et surtout, parce que c'est toujours un plaisir que d'entendre répéter l'éloge d'un savant.

Seulement, chez vous, mon cher Professeur, le savant se double de l'artiste — et d'une façon fort heureuse. Il suffit de s'entretenir avec vous, et pas très longuement d'ailleurs, pour s'en rendre compte. Tout en demeurant savant par la probité des jugements et la précision scrupuleuse des connaissances ou vous vous êtes rendu remarquable parmi les compétences les plus illustres du monde scientifique, non seulement en Sorbonne mais en France et à l'étranger, soit que vous envisagiez, en technicien, des détails très menus, soit que vous traitiez avec un esprit philosophique, des conceptions générales, vous tenez toujours à vous exprimer par des paroles dont la tournure révèle l'homme de lettres accompli que Monsieur Janet aime à être, même sans s'en apercevoir.

Ce n'est pas tout, pourtant, car il vous plait de faire exprès des incursions dans le domaine littéraire. E, avec que succès! C'est ainsi que dans cette séance même votre auditoire aura le bonheur

de constater qu'en parlant d'André-Marie Ampère, sa vie et son oeuvre, vous ferez preuve d'une érudition anecdotique, d'une élégance de style, d'un tempérament d'historien, et de poète qui se trouvent rarement réunis chez un pur savant de votre haute taille. Vous allez nous raconter, comme un parfait homme de lettres ne le ferait mieux, les épisodes les plus frappants de cette vie, pleine de gloire et de souffrance, qui commença dans une simple maison de campagne, à Poleymieux, pour finir au cours d'une tournée d'inspection générale, quand l'admirable génie, membre de l'Institut comme vous, s'attachait à terminer un important ouvrage sur la classification des sciences. Vous étudierez, avec une profonde connaissance du sujet, l'oeuvre du savant, oeuvre féconde, poursuivie ardemment depuis ses "Considérations sur la théorie mathématique du jeu" jusqu'à sa "Note sur la chaleur et la lumière considérées comme résultant de mouvements vibratoires", jusqu'à la découverte de la loi générale des attractions et répulsions électro-magnétiques, à l'hypothèse célèbre sur l'égalité du nombre des molécules renfermées dans tous les gaz sous le même volume et aux deux mémoires sur l'intégration des équations aux dérivées partielles dont un de ses biographes nous dit que, "à eux seuls, ils suffiraient pour lui faire occuper une place distinguée parmi les mathématiciens de notre époque."

J'ose estimer que vous avez bien fait de choisir ce sujet, pour votre première conférence. Nous avons, en effet, dans la critique des travaux d'Ampère une occasion de constater, encore une fois, que ce qui donne à l'esprit scientifique, en même temps, la force et le charme c'est qu'il ne se tient pas pour bien penser et découvrir à la seule raison, mais qu'il s'éclaire aussi de l'imagination. Quoique des philosophes trop exigeants prétendent que cette vertu intellectuelle n'a guère de rôle à jouer dans l'avancement de nos connaissances, on ne saurait pourtant lui refuser un mérite légitime à plusieurs égards dans le domaine scientifique.

Certes, il faut bien comprendre que l'imagination toute seule, si elle ne prend pas pour guide et collaboratrice la raison, chercherait vainement la route de la vérité et n'aboutirait qu'à la beauté de quelques créations fausses — et d'autant plus attrayantes qu'elles sont fausses.

Mais, combien de fois, là où la raison froide ne réussit pas à se frayer le chemin, vers la découverte, c'est l'imagination qui tout d'un coup, dissipe les ténèbres et révèle par où l'on doit marcher. Il ne faut pas amoindrir et méconnaître le prestige véritable d'aucune de ces deux soeurs jumelles qui aiment à s'entendre et à s'entraider plus souvent que ne le croit un esprit vulgaire ou irréfléchi. Et c'est en faisant toujours entre les deux une harmonie opportune et gracieuse que vous êtes arrivés, vous même et vos égaux, à bâtir de toutes pièces ce monument de la science française dont s'honore l'humanité.

Car c'est servir deux fois la vérité que de la rechercher avec deux outils également nobles et puissants qui ne se contredisent nullement. Pascal, qui n'aimait pas les philosophes, à une époque où l'on croyait voir une distance considérable, sinon une antithèse, entre la philosophie et la science, prétendait que l'imagination est "une superbe puissance ennemie de la raison, qui se plaie à la contrôler & à la dominer, pour montrer combien elle peut en toutes choses." Et il ajoutait que "l'imagination ne peut rendre sages les fous, mais elle les rend heureux, à l'envy de la raison, qui ne peut rendre ses amys que misérables, l'une les couvrant de gloire, l'autre de honte."

Passons ce jugement amer qui déprécie en même temps les deux ressources du talent et rappelons-nous que l'homme de génie qui l'a énoncé était quand même un philosophe, malgré lui, et que, non pas à force de raisonner tout simplement mais grace aussi à sa haute imagination, il conçut, quelques siècles avant la découverte des électrons, l'idée, dont ses écrits nous témoignent, que dans l'atome il y avait peut-être tout un monde.

Que donc la raison ne méprise point l'imagination, qui bien des fois la devance comme une lampe aussi merveilleuse que celle d'Aladin. Combien d'idées et de conceptions hardies, condamnées tout d'abord comme folies par l'incrédulité de savants trop bornés qui se croyaient guidés par la seule raison, ont été plus tard reconnues vraies comme prévisions d'esprits supérieurs où la pensée

ne se passait point de l'imagination? Qu'est-ce qu'une théorie généralisatrice qui d'un fait particulier, constaté par l'expérience, en étend à toute une foule de faits analogues, avant qu'on puisse en faire la constatation, les principes et les lois? Est-ce la raison pure qui y travaille ou bien plutôt l'imagination? Et, pourtant, voilà un événement qui se reproduit à chaque instant dans l'histoire de la science et qui apporte à l'esprit de recherche les bienfaits les plus heureux et les fruits les plus profitables.

Rentrent dans ce vaste domaine les postulats sur lesquels se fondent les sciences, ainsi que les hypothèses telles que celle de l'éther, même les hypothèses inconscientes que, comme nous le montre Poincaré, ont été faites justement par les fondateurs de l'électrodynamique et, à leur tête, le grand Ampère, dont vous allez nous parler avec autant de connaissance que d'émotion. D'ailleurs c'est le génie de Poleymieux lui-même qui nous l'assure dans une correspondance dont vous reproduirez tout-à-l'heure quelques passages intéressants.

Mais il ne serait pas sans propos de rappeler ici des paroles dues à Claude Bernard, d'ailleurs si admirable expérimentateur que, comme l'a dit un de vos plus grands écrivains, personne ne fit parler la nature avec une si merveilleuse sagacité. Ecoutons-le: "Toute l'initiative expérimentale est dans l'idée, car c'est elle qui provoque l'expérience. La raison ou le raisonnement ne servent qu'à déduire les conséquences, de cette idée et à les soumettre à l'expérience." Et le créateur de la physiologie moderne ajoutait que la première condition que doit remplir un savant qui se livre à l'investigation dans les phénomènes naturels c'est de conserver une entière liberté d'esprit assise sur le doute philosophique. Et il concluait que si une idée se présente à nous, nous ne devons pas la repousser par cela seul qu'elle n'est pas d'accord avec les conséquences logiques d'une théorie régnante. Nous pouvons suivre notre sentiment et notre idée, donner carrière à notre imagination, pourvu que toutes nos idées ne soient que des prétextes à instituer des expériences nouvelles qui puissent nous fournir des faits probants ou inattendus et féconds..."

C'est ce qu'a fait le grand André-Marie Ampère, c'est ce que souvent vous avez fait vous-même Mr. le Professeur Janet, par exemple lorsque, très jeune encore, vous avez conçu votre première idée sur l'aimantation transversale des conducteurs magnétiques, c'est-à-dire sur le phénomène produit dans les corps magnétiques, tel que le fer, par des courants circulant, non plus autour d'eux, comme dans l'électro-aimant ordinaire, mais à leur intérieur. Vous avez agi de même lorsque, dix ans plus tard, vous fîtes vos remarquables recherches sur l'inscription électro-chimique des courants alternatifs, ainsi que sur la résonance en haute fréquence dans les oscillations électriques.

Et ce n'avait pas été autrement non plus quand vous aviez prévue la découverte de l'influence que le magnétisme exerce sur les phénomènes chimiques et, en particulier, sur la chaleur de combinaison du fer, aussi bien que sur la force électromotrice des piles.

Vous êtes, Monsieur le Professeur Janet, le digne représentant de cet esprit français, admirable par sa souplesse, qui, en réalité, ne se raidit pas dans des préjugés logiques inébranlables ni ne se referme dans aucune tour d'ivoire scolastique, mais qui, au contraire, s'inspire opportunément du doute philosophique donnant essort à l'imagination créatrice.

C'est là surtout que séjournent votre force de spéculation et votre adresse à contribuer si vaillamment aux découvertes scientifiques, tout en vous permettant de constituer, parmi d'autres peuples plus nombreux, plus riches et non moins dévoués au travail, une élite intellectuelle dont tous les gens cultivés se plaisent à reconnaître le savoir où la profondeur des conceptions se mêle aux raffinements de l'élégance.

Vous possédez cette vertu agréable de la juste mesure, vous cherchez la vérité avec bonne humeur et, quand vous l'avez trouvée, vous la présentez gentiment-habillée, avec le sourire, sans jamais avoir la prétension de l'imposer comme un dogme. C'est pour ça que nous vous aimons et que nous avons toujours façonné notre culture d'après la vôtre. Et c'est encore pour la même belle raison que nous

accueillons les savants et professeurs de France avec un si sincère et amical empressement.

Nous admirons consciemment votre vieil esprit, si d'accord avec le nôtre. Et, puisque je viens de faire allusion à votre vieil esprit, vous, cher maître, vous qui réunissez, d'une façon si enviable, l'amour respectueux de la science, l'enthousiasme des recherches, le dévouement du professeur et la beauté de la phrase, vous me permettrez de vous redire maintenant ces quelques paroles qu'Ernest Renan adressait, il y aura bientôt un demi-siècle, aux immortels qui le recevaient sous la coupole célèbre — "En conservant votre vieil esprit, vous conservez la meilleure des choses. Vous admettez tous les changements, tous les progrès, dans les idées, en maintenant pourtant les cadres et, de tous les cadres, le plus essentiel, c'est la langue", cette langue admirable qui, créée au dix-septième siècle, "est bien la même, qu'in ne trouve pauvre que quand on ne la sait pas et qu'on ne prétend enrichir que quand on ne veut pas se donner la peine de connaître sa richesse."

### RESUMO DO DISCURSO DO PROFESSOR PANTOJA LEITE

O professor Pantoja Leite começa com uma apologia feita á Electricidade, mostrando que o desenvolvimento assombroso, por ella alcançado, nos varios ramos da actividade humana, permite, hoje, considerá-la como base da civilização moderna. Invoca, para isso, o testemunho dos serviços com que essa força mysteriosa concorre em todas as manifestações de progresso. Lembra que a corrente electrica, intromettendo-se pelas usinas, pelos ateliers, pelos laboratorios, pelas praças publicas e pelo interior das habitações, transformou completamente as nossas industrias, os nossos habitos, os nossos methodos de trabalho, os nossos meios de communicações e de transporte e até as nossas condições de vida social. Diz que ella se apresenta por toda parte e, em toda parte, é a sua presença reclamada pelas varias formas de energia em que ella, com facilidade, se converte, e vae, assim, como *anima vitæ*, por baixo e por cima da terra, por baixo e por cima dos mares, pelo ar, cortado por ondas possantes que lançam, através do espaço, o pensamento dos homens e esperam a cada instante poder também lançar o proprio movimento. Nestas condições, o progresso da humanidade repousa sobre o progresso da Electrotechnica. Nada se faz, hoje, no sentido do progresso e do conforto do homem, sem o auxilio desta Sciencia. "As innumerables industrias", diz Daniel Berthelot, "que empregam milhões de operarios e movimentam enormes capitales, o telegrapho electrico, o telephone, todas as machinas que dispensam ao homem a energia electrica e são utilizadas nas usinas, nos *ateliers*, nos *tramways* e nas estradas de ferro, tudo isso nos é dado pela Electrotechnica." E o genio, de cujas mãos sahiram todas essas maravilhas, o sabio, que conseguiu fundar uma Sciencia tão fecunda em consequências tão prodigiosas; o bemfeitor da humanidade, que tantos beneficios espalhou por sobre a terra, chamava-se André Marie Ampère.

Ampère é o verdadeiro creador da Electrotechnica.

Com effeito, a Electrotechnica assenta, como se sabe, em duas grandes theorias: o **Electromagnetismo** e a **Inducção electromagnetica**. A primeira foi fundada por Ampère, em França; e a segunda por Faraday, na Inglaterra. Foi Ampère quem descobriu a propriedade capital da corrente electrica, qual a de crear um campo magnetico.

E' verdade que Oersted havia, antes, notado que a presença de uma corrente electrica produzia o desvio de uma agulha imantada. Essa experiencia constitue, porém, um facto isolado, que permitiu a Oersted, apenas lobrigar o phenomeno. Foi Ampère quem o comprehendeu, o estudou, e nelle encontrou os meios com que conseguiu desvendar os segredos mais occultos da Natureza, estabelecendo a theoria Electrodinamica, conhecida, hoje, pelo nome de Electromagnetismo.

Dez annos mais tarde, uma experiencia celebre, realizada por Faraday, mostrára que um campo magnetico, em certas condições, pôde produzir uma corrente electrica.

Essa memoravel experiencia constitue a base da Inducção electromagnetica.

Entretanto, se Ampère não houvesse reconhecido que uma corrente electrica produz um campo magnetico, a idéa do phenomeno inverso, isto é, que um campo magnetico pôde, por sua vez, também crear uma corrente, não teria accudido a Faraday, com tanta presteza e espontaneidade.

Sabe-se com effeito, que a descoberta de Ampère assim que foi annunciada, começou logo a atrahir, de modo especial, a attenção de todos os sabios. Em toda parte se repetiam as suas experiencias e se teciam commentarios em torno della.

Foi assim que, na Suissa, um joven physico de Genebra, de nome Colladon, meditando sobre esse

grande acontecimento, perguntára a si mesmo: Se uma corrente electrica gera um campo magnetico, porque razão um campo magnetico não poderia também gerar uma corrente electrica? E para se certificar dessa verdade, procurou realizar, alguns mezes antes de Faraday, a experiencia que ao sabio inglez deu a gloria da descoberta da inducção electromagnetica.

Esse facto mostra que a idéa da producção da corrente electrica por meio do campo magnetico, tinha attingido, naquella época, a um tal desenvolvimento, que a quasi todos os sabios ella preoccupava. E' bem possivel que o proprio Ampère, nas suas innumerables experiencias, tivesse conseguido ver o phenomeno e que a idéa da descoberta de uma theoria da Electricidade que, então, dominava o seu espirito, empolgando-o mesmo, houvesse relegado para segundo plano e melhores tempos o cuidado dessa experiencia especial.

Colladon não conseguiu realizar a sua idéa, unicamente por haver collocado o galvanometro, longe das suas vistas, no quarto visinho do em que executava a experiencia, levado pela falsa comprehensão que tinha do phenomeno. Elle suppunha que a simples presença do campo magnetico fosse sufficiente para gerar uma corrente electrica, nas espiras da bobina. Sabe-se, hoje, que essa condição é, apenas, necessaria, mas não sufficiente, sendo a corrente, como é, produzida pela variação e não, sómente, pela presença do campo.

No momento em que Colladon approximava o iman da bobina, o galvanometro, que estava intercalado no circuito desta, mas collocado á distancia, accusava, sem duvida, a passagem da corrente, sem que elle o visse, por se achar o aparelho fóra das suas vistas. E quando largava o iman e corria ao quarto visinho para surpreender o movimento, encontrava a agulha do galvanometro parada no zero. Assim deveria ser, porque, tendo cessado a variação do campo, causa da producção da corrente, esta deixava de existir e a agulha do aparelho voltava ao zero.

Se Colladon, naquella momento, dispuzesse de um auxiliar para apreciar o desvio da agulha do galvanometro, a gloria dessa grande descoberta, certamente, não lhe teria fugido das mãos.

Algum tempo depois, Faraday, na Inglaterra, sem ter conhecimento do que se havia passado na Suissa, repetia essa mesma experiencia, collocando, porém, o galvanometro na mesma sala, onde se encontrava a bobina e, então, pôde verificar o movimento da agulha.

A propriedade fundamental da theoria da Inducção electromagnetica estava assim descoberta. E a gloria que se escapára das mãos de Colladon, foi ter ás de Farady tornando o seu nome immorttal.

Das considerações que acabo de expender, resalta, com clareza e evidencia, que Ampère delineia e constróe uma theoria basica, apresentando-a tal como ainda hoje é, sem que ninguém, antes dello, houvesse, sequer cogitado do assumpto, emquanto que Faraday realiza a experiencia decisiva do phenomeno inverso, impellido pela descoberta de Ampère e no momento em que a solução já se apresentava latente e palpitante ao espirito de muitos dos sabios da época, que quasi todos della se preocupavam.

Dahi se conclue que a gloria de Ampère é muito maior do que a de Faraday, cuja descoberta, provavelmente, não se teria feito, se a de Ampère se não tivesse realizado. Por isso, pôde-se hoje considerar Ampère como o verdadeiro fundador da Electrotechnica.

A proclamação desta verdade não encontraria melhor oportunidade nem maior cabimento do que nesta secção solemne, em que nos reunimos para receber o grande mestre da Electrotechnica, a maior autoridade desta materia na Europa, o eminente professor Paul Janet que, por isso mesmo, é também director da Escola Superior de Electricidade de Paris, professor da Universidade dessa cidade e membro do Instituto de França; nunca essa proclamação teve tanto proposito como na occasião em que a França nos envia o grande mestre da Electricidade, para repartir connosco a grande somma dos seus conhecimentos, nessa especialidade.

Termina o discurso com uma saudação a França, patria de Ampère e berço da Electrotechnica.

Mesdames — Messieurs.

Mes premières paroles doivent être des paroles de remerciement pour l'accueil si chaleureux, si affectueux, j'ose le dire, qui m'attendait parmi vous; nos deux pays sont bien éloignés; le large Océan les sépare; et pourtant, en mettant le pied sur la terre brésilienne, cette "France antarctique" suivant une expression que j'ai rencontré dans notre vieux Montaigne, ce n'est, pas sur une terre étrangère que j'ai eu la sensation de débarquer: votre douce atmosphère, léame invisible et présente

de votre beau pays, m'enveloppaient, dès l'abord, de leur chaude sympathie.

Cette sympathie, cet accueil si plein de bonne grace, je les ai, pour ainsi dire, rencontrés à tous les pas dans votre belle ville de Rio de Janeiro; mais la magnifique réception dont vous me comblez aujourd'hui, en est le meilleur des résumés, et je voudrais vous dire, du fond du coeur, combien j'en suis ému et touché.

Je voudrais aussi, et surtout, exprimer ma profonde gratitude a toutes les personnes qui me font aujourd'hui le très grand honneur de se grouper autour de moi, et, tout d'abord à M. le ministre de la justice qui a bien voulu présider, à monsieur le récteur de l'Université, à M. M. les professeurs, à toutes les hautes personnalités qui ont bien voulu quitter leurs occupations absorbantes pour devenir quelques instants mes auditeurs; à tous je dis profondément merci.

Mais je voudrais faire une place toute spéciale à M. le directeur de l'Ecole Polytechnique qui, dans une langue impeccable, a bien voulu me faire de très grand honneur de me présenter à vous. Je ne vous reprocherai qu'une chose, mon cher directeur, ce sont les paroles trop élogieuses que vous avez bien voulu me consacrer: cette imagination, dont vous avez parlé en termes si forts et si précis, vous a, je le crains, entraîné beaucoup trop loin, et je e mérite pas les louanges, véritablement excessives, qu'avec une amicale indulgence, vous m'avez adressés. Mais, cette réserve faite je veux vous dire, combien je vous sais gré de tout ce que vous m'avez dit dans un français tel qu'une fois de plus il m'a fait regretter de ne pas vous répondre dans votre belle langue.

Je vous suis profondément reconnaissant de m'accueillir dans cette belle et savante Ecole Polytechnique de Rio de Janeiro, que vous dirigez avec tant de compétence et de dévouement, et dont la renommée s'étend bien au dela de vos frontières.

Il y a de longues années, en effet, que je connais et que j'apprécie ce grand centre de hautes études techniques brésiennes par ses ingénieurs si instruits, si distingués, si ouverts à toutes les grandes idées modernes, que j'ai eu le grand plaisir et le grand honneur de voir à Paris.

Parmi eux, je ne puis oublier que je compte un certain nombre d'élèves, et je puis le dire, autant d'amis.

M. le professeur Pantoja Leite est l'un d'eux et il su m'être particulièrement agréable en prenant comme thème de son introduction notre grand compatriote Ampère dont nous sommes très fiées, mais qui, par sa profondeur, par la clarté et la sureté toute classique de son oeuvre, appartient au genie latin tout entier et par consequent à vous également, messieurs. Je lui exprime ici toute ma reconnaissance.

Cet ensemble si riche si abondant remerciements publics que j'ai à vous adresser — et je m'excuse si j'ai pu en oublier — me prouve que dès maintenant je suis accueilli dans la grande famille brésilienne. Au reste — et voulez vous me permettre de rappeler une anecdote toute personnelle — le Brésil se mêle dans ma memoire à de lointains, souvenirs d'enfance: mon père, Paul Janet le célèbre philosophe membre de l'Institut, habitait à cette époque rue de Grenelle; une vieille maison historique, bien connue par sa fontaine monumentale du XVII siècle — la fontaine de Buchardon; nous avions à ce moment une vieille bonne alsacienne, depuis plus-de-vingt ans dans la famille; je l'entends encore venir me dire, avec cet accent alsacien si cher à nos oreilles françaises: l'empereur du Brésil est dans le cabinet de votre papa! Don Pedro était à ce moment confrère de mon père a l'Academie des Sciences Morales et Politiques et avait tenu, avec une simplicité toute philosophique, à rendre visite à mon père, dans son modeste cabinet de travail. Curieux et indiscret comme tout les enfants, je me souviens que je me glissai derrière une porte entrebaillée, et que je pu voir l'empereur du Brésil reconduit par mon père jusqu'au seuil de l'escalier; de ce jour de fais une idée impérissable de votre grande nation, et il me semble qu'aujourd'hui je réalise un rêve formé depuis bien longtemps.

### CONFERENCIA DO PROFESSOR PAUL JANET

Je voudrais, dans cette courte causerie, évoquer devant vous la mémoire d'un homme de génie qui, bien que pur savant, a eu une influence considérable sur l'industrie moderne, et dont les traits constituent une des figures les plus attachantes du début du XIX<sup>e</sup> siècle. Je veux parler d'André Marie AMPÈRE, le créateur de l'Electromagnétisme, mais aussi l'un des esprits les plus féconds, les

plus riches, les plus variés, qui aient existé. Mathématiques, Chimie, Sciences naturelles, philosophie, sans compter la Physique où il devait s'illustrer particulièrement il a tout abordé, non d'une manière superficielle et avec une facilité d'amateur ou de dilettante, mais avec une profondeur et une originalité que bien des savants, attachés toute leur vie au même sillon, auraient difficilement atteints.

De nombreux documents ont déjà été publiés sur Ampère.

Mais le plus précieux se trouvent dans les archives de l'Académie de Sciences.

Nous avons une tendance bien naturelle, lorsque nous abordons un de ces hommes exceptionnels, à chercher à le situer le mieux possible dans son temps et dans son pays : tout ce que nous pourrions apprendre de sa famille, de son milieu, de sa vie intime sera un fil conducteur qui nous permettra de mieux comprendre le développement de sa pensée et de ses sentiments, et, pour tout dire, de découvrir l'homme derrière le savant.

Les ancêtres d'André Marie Ampère furent obscurs, et pourtant il est bien intéressant de les rechercher le plus loin possible. Si nous nous bornons à la lignée masculine, nous trouvons dès le XVII<sup>e</sup> siècle un Claude Ampère qui fut tailleur de pierres ; son fils, Jean-Jacques Ampère devint maître maçon : le fils de celui là, François Ampère fut marchand fabricant en étoffes de soie ; le suivant, Jean Jacques Ampère, le père d'André Marie, lui succéda comme négociant en soie. Nous ne saurions trop admirer l'élévation progressive de cette humble famille dont toutes les forces semblent tendre dans la suite des siècles, à la production de cet être d'exception que fut André Marie AMPE'RE ; famille de travailleurs où la tradition se conservait soigneusement, si nous en jugeons par ce prénom de Jean-Jacques qui revenait régulièrement de deux en deux générations, et qu'André Marie Ampère devait lui-même donner plus tard à son fils, le dernier du nom.

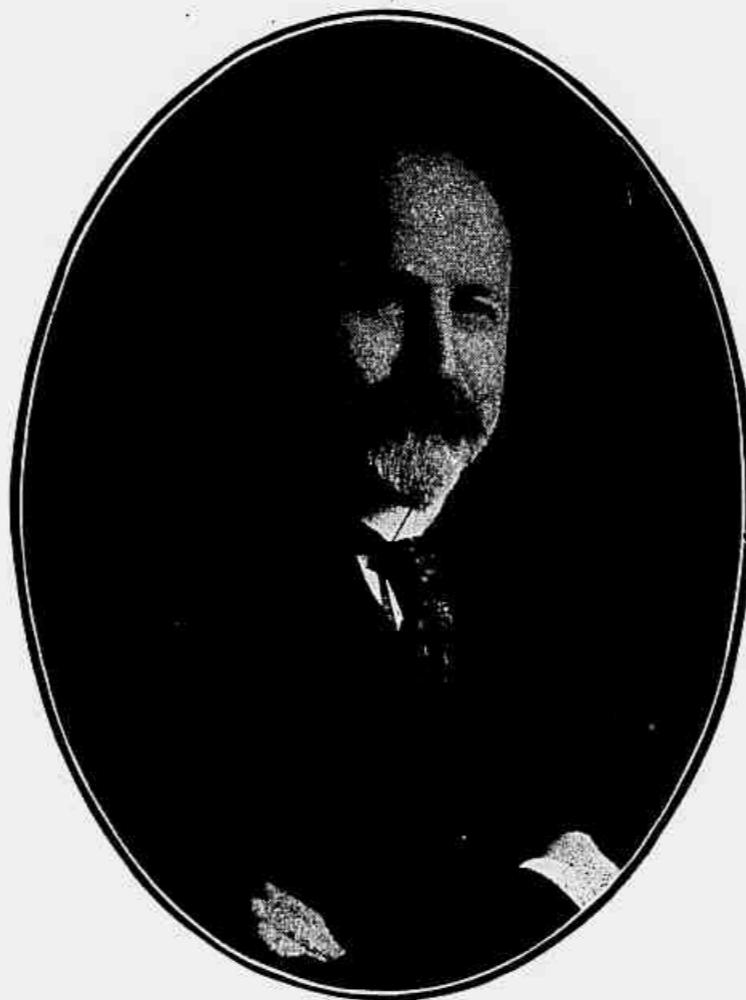
Jean-Jacques Ampère, le père du nôtre, épousa le 16 juillet 1771 Jeanne Antoinette Desultière-Sarcey — encore un nom bien connu, quoique moins illustre, puisqu'à cette famille Sarcey devait appartenir plus tard le critique dramatique Francisque Sarcey, surnommé *notre oncle*, dont les hommes de ma génération ont fort goûté le robuste bon sens et l'esprit bien français. Le jeune ménage débutait dans la vie avec une certaine aisance, puisqu'on peut estimer à 100.000 livres sa fortune. Jean-Jacques Ampère, venait, le 30 juin précédent, de faire l'acquisition pour 20.000 livres, dont 6.000 de mobilier, d'une simple, mais charmante maison de campagne située à Poleymieux, à 10 kilomètres au nord de Lyon, non loin du village de St. Germain au mont d'Or ; si dès le début je parle de cette acquisition, c'est que Poleymieux résume toute l'enfance et toute la jeunesse d'Ampère.

N'avons nous pas tous ainsi des souvenirs précieux où un nom, la silhouette d'une vieille maison qui n'est plus, la vision de la famille disparue évoque devant nous, jusque dans notre vieillesse, les images qui nous sont les plus chers, Poleymieux fut tout cela pour Ampère, et bien souvent dans les tristes jours qu'il a traversés, il a du revoir se toit où, très heureuses, s'étaient écoulées ses jeunes années.

Pendant une dizaine d'années Poleymieux fut une simple maison de campagne ; la famille habitait Lyon ; c'est pour tal à Poleymieux que naquit, André Marie Ampère le 22 janvier 1775. Son père, esprit très cultivé, résolut de se charger seul de son éducation et de son instruction. De cette résolution date

évidemment à la fois la grande puissance intellectuelle et la grande originalité d'Ampère, mais aussi ses imperfections, son inaptitude à comprendre la vie de société, sa maladresse, sa gaucherie, ses distractions légendaires que quelques années de voisinage et de frottement avec petits camarades de son âge auraient sans doute atténuées. C'était l'époque où l'influence de Jean-Jacques Rousseau était à son apogée, et l'on peut croire que c'est l'Emile que Jean-Jacques Ampère prit comme modèle pour l'éducation de son fils. Aussi l'enfant poussé-il en pleine liberté, recevant plutôt des leçons de choses qu'une instruction régulière. Voici comment plus tard, dans une auto-biographie où André Marie Ampère parle de lui-même à la troisième personne, il décrit ses années d'enfance :

"Avant de pouvoir lire, le plus grand plaisir du jeune Ampère était d'entendre des morceaux de l'histoire naturelle de Buffon. Il demandait sans cesse qu'on lui lût l'histoire des animaux et des oiseaux dont il avait appris depuis longtemps, il ne lisait point encore, et à en regarder les figures. La liberté qu'on lui laissait de n'étudier que quand il lui plaisait



Professor Paul Janet

de le faire, fut cause que, quoiqu'il sût épeler depuis longtemps, il ne lisait point encore, et c'est en s'exerçant seul à comprendre l'histoire des oiseaux qu'il apprit à lire couramment. Bientôt la lecture des livres d'histoire et des pièces de théâtre qu'il trouvait dans la bibliothèque de son père l'attacha autant que celle de Buffon. Il se passionnait pour les Athéniens et les Carthaginois et prenait en haine les Lacédémoniens et les Romains quand il les voyait subjugués et détruire les peuples qu'il affectionnait. Il prenait un singulier plaisir à apprendre des scènes entières des tragédies de Racine et de Voltaire et à les réciter en se promenant seul. Les sentiments que ces lectures développaient en lui s'exaltaient par ce qu'il entendait raconter des événements de la guerre que l'Angleterre et la France se faisaient alors au sujet de l'indépendance des Etats-Unis". Cette dernière indication nous donne l'époque à laquelle se rapportent ces souvenirs. Ampère avait alors huit ans ; sa précocité s'exerçait d'ailleurs dans tous les domaines : on raconte que tout enfant, il assemblait des cailloux ou des haricots pour exécuter de difficiles calculs d'arithmétique, et que, au cours d'une maladie, privé de ses cailloux ha-

bituels, il les remplaçait par de petits morceaux de biscuits. Tout cela peut passer pour des enfantillages : ce qui ne l'est pas c'est l'extrême avidité d'apprendre et la mémoire prodigieuse dont Ampère fit preuve pendant ces années d'enfance. La grande encyclopédie de D'Alembert & de Diderot, 20 volumes in-folio, lui étant tombée entre les mains, il se mit en tête non de la parcourir, mais de l'étudier en la prenant dans son ordre alphabétique : nous pouvons vérifier ainsi aujourd'hui qu'il apprit les mots *ab*, *calendrier* des Hébreux, *abadir*, histoire mythologique de Cybèle et de Saturne, puis *abaissement*, *abeilles*, *aberration*, *abcès*, sans compter *abracadabra*, mot magique dont je ne me charge pas de donner la signification. Sa mémoire, cette grande et puissante déesse comme l'appelle Platon, était telle, que, dans un âge avancé il pouvait étonner ses amis en leur récitant des articles de l'Encyclopédie, tels que Blason ou Fauconnerie.

Ce fut dans cette période d'extrême activité intellectuelle — il avait treize ans — que les premiers éléments du calcul algébrique tombèrent sous ses yeux, véritable révélation pour une intelligence de cette valeur. Seul, il se mit à composer un traité des sections coniques avec les matériaux qui lui tombaient sous la main et des démonstrations qu'il croyait nouvelles ; mais quand il voulut lire les articles de Mathématiques dans l'Encyclopédie, il fut bientôt arrêté par l'emploi du calcul infinitésimal dont il n'avait aucune idée ; il pria alors son père de le conduire à Lyon où il avait l'ambition de consulter les traités d'Euler et de Bernoulli ; le Bibliothécaire du Collège, l'excellent M. Doburon qui avait lui-même quelques connaissances en mathématiques, fut stupéfait de cette demande et refroidit quelque peu l'enthousiasme du jeune garçon en lui disant que ces traités étaient rédigés en latin : l'obstacle ne fut pas bien grand ; en quelques semaines il était surmonté, et ce fut là le point de départ pour Ampère de cette connaissance approfondie de la langue latine qui lui procura plus tard de si grandes jouissances. Ce fut aussi à cette époque qu'il fut tourmenté de l'idée de créer une langue universelle ; on dit même que plusieurs de ses amis eurent entre les mains une grammaire et un dictionnaire composés par lui, et l'entendirent réciter un poème écrit dans cette langue nouvelle, fort harmonieuse paraît-il ; beaucoup plus tard, à sa grande joie, il se plaisait à dire qu'il en avait retrouvé certains éléments dans le sanscrit et dans les dialectes de certaines peuplades africaines.

Les années jusque là s'étaient écoulées fort paisibles dans le calme de Poleymieux lorsqu'éclata le coup de théâtre de la Révolution. Suivant un phénomène qui ne fut pas rare à cette époque, la famille Ampère, quoique de traditions profondément religieuses et monarchiques, l'accueillit avec enthousiasme. André-Marie Ampère avait coutume de dire que trois événements avaient eu une influence décisive sur sa vie : sa première communion, qui détermina en lui un sentiment religieux, souvent profondément troublé mais ineffaçable, la lecture de l'éloge de Descartes par Thomas, lecture à laquelle il devait son premier sentiment d'enthousiasme pour les sciences physiques et philosophiques et enfin la prise de la Bastille qui avait développé et exalté son sentiment libéral. On peut juger par le détail suivant de l'état d'esprit, mélange de naïveté et de foi profonde dans l'avenir de la Révolution, qui régnait alors dans les familles analogues à celle de notre ami. Jean-Jacques Ampère, qui se piquait d'être poète à ses heures, traduisit ses sentiments dans une tra-

gédie intitulée Artaxerce où le roi constitutionnel; Acte premier: le théâtre représente le jardin intérieur du palais; il fait nuit et clair de lune; le décorateur pourrait ménager un lointain où serait représenté... la Bastille. — Acte 4<sup>o</sup>: le théâtre représente la salle du conseil où sont assemblés les mages et les grands officiers du royaume. On voit, sur l'un des côtés, une prison construite sur le plan de la Bastille. N'oublions pas qu'il s'agit d'Artaxerce, fils de Xerxès et roi des Perses.

Mais le drame, plus ou moins sentimental jusque là, allait tourner à la tragédie. Nous n'avons pas à raconter ici l'histoire de la Ville de Lyon pendant ces années troublées de la Révolution. Qu'il nous suffise de rappeler que, dès les premiers mois de la Convention la tendance girondine et même monarchiste l'emporta dans cette ville sur les partis avancés. Jean-Jacques Ampère, qui vers 1791 avait accepté une charge de juge de paix à Lyon, eut, en sa qualité d'officier de police de sûreté et de président du tribunal de police correctionnelle la lourde tâche de maintenir l'ordre dans ces circonstances difficiles: il dut signer un mandat d'amener contre le principal chef du parti jacobin un nommé Chalier, personnage étrange, italien élevé par des moines, à la fois mystique et convaincu prêt à commettre tous les crimes pour assurer le bonheur de l'humanité; Chalier fut condamné à mort et exécuté le 16 juillet 1790. Un mois après, les armées de la Convention venaient mettre le siège devant la ville qui devait se rendre au commencement d'octobre; le parti jacobin triomphait et à son tour Jean-Jacques Ampère était traduit devant le tribunal révolutionnaire, emprisonné et, après un jugement sommaire, condamné à la peine capitale. Le 17 octobre 1793, il écrivait à sa femme: "Il s'en faut de beaucoup, ma très chère amie, que je te laisse riche et même avec une aisance ordinaire; tu ne peux l'imputer à ma mauvaise grande dépense a été l'achat des livres et des instruments de géométrie dont notre fils ne pouvait se passer pour son instruction, mais cette dépense même était une sage économie, puisqu'il n'a jamais eu d'autres maîtres que lui-même"; et le 23 novembre, au moment de monter sur l'échafaud, il écrivait cette lettre admirable, que je fais en partie passer sous vos yeux, et qui contient cette phrase célèbre et prophétique: "Quant à mon fils, il n'y a rien que je n'attende de lui".

La mort tragique de son père fut aussi longtemps que possible, cachée au jeune adolescent, qui, dans le calme de Poleymieux poursuivait avec ardeur ses études de géométrie et de mathématiques. La révélation, qu'on ne put ajourner indéfiniment, fut un véritable coup de massue pour cette nature impressionnable; son activité intellectuelle faillit y sombrer. Il resta plus d'une année dans un état de prostration complète, touchant presque (c'est l'expression qu'il emploie lui-même) l'imbecillité: quelle perte eut été pour le monde la disparition d'une pareille intelligence. Ce fut la lecture de la lettre de J. J. Rousseau sur la Botanique que provoqua son premier réveil: l'amour des plantes et des fleurs le prit tout entier, et il passa de longues journées à herboriser: de là datent ses connaissances profondes en Botanique qui, bien plus tard lui permettent d'étonner des Botanistes de profession. En même temps, s'éveillait en lui l'amour de la nature: très myope il soupçonnait à peine jusque là les spectacles qui se déroulaient devant lui, on raconte qu'un jour, dans le coche, en descendant la Saône de Laneuville à Lyon, un voyageur, peut-être son ami Ballanche lui mit sur les yeux une paire de lunettes: ce fut

une véritable révélation, et depuis ce temps Ampère fut un admirateur passionné des beautés naturelles. A la période d'inertie intellectuelle dont nous avons parlé succéda bientôt au contraire une période d'activité extrême. Ce fut le moment où il se plongea avec avidité dans l'étude de la langue latine et commença à en goûter les beautés: il se passionna pour les poètes latins, et nous connaissons certaine ode d'Horace qui était son morceau de prédilection; j'ai eu la curiosité de la rechercher; la voici:

"Ta vie sera plus droite, Licinus, si tu n'affrontes pas sans cesse la haute mer, mais aussi si tu évites de serrer de trop près, par horreur prudente des tempêtes, le dangereux rivage.

"Celui qui aime la médiocrité, précieuse comme l'or, se garde avec soin du délabrement d'un toit sordide, mais plein de mesure, il se garde aussi du palais qui excite l'envie.

"Ce sont les grands sapins qui le plus souvent sont agités par les vents; les tours élevées tombent d'une chute plus lourde, et la foudre frappe le sommet des montagnes.

"Espérer dans l'adversité, dans la prospérité craindre un sort contraire est le fait d'une âme bien préparée: c'est le même Jupiter qui ramène et qui éloigne les affreux hivers.

"Non, si tout va mal aujourd'hui, il n'en sera pas de même demain, parfois Apollon réveille par sa lyre la Muse silencieuse, et ce n'est pas toujours qu'il tient son arc tendu.

"Dans les conjonctures difficiles, montre toi plein d'âme et de courage; mais, avec la même sagesse, cargue tes voiles gonflées lorsque le vent est trop favorable."

Il est permis de penser que cette philosophie souriante, cet optimisme tempéré exerça une action bienfaisante sur le jeune désespéré qui se reprenait à la vie et à la pensée. Il fut alors tout entier à la poésie; poésie qui nous paraît aujourd'hui bien surannée dans la forme, mais où le sentiment et la délicatesse ne manquent pas; tous les genres y sont: un poème épique: l'Américide, une tragédie, Acis, puis des idylles, des rondeaux, des charades, des chansons. En voici une, cueillie au milieu de beaucoup d'autres:

"L'homme n'est pas ce qu'il affiche,  
On se dit bon, on est méchant,  
On est sot, on fait le savant,  
On se dit pauvre et l'on est riche,  
On se dit jeune, ou est barbon,  
On se dit gai, sans cesse on gronde,  
On se dit brave, on est poltron,  
Ah! comme on trompe dans ce monde.

"Un médecin promet la vie,  
Un cabaretier du bon vin,  
Un poète d'un air hautain  
Jure que jamais il n'ennuie.  
Le médecin donne la mort,  
Le cabaretier le seconde,  
Et le poète nous endort,  
Ah! comme on trompe dans ce monde.

"Des femmes voyez la parure,  
Fard pour rougir, fard pour blanchir,  
Pour diminuer ou pour grandir  
Très haute ou très basse chassure  
Des soucils de toutes couleurs,  
Corps pour serrer taille trop ronde,  
Cheveux d'emprunts, fichus menteurs,  
Ah! comme on trompe dans ce monde.

"La vieille babillarde Hortense  
Croit avoir la fleur des maris,  
Elle disait: dans tout Paris,

Nul homme n'a tant d'éloquence;  
Je désire de parler toujours  
Pour que ce cher époux réponde;  
Il ne dit qu'un mot en huit jours.  
Ah! comme on trompe dans ce monde.

"Pardon si de votre parure  
Belles nous critiquons l'excès,  
L'art de plaire ne fut jamais  
De s'éloigner de la nature;  
Et parmi le sexe si bien  
A ses charmes (denique) abonde,  
A vos charmes n'ajoutez rien  
Et vous plairez à tout le monde.

Les premiers dans les champs ramire les  
beaux jours.

Les zéphirs, les bergers, les fleurs et les  
amours.

Bon second belle iris, seul à votre parme.  
C'est un des dons charmants que vous  
fille nature.

Et non tout est le non que vous donna  
mon cœur

Quand le voix toute s'appelle je goutai  
le bonheur.

N'y a-t-il pas là un aspect assez inattendu de ce grand homme dont les découvertes allaient renouveler la face de la science.

Ampère avait alors vingt-et-un ans, et pour la première fois son cœur allait s'ouvrir à l'amour: il nous en a lui-même fait la confidence involontaire dans une phrase inachevée, écrite sur un cahier de papier où se trouvent pêle-mêle des poésies et des formules de mathématiques; la voici:

"Parvenu à l'âge où les lois me rendaient maître de moi-même, mon cœur soupirait tout bas de l'être encore; libre et insensible jusqu'à cet âge, il s'ennuyait de son oisiveté; élevé dans une solitude presque entière, l'étude et la lecture qui avaient fait si longtemps mes plus chères délices me laissaient tomber dans une apathie que se n'avais jamais ressentie, et le cri de la nature répandait dans mon âme une inquiétude vague et insupportable. Un jour que je me promenais après le coucher du soleil le long d'un ruisseau solitaire...

Le texte s'arrête brusquement ici, et la deuxième moitié de la page est restée blanche; heureusement tout un journal intime que nous a laissé Ampère sous le titre transparent de: *Amorum*, nous renseigne sur cette lacune: la date est le dimanche 10 avril 1796; la jeune fille, aux cheveux d'or, aux yeux d'azur, pour employer le langage de l'époque, qui, accompagnée de sa soeur, lui apparut dans ce jour mémorable était Julie Carron; elle appartenait à une honorable famille de St. Germain au Mont d'Or, à quelques kilomètres de Poleymieux. Ce fut le coup de foudre, et de ce jour André-Marie jura qu'il n'aurait d'autre femme que Julie; mais bien des obstacles restaient à surmonter; il est vrai que des rapports de bon voisinage s'établirent assez facilement entre les deux familles: mais Ampère, dont la modeste fortune avait été dispersée par la Révolution, devait avant tout songer à se faire une situation; on agita quelque temps, et fort sérieusement, la question de savoir s'il n'entrerait pas dans le commerce: il y était fort poussé par son futur beau-frère Périsset, alors imprimeur libraire à Lyon; mais les goûts du jeune homme le portaient décidément vers la science, et quel autre métier peut envisager un futur savant si ce n'est celui de professeur! Il fut donc décidé qu'Ampère s'établirait à Lyon et donnerait des leçons de Mathématiques, de Physique et de Chimie. Ce fut pendant ces années qu'Ampère forma avec quelques jeunes

gens de son âge auxquels, plus tard, s'adjoignirent les plus connus Ballanche et Bredin, des liens d'amitiés que devaient durer toute la vie: les jeunes gens formaient une sorte de petit cercle, et se réunissaient tous les jours de quatre à six chez l'un d'eux, à un cinquième étage de la rue des Cordeliers; là on discutait Sciences, Philosophie, Littérature; ou y lut en entier le grand ouvrage de Lavoisier, cet admirable "Traité élémentaire de Chimie d'après les découvertes modernes", qui exerça sur Ampère une profonde impression et dirigea vers la Chimie son ardeur enthousiaste jusqu'alors tournée vers les Mathématiques.

Mais se la vie intellectuelle du jeune homme pendant ces années fut intense, sa vie sentimentale ne le fut pas moins, et nous pouvons la suivre pas à pas dans ce journal dont il ne prévoyait certes pas la publication mais que nous pouvons aujourd'hui entr'ouvrir avec émotion et sans manquer de respect à sa mémoire. Nous n'avons pas à rapporter ici ces mille incidents de la vie journalière qui sont l'éternelle histoire de tous les amoureux. Julie se laissa toucher par cet amour profond et passionné, et sous l'écorce un peu fruste du jeune savant, sut reconnaître, sinon l'éclair du génie, du moins une nature exceptionnelle et profondément attachante. Ce fut seulement trois ans après la première rencontre, le 3 mars 1799 qu'Ampère obtint pour la première fois la permission d'écrire à Julie; trois mois après, à Poleymieux Mont d'Or, André-Marie Ampère épousait Catherine-Julie Carron et un épithalame, dans le mode antique, composé par Ballanche, célébrait cet heureux événement. Le jeune ménage s'établit à Lyon et Ampère reprit ses leçons: "Notre revenu est bien incertain, écrit-il dans une lettre adressée à son beau-frère Carron; les élèves vont et viennent sans qu'on sache jamais sur quoi compter" Cependant, aux leçons de Mathématiques, Ampère joind des leçons de Physique et de Chimie; il a même, à grand frais, monté un modeste Laboratoire dont nous connaissons le matériel, une machine électrique, une machine pneumatique, une cornue en fer, une cuve à mercure, un globe céleste de huit pouces de diamètre, un baromètre, etc. Des hommes murs et non pas seulement des enfants venaient assister à ces conférences: "mes expériences ont paru réussir complètement écrit-il à sa femme qui souvent retournait à St. Germain au Mont d'Or; mais, ajout-t-il avec candeur, j'eu eu recours à un peu de supercherie qui, du reste, n'a rien gâté".

De cette époque date une correspondance dont une partie a été publiée, mais dont l'autre dort encore dans les archives de l'Académie des Sciences. Je ne puis résister au désir de les entr'ouvrir pour mettre sous vos yeux une lettre de Julie à son mari, dont l'orthographe est aussi touchant que les sentiments; et qui fait revivre sous nos yeux un Ampère profondément épris et ne sachant pas le cacher:

"Mon bon ami, j'ai reçu ta lettre, mais combien je suis fâchée de n'être pas à Lyon, ma pauvre, ma bonne sœur, combien elle a été seule dans ce premier moment. Demain je part par la diligence avec Françoise; ne sois pas empainé de mon voyage; si tu viens à ma rencontre, Luison n'a pas besoin de venir, mais seulement de nous préparer le souper. Je te prie, mon bon ami, si (tu) me dit bonjour en m'embrassant devant tout le monde, n'ais pas ton air ordinaire à me seruire dans tes bras, je t'emprie. Réserve cela pour quant nous serons seul et je ten sorais bien bon grée; adieu mon ami, adieu; je serais bien aise de revoir ma sœur et toi; tu sais si je t'aime.

Adieu encore; ne m'écris pas parceque je ce-rat prez de toi lorsque Boy arrivera.

Le 12 août 1800, naissait Jean-Jacques Ampère qui, lui aussi, devait plus tard laisser un nom célèbre dans la littérature et l'histoire. Cette naissance laissa Julie affaiblie et souffrante; une maladie incurable devant laquelle les médecins se montrèrent impuissants se déclara bientôt; ce fut la fin, trop rapide, des années heureuses. Pressé par les nécessités de la vie, Ampère dut solliciter une situation de Professeur à l'Ecole Centrale de Bourg, c'est le nom qu'on donnait alors aux établissements d'enseignement secondaire de l'Etat; la réputation du jeune mathématicien commençait déjà à s'établir, et, grâce aux démarches de ses amis, la nomination arriva assez facilement, en décembre 1801; mais la santé très chancelante de Julie l'empêchait de s'exposer aux fatigues d'un changement de résidence; la séparation fut décidée, et, le 17 février 1802, Ampère partait, seul, s'établir dans ses nouvelles fonctions au traitement de 2.018 livres 8 sols. Bourg nous paraît aujourd'hui bien près de Lyon, et pourtant il fallait alors un jour, quelquefois un jour et demi pour s'y rendre par de mauvais chemins ou la diligence s'embourrait souvent. Alors commence une correspondance suivie, qui a été conservée et publiée, entre les deux jeunes époux, correspondance intime et charmante où apparaît en pleine lumière le caractère de l'un et de l'autre.

Dès son arrivée, Ampère est averti qu'il doit faire un discours d'entrée à ses élèves: nous possédons le brouillon de ce discours; en voici la péroraison: "Quelle gloire attend celui qui mettra la dernière pierre à l'édifice de la Physique moderne; quelle utilité ne doivent pas en espérer les arts les plus nécessaires à l'humanité. "N'avons nous pas le droit aujourd'hui d'appliquer cette phrase à celui la même qui l'a prononcée dans sa jeunesse?"

Le jeune professeur devait enseigner non seulement les mathématiques, mais encore la Physique et la Chimie; aussi il se lance plein d'ardeur, dans l'installation d'un laboratoire et la préparation de ses expériences: "Prends gard à ta Chimie, lui écrit Julie; tes bas bleus sont perdus avec ce maudit acide qui brûle tout?" et, avec cet accent doucement maternel qu'on retrouve dans la plupart de ses lettres: "Prends la donc aussi cette patience, non fi's, et ne te fagote pas la tête, comme tu le fais par tes calculs". Et voici une réponse d'Ampère: "Je ne brûle pas du tout mes affaires et ne fais de la Chimie qu'avec ma culotte, mon habit gris et mon gilet de velours verdâtre..." Ce fut vers cette époque que Bonaparte, alors premier Consul, fonda, dans les termes suivants, un prix destiné à encourager les recherches en Electricité: "Je désire donner un encouragement de 60000f à celui qui, par ses expériences et ses découvertes, fera faire à l'Electricité et au Galvanisme un pas comparable à celui qu'ont fait faire à ces Sciences Franklin et Volta" Ampère s'enflamme aussitôt à cette perspective: "Mille remerciements à ton cousin de ce qu'il m'a envoyé écut-il c'est un prix de 60000f proposé par Bonaparte que, ajout-t-il naïvement, je tâcherai de gagner quand j'en aurai le temps. C'est précisément le sujet que je traitais dans l'ouvrage sur la Physique que j'ai commencé à imprimer; mais il faut le perfectionner et confirmer na théorie par de nouvelles expériences". Cet ouvrage a malheureusement été perdu, et nous ne saurons jamais de quelle théorie Ampère voulait parler à cette époque. Le prix fut attribué à Humphry Davy pour sa découverte de l'Electrolyse des bases et la préparation des nouveaux corps.

potassium, sodium, etc. Ce ne fut que dix-huit ans plus tard qu'Ampère devait revenir à l'Electricité. En attendant, il faut vivre; pour augmenter son modeste traitement, il prend, à raison de 18f par mois chacun, un élève de mathématiques et un élève de chimie et passe une partie de son temps à broyer, porter du charbon et souffler le feu pour ses expériences de Chimie. Pourtant il continue à faire des Mathématiques, et, le 27 avril 1802, il écrit à sa femme: "Il y a sept ans, ma Julie, je m'étais proposé un problème de mon invention que je n'avais pu résoudre directement, mais dont j'avais découvert par hasard une solution dont je connaissais la justesse sans pouvoir la démontrer. Cela me revenait souvent dans l'esprit; j'ai cherché vingt fois sans succès cette solution directe. Depuis quelques jours mon idée me suivait partout; enfin, je ne sais comment, je viens de la trouver avec une foule de considérations nouvelles et curieuses sur la théorie des probabilités..." Il s'agit ici du premier grand mémoire d'Ampère intitulé: Considérations sur la Théorie Mathématique du jeu, publié à Lyon en 1802. L'ensemble des faits, dit-il, suffit pour convaincre tout homme impartial que la passion du jeu conduit ceux qui s'y livrent à une ruine inévitable; mais les joueurs y font peu d'attention, parcequ'ils s'accoutument à ne voir que l'effet du hasard dans les événements les plus propres à leur faire connaître toute l'étendue des dangers où ils se précipitent. Ces événements feraient peut-être plus d'impression sur leur esprit si on leur démontrait qu'ils doivent les considérer comme une suite nécessaire de la combinaison des chances, et qu'ils ne peuvent éviter les mêmes malheurs qu'en cessant de s'y exposer... De ce mémoire date le premier renom d'Ampère parmi les Mathématiciens. Lorsque, en 1803, il est question de créer un Lycée à Lyon, l'Astronome Lelambre, accompagné du botaniste Villar furent envoyés en tournée d'inspection à Bourg pour examiner les candidats. Le résultat fut favorable à Ampère et le 4 avril 1803, Bonaparte, premier Consul de la République, vu la présentation de la 2<sup>e</sup> commission des Inspecteurs généraux des études, sur le rapport du Ministre de l'Intérieur, nomma le Citoyen Ampère professeur des 3<sup>e</sup> & 4<sup>e</sup> classes de Mathématiques au Lycée de Lyon; mais la réunion devait être court: les forces de Julie déclinaient rapidement, et les dernières pages du journal d'Ampère sont remplis d'une anxiété croissante; les quelques barres qui, le 13 juillet 1803, jour de la mort de Julie, égratignent le papier, sont plus émouvantes que les plus grands cris de désespoir.

Nous passerons rapidement sur les années qui suivirent; complètement bouleversé par la perte irréparable qu'il vient de faire, Ampère n'a plus qu'une idée, quitter cette ville de Lyon où il a tant désiré revenir: les projets les plus bizarres se pressent dans son esprit; tour à tour il veut se faire marchand de produits chimiques ou maître de pension: sa mère, vrai type de la bourgeoise française, remplie de bon sens et d'esprit, que l'on croirait sortie d'une comédie de Molière, lui écrit: "Qu'est-ce que cette entreprise de vitrol? Te mettre à la tête d'un commerce, toi, sans expérience, confiant comme tu l'es. Tu seras trompé, tu te ruineras. Tu ne veux pas d'associé; mais ne vaut-il pas mieux gagner mille écus que de risquer d'en perdre six mille, la fortune de ton enfant, la tienne, et qui sait?"

"Prendre une pension où il faudra faire beaucoup d'avances sans être sur d'avoir des élèves, c'est à peu près la même chose. Aller à Paris pour douze cents francs, tu ne pourras pas vivre.

“Tu as l'esprit si bouillant. Quand tu as une idée, tout est beau: c'est pour cela qu'il faut consulter, ne rien précipiter, ne point agir comme tu le fis l'autre jour avec le meilleur de tes amis, ne pas répondre: “C'est une bêtise, ça n'a pas de bon sens.”

Mais toutes les hésitations furent bientôt levées: dès le mois de novembre 1804, Ampère était nommé répétiteur à l'École Polytechnique et quittait Lyon pour s'établir à Paris où il arriva quelques jours avant le sacre de Napoléon; voici ce qu'il en dit, dans une lettre adressée à sa belle-soeur Elise Carron: “Je veux te parler de l'événement du jour. Post au coin de la place du Carrousel, où Louis XIV donnait des fêtes, j'ai vu ce matin le pape passer en voiture, et ensuite Bonaparte qui se rendait à Notre-Dame pour la cérémonie du sacre. Il y avait peu de foule et un grand calme. J'ai vu, une heure après, revenir les régiments français qui avaient formé la haie le long de la route. J'en ai distingué un dont le drapeau, tout en lambeau avait été déchiré dans les guerres de la Révolution.

En 1808, à trente-trois ans, Ampère était nommé Inspecteur général de l'Université, en 1809, Professeur d'Analyse mathématique et de Mécanique à l'École Polytechnique, enfin en 1814, il entra à l'Académie des Sciences dans la section de Géométrie.

Un second mariage malheureux qui le fit entrer dans une famille indigne de lui et fut bientôt suivi d'une séparation après la naissance de sa fille Albine; une tendre amitié, peut-être un peu plus, pour une jeune fille dont nous ne savons rien, sauf qu'elle ressemblait à une gravure du temps intitulée: “La constante amitié” et qui bientôt se marie loin de Paris, voilà les dernières épisodes de la vie sentimentale d'Ampère.

Désormais, et jusqu'en 1820, il devait se consacrer entièrement aux Mathématiques et à la Chimie, voire même aux Sciences Naturelles: nous ne pouvons plus aujourd'hui, dans le temps de spécialisation à outrance, concevoir ces esprits universels capables d'aborder ainsi toutes les branches des connaissances humaines, les approfondissant toutes, et laissant dans chacune d'elles, une empreinte profonde et ineffaçable. La Physique seule, jusque là, avait été quelque peu négligée: ce fut elle qui, dans un éclair de génie, devait faire la gloire immortelle d'Ampère.

La découverte d'Oersted, sur la déviation de l'aiguille aimantée par un courant électrique, avait été faite à Copenhague dans l'hiver de 1819-1820. Les relations scientifiques étaient lentes à cette époque; c'est seulement vers le mois de juillet 1820 que les expériences d'Oersted furent connues à Paris par quelques exemplaires du mémoire original. Il est permis de croire qu'elles y attirèrent peu l'attention, Ampère à ce moment était en tournée d'inspection dans le nord; au mois d'août, il est juré à la Cour d'Assises de la Seine. Il paraît donc bien vrai semblable qu'il n'a guère le temps de s'occuper de Physique; peut-être même ignore-t-il encore la découverte nouvelle qui va bouleverser la Science. C'est à Genève, pendant ce même mois d'août, qu'Arago assiste pour la première fois aux expériences. Voici dans quels termes, à son retour à Paris, il raconte cet événement: “M. le Professeur de la Rive, de Genève, qui a découvert lui-même des phénomènes extrêmement curieux avec les puissantes piles qu'il possède, ayant bien voulu me permettre d'assister à la vérification qu'il a faite des expériences d'Oersted, devant MM. Prevost, Pictet, de Saussure, Marget, de Candolle, etc., j'ai pu me convaincre de l'exactitude des résultats

principaux donnés par le savant danois. “Notre grand chimiste Jean-Baptiste Dumas qui, en rapportant cette anecdote, ajoute discrètement qu'il figurait parmi les *et coetera* d'Arago, nous dépeint l'admiration excitée par cette expérience qui se résume dans l'exclamation bien connue du Physicien Pierre Prevost: “*Nexus rerum nascitur ordo*”.

Dès son retour à Paris, Arago, se hâte de faire connaître et de reproduire l'expérience d'Oersted.

Voici en quels termes les procès verbaux de l'Académie des Sciences rapportent ce fait capital (les dates ont ici une importance de premier ordre).

“Séance du 4 septembre 1820: M. Arago rend compte des expériences faites par M. Oersted relativement à l'influence réciproque du galvanisme et du magnétisme. M. de la Rive a répété les expériences du savant danois à Genève avec un succès complet. M. Arago est chargé par l'Académie de répéter ces expériences devant elle, lundi prochain.

“Séance du 11 septembre 1820: — M. Arago a répété devant l'Académie les expériences de M. Oersted.

Ampère assistait à ces deux séances: son esprit toujours en éveil saisit immédiatement l'importance des phénomènes dont il vient d'être témoin, et dès lors il est pris tout entier par l'ardeur véritablement sacrée de l'invention, je dirais plutôt de l'intuition scientifique: dès le lundi suivant, 18 septembre, ce sont toujours les procès verbaux qui parlent: M. Ampère lit un mémoire relatif aux nouveaux phénomènes galvanico-magnétiques; puis, aux séances suivantes, semaine par semaine, les communications se succèdent, fortes, convainquantes, irréfutables. Dans ces temps lointains, les comptes rendus de l'Académie n'existaient pas encore; il est donc difficile de démêler, dans les mémoires plusieurs fois refondus par Ampère lui-même, la marche de ses idées. Pourtant, dans quelques notes peu connues, il nous met à même de répondre à cette question. Je transcris textuellement: Séance du 18 Septembre:

“Je réduisis les phénomènes observés par M. Oersted à deux faits généraux. Je montrai que le courant qui est dans la pile agit sur l'aiguille aimantée comme celui du fil conjonctif. Je décrivis les expériences par lesquelles j'avais l'attraction ou la répulsion de la totalité d'une aiguille aimantée par le fil conjonctif. Je décrivis les instruments que je me proposais de faire construire, et, entre autres des spirales et des hélices galvaniques. J'annonçai que ces dernières produisant, dans tous les cas les mêmes effets que les aimants. J'entrai ensuite dans quelques détails sur la manière dont je conçois les aimants, comme devant uniquement leurs propriétés à des courants électriques dans des plans perpendiculaires à leur axe, et sur les courants semblables que j'admets dans le globe terrestre; en sorte que je réduisis tous les phénomènes magnétiques à des effets purement électriques.

“Séance du 25 septembre — Je donnai plus de développement à cette théorie, et j'annonçai le fait nouveau de la répulsion de deux courants électriques, sans l'intermède d'aucun aimant, fait que j'avais observé sur des conducteurs pliés en spirale. Je répétais cette expérience dans le cours de la séance ..... etc.....”

Toutes les idées modernes sur l'Electrodynamique ne sont elles pas contenues dans ces quelques mots, et peut-on assez admirer cet éclair de génie qui, en quelques jours, fonde une branche nouvelle de la Science et lui

donne une base assez solide pour résister à la critique des siècles.

Essayons maintenant de faire revivre les sentiments intimes d'Ampère pendant cette semaine mémorable. Son fils Jean-Jacques, qui avait alors vingt ans, faisait à ce moment un voyage en Suisse avec quelques jeunes gens de son âge, le père et le fils étaient en correspondance intime et suivie. Les archives de l'Académie referment une lettre de première importance adressée par Ampère à son fils, commencée le 19 septembre, lendemain de la première communication, terminée le 25 au soir, jour de la deuxième communication.

Voici la seconde partie de cette lettre capitale dans l'histoire:

“25 septembre au soir — J'ai eu bien tort je me repends beaucoup de n'avoir pas fait partir cette lettre il y a trois jours; je ne m'en consolerais pas si je n'espérais qu'en partant demain elle te trouvera encore à Genève. J'allais l'achever pour la faire partir samedi dernier lorsque j'ai reçu la tienne datée de Meyringen à ton second passage par cette ville où tu m'annonces ton départ pour le Saint-Gothard. C'est pour y répondre d'abord que je ne finis pas la mienne, croyant toujours la finir vendredi soir, mais tous mes moments ont été pris par une circonstance importante de ma vie; depuis que j'ai entendu pour la première fois de la belle découverte de M. Oersted professeur à Copenhague, sur l'action des courants galvaniques sur l'aiguille aimantée, j'y ai pensé continuellement; je n'ai fait qu'écrire une grande théorie sur ces phénomènes et tous ceux déjà connus de l'aimant et tenté des expériences indiquées par cette théorie, qui toutes ont réussi et m'ont fait connaître autant de faits nouveaux. Je lus le commencement d'un mémoire à la séance de lundi, il y a aujourd'hui huit jours. Je fis les jours suivants, tantôt avec Fresnel, tantôt avec Despretz les expériences confirmatives. Je les répétai toutes vendredi chez Poisson où s'étaient réunis les deux Demussy, plusieurs élèves de l'École normale, le général. Campredon, etc.... Tout réussit à merveille, mais l'expérience décisive que j'avais conçue comme preuve définitive exigeait deux piles galvaniques; tentée avec des piles trop faibles chez moi avec Fresnel, elle n'avait point réussi; enfin, hier, j'obtins de Dulons qu'il permit à Dunotier de me vendre la grande pile qu'il faisait construire pour le cours de Physique de la Faculté, et l'expérience a été faite chez Dunotier avec un plein succès et répétée aujourd'hui à 4h à la séance de l'Institut; on n'a plus fait d'objection, et voilà une nouvelle théorie de l'aimant qui en ramène par le fait tous les phénomènes à ceux du galvanique. Cela ne ressemble en rien à ce qu'on en disait jusqu'à présent. Je la réexpliquerai demain à M. de Humboldt. après-demain à M. de Laplace au Bureau des Longitudes”. Puis, sans transition, la lettre continue par de banales nouvelles de famille: “Ta tante Carron va un peu mieux. J'ai été déjeuner chez elle avec ma soeur, ma cousine et Albine; nous te regrettons tous beaucoup... Ton papa t'embrasse mille et mille fois, A. Ampère”. La réponse de Jean-Jacques à cette lettre se trouve, avec une date inexacte, dans le premier volume de la correspondance des deux Ampères.

A partir de ce moment, les expériences et les théories se succèdent jour par jour. C'est la petite maison de la rue des Fossés Saint-Victor qui sert de laboratoire; ce sont toutes les faibles ressources d'Ampère qui passent en construction d'appareils (car il n'était guère

question à cette époque de crédits de l'Etat).

Les plus grands savants de France & de l'étranger gravissent l'escalier modeste de l'humble demeure du savant et sortent convaincus de l'exactitude des faits annoncés. Les objections, pourtant, qui ne s'étaient pas fait jour immédiatement apparaissent peu à peu. Ampère répond à toutes, toujours avec une courtoisie parfaite et sans amertume: "Opinionum Commenta delect dies, écrit-il à Faraday, naturae judicia confirmat": le temps efface les préjugés, et confirme les lois naturelles, et cette pensée de Cicéron semble le fortifier dans la lutte qu'il a à soutenir. Pourtant les inquiétudes devaient venir; il dépense sans compter pour ses expériences et ses faibles ressources s'épuisent; il arrive un jour, en 1824, où sa soeur ne peut plus lui cacher la situation, il a des dettes; et voici encore une lettre inédite, adressée vers cette époque à Humphry Davy, qui nous éclaire sur son état d'esprit: "Vous paraissez désireux de savoir à quoi je faisais allusion dans une lettre précédente quand je m'étais plaint dans cette lettre des tracasseries que j'éprouvais ici. Cela était surtout relatif à ce que l'on venait de me priver de la place d'inspecteur des études que je remplissais depuis 16 ans et qui me donnait un moyen de me livrer aux recherches que je faisais sur la Physique et aux dépenses qu'exigent la construction des appareils et les expériences, sans compromettre l'existence de ma famille. Pour trouver un équivalent nécessaire à non existence, j'ai été obligé de me charger de deux cours (il s'agit ici de l'Ecole Polytechnique et du collège de France) qui ne me laissent presque plus de temps pour les travaux dont j'aurais voulu m'occuper."

Nous saisissons là sur le vif cette continuelle préoccupation des soucis matériels qui pèsa sur toute la vie d'Ampère: que n'aurait-on pu espérer d'une telle intelligence si elle avait pu s'épanouir en toute sécurité. Essayons maintenant de résumer cette oeuvre si complexe. Au point de vue pratique, d'abord, nous lui devons deux inventions qui, à elles seules, auraient à l'immortaliser: le télégraphe électromagnétique, et l'électro-aimant. Voici en quels termes, dès 1820, il décrit le premier:

"On pourrait, au moyen d'autant de fils conducteurs et d'aiguilles aimantées qu'il y a de lettres, et en plaçant chaque lettre sur une aiguille différente, établir à l'aide d'une pile placée loin de ces aiguilles et qu'on ferait communiquer alternativement par ses deux extrémités avec celles de chaque conducteur, former une sorte de télégraphe propre à écrire tous les détails qu'on voudrait transmettre, à travers quelques obstacles que ce soit, à la personne chargée d'observer les lettres placés sur les aiguilles. En établissant sur la pile un clavier, dont les touches porteraient les mêmes lettres et établiraient la communication par leur abaissement, ce moyen de correspondance pourrait avoir lieu avec assez de facilité, et n'exigerait que le temps nécessaire pour toucher d'un côté et lire de l'autre chaque lettre.

Quant à l'électro-animant, l'histoire en est la suivante: quelques jours après les premières communications d'Ampère, Arago ob-

serve qu'un fil de cuivre, parcouru par un courant électrique et plongé dans de la limaille de fer, attire cette limaille; aussitôt Ampère lui suggère qu'il obtiendra des effets beaucoup plus considérables en enroulant le fil autour d'un noyau de fer: ainsi la part de chacun est bien nette: Arago découvre l'aimantation pour les courants; Ampère la construction de l'électro-aimant, et plus généralement le rôle si considérable que devait jouer en Electricité ce qu'il appelait alors solénoïde et que, aujourd'hui nous appelons plus vulgairement une bobine.

Mais je considère que ces inventions, quelque importantes qu'elles soient, ne sont qu'une faible partie de l'oeuvre d'Ampère il est bien probable que, s'il ne les avait pas faites, elles auraient été assez rapidement réalisées par quelque autre Physicien. Son plus beau titre de gloire, ce n'est pas une invention, c'est une idée: L'identité du Magnétisme et de l'Electricité, ou plutôt le Magnétisme ramené à l'Electricité, voilà la grande et profonde pensée d'Ampère.

Arretons nous un instant sur ce point pour en montrer toute l'importance: Oersted découvre qu'un fil de cuivre, parcouru par un courant électrique, agit sur l'aiguille aimantée et tend à la mettre en croix avec lui; aussitôt la plupart des Physiciens suivant instinctivement la méthode qui leur semble la plus naturelle, tentent de remener ce phénomène nouveau à d'autres plus anciennement connus: puisque, disent-ils, le fil de cuivre parcouru par un courant agit sur l'aiguille aimantée, c'est qu'il est devenu lui-même un véritable aimant; alors que les propriétés magnétiques s'étaient jusque là rencontrées uniquement dans le fer et dans l'acier, l'expérience d'Oersted leur semble prouver d'une manière indiscutable que tous les autres métaux, le cuivre, l'argent, etc. peuvent, eux aussi, devenir des aimants lorsqu'ils sont parcourus par un courant électrique; en d'autres termes, ils leur paraît évident que les phénomènes de l'Electromagnétisme doivent être ramenés aux phénomènes du Magnétisme. Ce point de vue fut soutenu en particulier avec la plus grande énergie par Biot qui fut peut-être un physicien éminent, mais qui, dans cette circonstance, comme dans sa controverse avec Fresnel sur la nature de la Lumière, manqua entièrement de clairvoyance. Ampère aperçut immédiatement de vice le l'hypothèse; les actions électromagnétiques sont transversales, l'aiguille aimantée se met en croix avec le courant: or, aucun arrangement des molécules magnétiques quelque compliqué que l'on puisse l'imaginer, n'est capable d'expliquer ce fait: les actions magnétiques sont les actions newtonniennes, c'est-à-dire des forces qui s'exercent entre deux points suivant la droite qui joint ces deux points; elles pourraient expliquer des attractions ou des répulsions; elles ne peuvent pas expliquer des rotations. Il faut donc renoncer à expliquer l'Electromagnétisme par le Magnétisme; mais alors pourquoi ne pas faire l'inverse? Voilà, à proprement parler où est la vue du génie d'Ampère. Il est toujours dangereux d'essayer de reconstituer d'après les quelques documents qui nous restent sous les yeux la marche des

idées d'un grand esprit au moment de son effort créateur: il semble bien pourtant, si on lit attentivement le procès-verbal de la séance de 18 septembre 1820, que voulant pousser plus loin l'expérience d'Oersted, Ampère songea dès ce jour, à employer des *Spirales* et des *helices* galvaniques; ces appareils n'étaient pas encore construits; mais avec une intuition admirable, Ampère prévint qu'ils se comporteraient comme des aimants; ce pas franchi, la marche des idées apparaît aussi claire que possible, puisque les solénoïdes doivent se comporter comme des aimants; les aimants ne seraient-ils pas, eux aussi, de simples, solénoïdes ce qui, ramènerait le Magnétisme à l'Electricité.

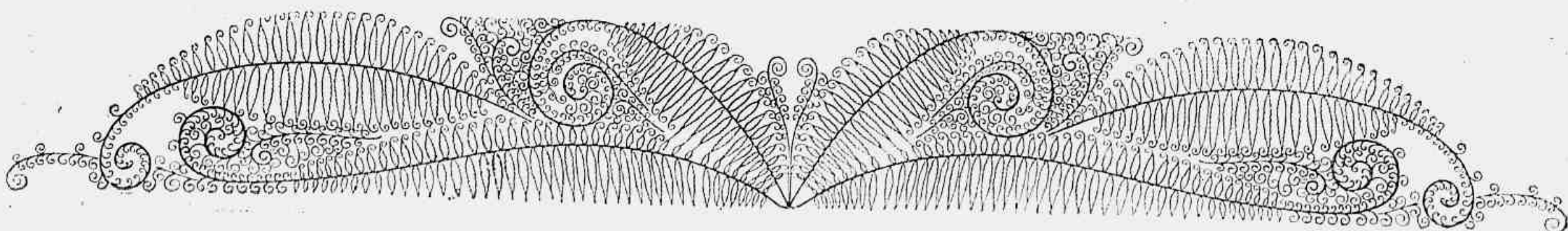
Mais si cela est deux courant doivent agir l'un sur l'autre, fait nouveau que personne n'avait soupçonné jusque là. L'expérience est faite entre le 18 et le 25 septembre et donne les résultats attendus; nous avons attendu Ampère lui-même en raconter le succès dans la lettre adressée à son fils que j'ai citée plus haut.

Tout cela, dira-t-on, ce sont des vues théoriques qui peuvent intéresser le savant, mais ne touchent guère le praticien on ne pourrait commettre de plus grand erreur: c'est un effet de ces vues théoriques qu'est sorti tout l'Electromagnétisme avec ses lois et ses méthodes de calcul; il faut le dire bien haut: le bureau d'études qui aujourd'hui calcule un moteur électrique, se sert exclusivement des méthodes d'Ampère, au des méthodes qui en dérivent immédiatement: voilà la trace profonde que le grand savant aura laissée dans l'industrie électrique moderne.

Mais au point de vue humain le peu que j'ai pu vous dire du caractère d'Ampère nous montre combien la valeur de cet homme a dépassé les traces écrites qu'il nous a laissées: qu'elle est admirable cette phrase prononcée par lui quelques jours avant sa mort, en 1836: "Ma santé, ma santé, il s'agit bien de ma santé. Il ne doit être question ici, entre nous deux que des vérités éternelles des choses et des hommes, qui ont été funestes et utiles à l'humanité".

Renan a écrit dans les premières pages de l'Avenir de la Science: "L'homme parfait serait celui qui serait à la fois poète, philosophe, savant, homme vertueux, et cela non pas par intervalles et à des moments distincts (il ne le serait alors que médiocrement, mais par une intime compénétration à tous les moments de sa vie qui serait poète alors qu'il est philosophe, philosophe alors qu'il est savant, chez qui en un mot, tous les éléments de l'humanité se réuniraient en une harmonie supérieure comme dans l'humanité, elle même.

Ampère est bien près de se rapprocher de ce portrait, et pourtant Ampère ne fut pas l'homme parfait dont parle Renan; c'est qu'il fut homme tout simplement, avec ses amours, et ses douleurs, ses alternatives de doutes religieuses et de fois profonde, son ardeur au travail et ses découragements, et avant tout sa recherche passionnée du vrai, qui se résumé dans le cri désespéré qu'il adressé à son ami Bredin". Je ne trouve que des vérités: enseigne moi la Vérité.





"Meus senhores: Necessitaria fazer um longo discurso para traduzir ao vivo os agradecimentos do Itamaraty á mocidade acadêmica pela solicitude com que recebeu o appello que, em cumprimento de um voto da V Assembléa da Sociedade das Nações, tive a honra de dirigir aos diversos estabelecimentos de ensino existentes em nossa terra.

Superflua, porém, parece qualquer oração diante da expressiva eloquencia de vosso gesto, fazendo germinar com rapidez a semente de idéal atirada em vosso seio pelas grandes figuras que dirigem em Genebra o novo e importante aparelho internacional. Este Ministerio foi apenas o intermediario da proclamação dalli enviada para ser presente aos jovens do mundo inteiro. Em todas as nações, o movimento de sympathia pela Liga se generalizou dentro das escolas como um sopro calido de fé no amanhã pacifico da humanidade. Não houve federação universitaria que não escutasse e não attendesse com prestimoso carinho a vehemente solicitação recebida. Em alguns paizes, como na Suissa e na França, os estudantes souberam avolumar a tal ponto a propaganda que toda a gente teve logo uma idéa exacta da importancia immensuravel desse bello apoio prestado á instituição.

Vejo com satisfação que o Brasil cumpriu ainda uma vez dignamente o seu dever e que todas as nossas Academias, Escolas e Collegios acudiram pressurosos, fortalecendo a obra alevantada e generosa, cujos lineamentos se esboçavam desde muito no espirito dos doutrinadores e cuja realisação já o Sr. Asquith, antes de Wilson, preconisava, em pleno fragor da Grande Guerra, como remate indispensavel da victoria da democracia contra os governos retardatarios mergulhados na obsessão estratocratica.

A mentalidade universal se solidariza no combate ao flagello da guerra e a mocidade vae resolutamente para a vanguarda ajudar a peleja salutar da cooperação.

A cooperação é a base da paz, entendida a paz como convém, e dever ser entendida, isto é, como uma affirmação de vontades no sentido do direito e um impulso de justiça regulado pelo principio superior da igualdade das soberanias.

Esse programma não pôde falhar, que a mocidade o ampara e prestigia.

O progresso moral do mundo não vale nada, se a juventude não intervem para assegurar a continuidade desse nobre esforço de cultura.

Tudo é, afinal, um trabalho de renovação perenne, pelo melhoramento incessante da intelligencia, quebrando todas as arestas do egoismo e substituindo os velhos prejuizos por novas formas de pensamento e outros processos de governo que unam melhor as diversas patrias e preparem um futuro mais tranqüillo para a humanidade.

# SOCIEDADE DAS NAÇÕES

## UM DISCURSO

### DO SENHOR FELIX PACHECO

O logar da mocidade nesse prélio seductor marca uma condição imprescindivel de exito. E' ella a chamma perpetua, fadada a ac-

cender e reaccender o enthusiasmo pelos idéaes que supprimam a violencia como norma de acção dos Estados e revigorem em cada paiz a consciencia nacional noutras responsabilidades creadas pelo proprio desenvolvimento do orbe.

Nenhuma acção, actualmente, pôde levar uma existencia isolada das demais. A interpendencia dos povos tornou-se um facto, e a civilisação precisou se adaptar a esse formidavel crescimento de intercambios de toda ordem.

A fundação da Liga respondeu desse modo a uma necessidade ineluctavel da hora presente.

"A vida internacional", — disse eu num officio de 2 de Junho deste anno ao eminente Embaixador Mello Franco — "na sua constante e permanente evolução para um regimen cada vez melhor de aproximação e bom entendimento entre os povos, vae creando todos os dias novas formas de ligação. Os principios se dilatam com a propria expansão dos aparelhos e institue diplomacia acreditado junto de programma. O mundo já passou da época das conferencias internacionaes periodicas ou occasionalmente convocadas para um outro systema de permanente contacto entre as nações, num meio em que todas ellas estejam de continuo representadas para solução pacifica immediata que não importa que litigos venham acaso a separal-as. Iniciou-se assim uma vida politica commum e geral com organismos adequados á regulamentação da existencia collectiva dos povos, e dess'arte, ao lado da antiga diplomacia acreditada junto de cada Governo ou Estado, outra appareceu concomitante, mas de feição um pouco differente por exprimir mais ao vivo o immenso progresso juridico assignalado pelo advento da Sociedade das Nações."

Desse progresso juridico a que então alludia com razão, se pôde dizer que nivelou praticamente as nações e permittiu

entre todas ellas o surto de uma força collectiva, destinada a preponderar com elevação, para impedir conflictos e harmonizar interesses, congregando esforços e systematisando racionalmente, num regimen de ampla discussão e publicidade, o trabalho normal das diversas chancellarias.

Nenhum paiz carece abdicar nada de si mesmo para esse effeito e todos juntos ganham evidentemente em prestigio com essa collaboraçoão reciproca que se prestam.

A humanidade está dando um grande passo avante, e é dever que cabe a todos os que estudam e pensam, auxiliar essa marcha promissora.

Ha' ainda, não resta duvida, muito tropeço na caminho, muita difficuldade a contornar, muito erro politico a corrigir, mui-



O illustre Chancellor Felix Pacheco, cuja notavel oração aos estudantes, na tarde de 11 de Agosto, no Itamaraty, foi um dos mais altos appells em favor do nobre instituto de Genebra.

ta imperfeição a vencer, muito vicio que não poude logo ser eliminado, muito desvio que subsiste.

Mas é claro que não se levanta num dia um monumento dessa natureza e relevancia.

O essencial era que apparecesse e se firmasse o terreno adequado á conciliação dos diversos pontos de vista manifestados pelos theoristas e homens de governo na doutrina e na pratica.

Esse placido campo ahi está aberto e franco a todos os povos e vem a ser o admiravel e complexo organismo da Sociedade das Nações.

Ninguém imaginaria isso possivel ha dez annos atraz. Ficámos devendo esse enorme beneficio ao medonho drama da Conflagração Europeá e faz-se myster que todos os cerebros sustentem e aperfeçoem a bella obra, que vinte e oito paizes começaram a construir e na qual mais de cinquenta hoje em dia collaboram. O edificio que se ergue terá por enquanto os seus defeitos, mas não pôde mais desappauecer e perdurar, vencendo todos os scepticismos, para compôr uma nova ordem de cousas no planeta.

Na prosecução desse nobre anhelos, a tarefa maior é menos dos homens de estado, que governam, do que do proprio escól social, que labuta com os livros e age no terreno das idéas.

A Sociedade das Nações comprehendeu muito bem, isso quando fez da cooperação intellectual o verdadeiro alicerce de seu vasto mecanismo. O papel das universidades assume na circumstancia uma feição relevantissima. Não sou indiscreto copiando aqui o que tive ensejo de dizer ao Embaixador Mello Franco em officio que lhe dirigi a proposito da reunião do *Comité de Direcção da Repartição Universitaria*

“Creio que, entre nós, ainda ninguem fixou a attenção nesse novo aparelho creado pela Liga. A commissão de Cooperação Intellectual teve uma boa idéa procurando intensificar as relações entre as universidades dos differentes paizes e encetando a publicação de um boletim de informações, que pôde vir a ser um élo muito util entre as escolas superiores disseminadas pelo mundo. Se é nessas escolas que o trabalho maior de cultura se processa em toda parte, claro está que a ligação systematizada que se estabelecer entre ellas será um serviço excellenté ao mutuo conhecimento dos diversos paizes e á divulgação das correntes de idéas que haja em cada qual. Os governos podem fazer muito pela paz. Mas a paz não é só tarefa politica, nem o seu fomento e o seu cultivo deve ser obra exclusiva da diplomacia. O bom entendimento reciproco nascerá mais depressa da collaboração universal dos que ensinam e aprendem do que do esforço administrativo dos que dirigem. O Brasil só terá a lucrar incorporando-se a esse movimento geral de approximação entre as universidades. O horizonte da cooperação intellectual entre os povos é sem limite. Organizar e systematizar essa cooperação será um dos mais inestimaveis serviços prestados á humanidade.”

Pelo empolgante do thema, ainda voltei a versal-o com o preclaro Chefe de nossa Delegação Permanente, dizendo-lhe em outro officio ulterior:

“No programma da Liga, como Vossa Excellencia bem accentúa repetindo as grandes palavras de Léon Bourgeois, a cooperação deve vir antes de tudo, porque ella, na verdade, é tudo. Sem a cooperação, aquillo que, não obstante, lograssemos fazer, seria construido na areia e poderia desabar de uma hora para outra. Só as ligações da cultura são verazes e duradouras. Onde as intelligencias não são solidarias na defensão das boas causas, a força é sempre livre de insinuar para destruir. A obra de approximação dos espiritos deve ser no mundo inteiro o legitimo fundamento da paz, pois que representa effectivamente o mais activo elemento de propulsão da harmonia.”

Verifico com profunda alegria o éco sympathico que essas idéas vão tendo nos meios universitarios brasileiros. As respostas dadas ao meu appello de 6 de Julho e cuja leitura acabo de ouvir, são, na verdade, eloquentissimas, e vou, como me cumpre, encaminhal-as sem demora ao Secretariado Geral, para que possam figurar no relatório que Sir Eric Drummond deverá apresentar a proxima Assembléa.

Considero para mim uma grande honra ser o intermediario das expressões de applauso da briosa juventude de minha terra. O estudante brasileiro foi sempre um modelo de enthusiasmo

sadio e não negou nunca o seu concurso ás boas causas que elevam o espirito, confortam o coração e dignificam o caracter.

Muita gente ainda hoje ri da paz e duvida dos esforços que se estão fazendo para fazer vingar a arbitragem. O mundo não seria mundo, se a raça dos incréros tivesse acabado. Vae, porém, mingando em toda parte a legião dos negativistas, e o bom senso constructor da maioria não esmorece no trabalho. A Sociedade das Nações transpoz já o seu primeiro quinquennio de vida, e aquelles mesmos que lhe contestam ou criticam a orientação, já lhe não negam meritos e serviços. O tempo, que d'Annunzio tão bem definiu como o pae dos prodigios, segue realizando lentamente a grande obra. Ninguem pensa mais em retroceder ao caminho andado e as soluções convenientes vão sendo achadas fóra de toda competição guerreira. A justiça internacional entrou a ter uma vida effectiva, e o funcionamento regular da Côte Permanente de Haya assegura a todas as nações um recurso immediato dentro do direito, contra qualquer violencia ou agravo que venham a soffrer. As classes trabalhadoras, primeiras victimas das injustiças da organização social anterior á guerra, adquiriram, afinal, o direito de opinar e acharam as sistencia condigna. A Liga enfrenta e procura estudar e resolver todos os problemas de interesse universal, sem prescindir jámais do concurso da opinião publica, que a maior força com que conta para o desempenho de sua benemerita tarefa de cooperação e mutuo auxilio. Todos os systemas politicos e todos os agrupamentos continentaes e regionaes cabem á larga dentro da Sociedade e podem guardar no seio della as suas characteristics proprias. O aparelho instituido tem sufficiente elasticidade para comportar os mais diversos aspectos parcellados e ajustar convenientemente tudo no proposito superior geral de assegurar á grande familia humana o meio de progredir sem se estraçalhar nas inuteis sangueiras, que tantas perdas de vida e tantos sacrificios materiaes e moraes occasionam.

Muita gente, aqui e ali, ainda recalitra, objectando a esse alto programma, pelo receio da fogueira da Europa, e a additar, razões de egoismo, como outros tantos conselhos de alheamento.

Não discuto a sinceridade dessas reservas. Recordo apenas que a lição da Grande Guerra fez soffrer acerbamente o mundo inteiro, e o mundo inteiro precisa, pois, em seu proprio benefico, obstar que uma tal calamidade se reproduza.

E affirmo, com absoluta segurança e conhecimento de causa, que todas as nações podem ser presentes em Genebra e colaborar na immensa obra de reconstrucção sem o menor prejuizo para os seus interesses particulares. Tudo está em que cada paiz saiba escolher quem deva represental-o na altura dessa proeminente missão, zelando com rigor os pontos de vista nacionaes, sem desservir as conveniencias collectivas.

O Brasil foi sempre muito cioso de seu americanismo, e de sua fidelidade á politica de concordia do Continente, e não iria nunca sacrificar na Europa essa orientação tradicional, que aliás o art. 21 do Pacto lhe permite conservar integra, como tem conservado e saberá conservar.

Não falo a extranhos neste momento. Dirijo-me á mocidade e estou a usar novamente das phrases que a ella propria enderecei neste mesmo salão no dia da America, o anno passado, explicando que só agimos na Europa como agimos aqui.

“O nosso pensamento lá e cá”, — dizia eu nessa memoravel occasião, e posso repetir agora, — “é um só, mas é sempre nitidamente americano, quero dizer que não se norteia senão pelos idéaes salutaes da America, pelos canones juridicos da America, pela sabedoria sem preconceitos da America, pelas virtudes intrepidas e calmas da America”.

Não conheço idéa mais legitimamente americana do que essa de uma Sociedade das Nações. Os que, primeiro, na Europa, pensaram nisso nas decadas iniciaes do seculo passado, pensaram nisso pensando exactamente na America.

E', pelo menos, o que se deprehe de da acção desenvolvida pelo grande Ministro Sylvestre Pinheiro — “o maior pensador portuguez de seu tempo” — como diz o Sr. Alfredo Varella no seu notavel livro *Duas Grandes Intrigas*, repetindo palavras de Alexandre Herculano.

No Archivo do Ministerio de Estrangeiros, de Lisboa, livro II, folha 65, existe o seu Projecto de Confederação da Indepen-

dencia das Nações. O trabalho consta de um officio á Legação de Portugal em Philadelphia, e talvez a elle, commenta Varella, se deva o facto de haver-se fundado a "Sociedade Americana da Paz", em Nova York:

"Segundo se lê em o *Noticiador*, de 9 de Novembro de 1833 o predito gremio instituirá um premio de mil piastras "ao melhor *Ensaio sobre um Congresso ou tribunal das Nações* para terminar amigavelmente todas as questões e abolir por uma vez a guerra."

Os escriptores deveriam demonstrar que a guerra não tem utilidade alguma, que de facto não é menos praticavel do que razoavel para as communhões o decidir desavenças por meio da razão; e que o appello ás armas é acto irracional, brutal, cruel, corrupto, absurdo. Que, "sobre ser a brutal força da guerra uma fonte inexaurivel das desgraças da humanidade, e impropria para decidir as desavenças dos povos, quanto pelo contrario é opportuno o Tribunal das Nações, cujas vantagens e praticabilidade devem igualmente ser comprovadas."

O Dr. Alfredo Varella pormenoriza no seu livro:

Sua desfortuna (a do Brasil) ha sido tamanha, que prompto a habilitar-se para a autonomia, completa e integral, de campanha com as colonias hespanholas, surge em suas praias a Côte fugitiva, que impede assim em 1808, como por um habil jogo em 1816, o que tardiamente realizámos seis annos mais tarde. Ironia da sorte, porém: Do João, que com a sua presença no começo do seculo fizera adiar a nossa independencia, deixava-nos em 1821, quando a continuidade de seu infando Governo podia ser-nos benefica, quando "os estragos e infortunios que causou ao Brasil" podiam ter um completo resarcimento, graças a uma administração reparadora, inspirada por Sylvestre Pinheiro. Este grande homem era a antithese do pretensio grande estadista de 1822. Conservador, como o póde ser uma creatura de senso, jámais houvera tratado de "implantar o systema", á guisa dos processos pombalinos que nem no seculo anterior se mostraram opportunos. e sim "debaixo do plano de moderação e suavidade, que" allures "se seguiu com tanta energia." O grande espirito do Ministro da Guerra e Estrangeiros, que foi, como se disse "o maior pensador portuguez do seu tempo", tinha-o aberto ás mais nobres iniciativas liberaes, na ordem interna e externa. Seu projecto federalista, se insufficiente, attesta que, reconhecida e estudada a verdadeira pendencia da opinião nacional, nunca jámais resistiria ás aspirações descentralizadoras, como José Bonifacio e os da escola que em má hora fundou entre nós. As relações exteriores, que o Ministro de D. Pedro logo comprometteria com a sua desazada acção no Uruguay, tinham recebido um regenerador impulso, desde que teve entrada no gabinete, o illustre estadista e philosopho portuguez.

Depois de regularisar á maravilha a situação da expoliada communidade oriental, Sylvestre Pinheiro abriu communicações com Bolivar, mirando transformal-o em o paladino de sublime idéa, a de uma "confederação de nações", para garantia mutua de sua "Independencia". Idéara a criação desse organismo, com o designio de oppôr uma forte barreira á Santa-alliança, grandioso pensamento que se antecipava ao que depois afagou George Canning na Europa e ao que depois na America celebrisaria o Presidente Monroe. Emquanto José Bonifacio, proseguindo na torva, mesquinha politica do absolutismo, tentava absorver a Provincia de Chiquitos ou reconhecer-lhe maliciosamente uma personalidade internacional, com offensa dos direitos do Alto Perú; emquanto procurava immiscuir-se na vida interna das provincias-unicas e manter a nossa usurpação de uma dellas: o seu grande predecessor laborava sinceramente por um direito ainda não inconcusso nos dias de hoje, o de os povos decidirem os seus destino. Considerando que o homem de sua estirpe moral é cidadão de todo paiz livre, abraçava os interesses de todos que o eram, zelando por elles, como os de seu berço natal. A *Sociedade das Nações*, concepção que se reputa dos ultimos dias, brotado tinha em seu generoso e vasto cerebro: elle a tentou fundar, com um complexo de communidades emancipadas, sob a presidencia da mais adiantada, que era, ao ver delle, a norte-americana. O que agora ainda não passa de uma simples elocubração de algumas cultas chancellarias, promoveu-o activamente a de Lisboa, afim de "manter-se a liberdade e a indepen-

dencia das Nações contra o despotismo e a autocracia em geral": afim de "repulsar a força com a força" "oppondo á denominada Santa-alliança dos principios aggressores, a sagrada Confederação dos povos aggredidos", estreitamente congregados, para impedirem que "se não comprometta a paz universal, de que todos necessitam."

Não me surprehendi quando presenciei o espontaneo movimento de apoio que mereceu o meu appello, da parte da juventude, e dos professores, como da parte da Sociedade Brasileira de Direito Internacional, presidida pelo digno e abalizado especialista dessa disciplina, Dr. Rodrigo Octavio, e assim tambem da Associação dos Empregados no Commercio, do Congresso Legislativo do Espirito Santo e do illustre Governo do grande Estado de Minas Geraes. As notaveis conferencias dos Drs. Clovis Bevilacqua, Raul Fernandes e Porto Carrero, a prégação calorosa de Bernardino de Souza, na Bahia, o discurso do illustre Deputado Attilio Vivaqua, em Victoria, e as phrases sadias e quentes do eminente Dr. Mello Vianna, em sua recente Mensagem, tudo apenas confirmou no meu espirito a certeza, que eu já tinha, de que não morreriam sem éco o meu chamado e a minha solicitação.

Não podia ser de outro modo. A idéa de uma sociedade das nações sempre viveu latente na mentalidade politica do Brasil.

Posso a esse respeito recordar uma bella e esquecida iniciativa da Assembléa Provincial de Minas no penultimo anno do Imperio.

Em 6 de Julho de 1888, quando começara a tomar um character mais grave a questão militar, que deu por terra com a monarchia, e, influido por ella e pela abolição, o movimento em prol dos idéaes republicanos ganhava terreno por toda a parte, a Camara dos Deputados da alludida Provincia approvou a seguinte indicação:

"Indicamos que a Assembléa Provincial represente á Camara dos Deputados, ao Senado e ao Governo sobre a necessidade urgente, que sente todo o brasileiro, da adopção quanto antes das seguintes medidas: 1<sup>a</sup> — Federação das provincias com todas as suas consequencias naturaes; 2<sup>a</sup> — Completa emancipação administrativa do municipio; 3<sup>a</sup> — Revisão da Constituição politica do Imperio em todos os artigos inconciliaveis com os principios liberaes e democraticos; 4<sup>a</sup> — *Organização da paz entre todos os paizes da America do Norte, Central e do Sul, de modo que as questões internacionaes, sejam resolvidas por meio de arbitramento.*"

Essa indicação era assignada por 23 deputados á Camara Mineira, entre os quaes o actual Ministro da Viação, Dr. Francisco Sá, o Dr. Camillo Prates e o Dr. Josino de Araujo, recentemente fallecido.

Assim, ao que se vê, as formosas palavras do illustre Dr. Mello Vianna, a respeito da Liga das Nações na sua recente e opulenta Mensagem, foram, apenas, como tive ensejo de dizer em telegramma, uma nova projecção do velho e grande pensamento liberal de Minas Geraes.

Tambem não é outra cousa a acção fulgurante e activissima que, com tanto proveito para o Brasil, tem desenvolvido em Genebra o Embaixador Mello Franco, cuja personalidade cresce todos os dias na admnistração e no respeito desta casa e do paiz inteiro.

Mas eu não pretendo dar á minha fala a longura de uma dissertação historica, contentando-me em accentuar que o Itamaraty continúa a ser a Casa da America, em todas as suas preoccupações e carinhos voltados para os interesses superiores de concordia continental, e fazendo disso exactamente, como affirmei no meu já citado discurso de 12 de Outubro do anno passado. "o nosso legitimo titulo de honra e de orgulho para interferir, em beneficio exclusivo do avanço da cultura juridica universal, noutro meio politico diverso, cujas contendias locaes dess'arte direi que não nos interessam senão nos aspectos de generalização e de doutrina, que possam porventura assumir e venham acaso a dizer com as conveniencias unanimes do mundo."

Este Ministerio concretiza hoje este duplo, mas uno programma inaugurando uma acção de ligação com o Bureau das Republicas Americanas de Washington e com a Sociedade das Nações. Espero que a Secretaria de Estado trabalhará com afincio no desenvolvimento dessa secção organizada por um notavel es-

forço do seu projecto funcionalismo e onde já se concentram informações valiosíssimas sobre todos os assumptos tratados naquellas duas grandes repartições internacionaes.

Commemoramos dessarte dignamente o bello gesto que a mocidade brasileira acaba de ter, animando os ideaes de paz e de cooperação, como lhe insinuou a V Assembléa reunida o anno passado em Genebra e lhe têm igualmente pedido as Conferencias Pan-Americanas até agora realizadas.

A vibração intellectual que existe em cada uma das moções que acabam de me ser entregues, o profundo sentimento humanista e liberal que todas ellas respiram, fé immensa no porvir que traduzem e consubstanciam em tão bellas affirmações, não podem deixar de inspirar a nossa confiança no futuro do Brasil como collaborador esforçado da paz universal. Agradeço a todos os estudantes em geral e a cada um de seus interpretes em particular o inestimavel consolo desse apoio, que tanto abona a elevação de pensamento do Brasil novo.

Poderia rematar e remataria muito bem fazendo o elogio da mocidade que elle carece para melhorar no sentido proficuo da harmonia e da concordia.

Mas acredito que esse elogio estará feito com os louros que desfolharmos sobre a fonte egregia de nosso eminente Reitor.

O Sr. Conde de Affonso Celso é bem uma velhice estudante de mocidade e a todo o instante rejuvenescida no serviço do ideal e da fé e nas batalhas incessantes da belleza e do estudo. A neve que caliu sobre a sua formosa cabeça leonina não assignala a improductividade dos invernos, mas apenas a brancura das cousas santas da intelligencia e do coração, que lhe têm enchido e dado tanto lustre á vida de lidador e de educador. Com um guia

desses não ha mocidade que se perca na rideza da negação e da descrença. Elle symbolisa, na sua insigne personalidade, melhor do que ninguém, o passado de glorias do Brasil, o presente de energia de nossa terra, o immenso porvir de esperanças da cara patria.

Em geral, quando se desce a encosta da montanha, é sempre a melancolia que nos acompanha. Com o vosso preclaro mestre, Reitor da Universidade do Rio, assim não acontece nunca. O que vai constantemente com elle é aquelle enthusiasmo vivificador do véro didacta erigido tambem em lição permanente de character.

Delle se pôde dizer que sobrevive sempre ás proprias gerações que vai educando com as lições de seu admiravel saber e os exemplos de sua vida modelar de homem publico e de chefe de familia.

Elle é, no nosso meio, uma actividade persuasiva, absorvida de continuo nos labores de construcção que fazem a legitima gloria dos verdadeiros grandes homens.

O Itamaraty guardará com intenso reconhecimento o prazer de ter ouvido o verbo lapidar do conspicuo professor e impolluto patriota, exprimindo o sentir da mocidade nacional no momento da entrega das moções que os corpos discentes das Academias e Escolas brasileiras dirigem á Sociedade das Nações, em apoio dos ideaes de paz e de cooperação que formam o alicerce e o programma da notavel instituição creada pelo Tratado de Versalhes.

Eu não poderia exprimir melhor o meu contentamento do que pedindo que me acompanhem no viva agradecido que lhes vou dar:

Viva a mocidade!

o o o o  
V a e c h o v e r

Vae chover. As nuvens pesadas

juntaram-se todas no céu cinzento —

e as arvores movediças, assustadas,

descabellaram-se ao sopro do vento.

Vae chover... Que soluço prende-te a garganta?

Porque, inquieta, levantas para mim o olhar?

Bem percebo a razão mysteriosa que espanta

os teus olhos, mas finjo tudo ignorar.

Vislumbras sobre elles negras nuvens em bando.

Sentes nos hombos um identico arrepio

ao que agora, lá fóra, assoviando, ondulando,

faz as folhas dansarem, encolhidas de frio...

Vae chover. Ha passos rapidos na rua.

Automoveis se cruzam em secco fulgor.

Aquella estatua toda branca, toda núa

Que embelleza o jardim, olha o céu com terror.

Vae chover... vaes partir... Duas cousas de nada!

Amanhã brilhará outra vez o sol louro

e em breve agitarás doidamente de novo

as tuas mãos, que tens no collo abandonadas.

Sinto que vae chover. Todas as folhas tremem.

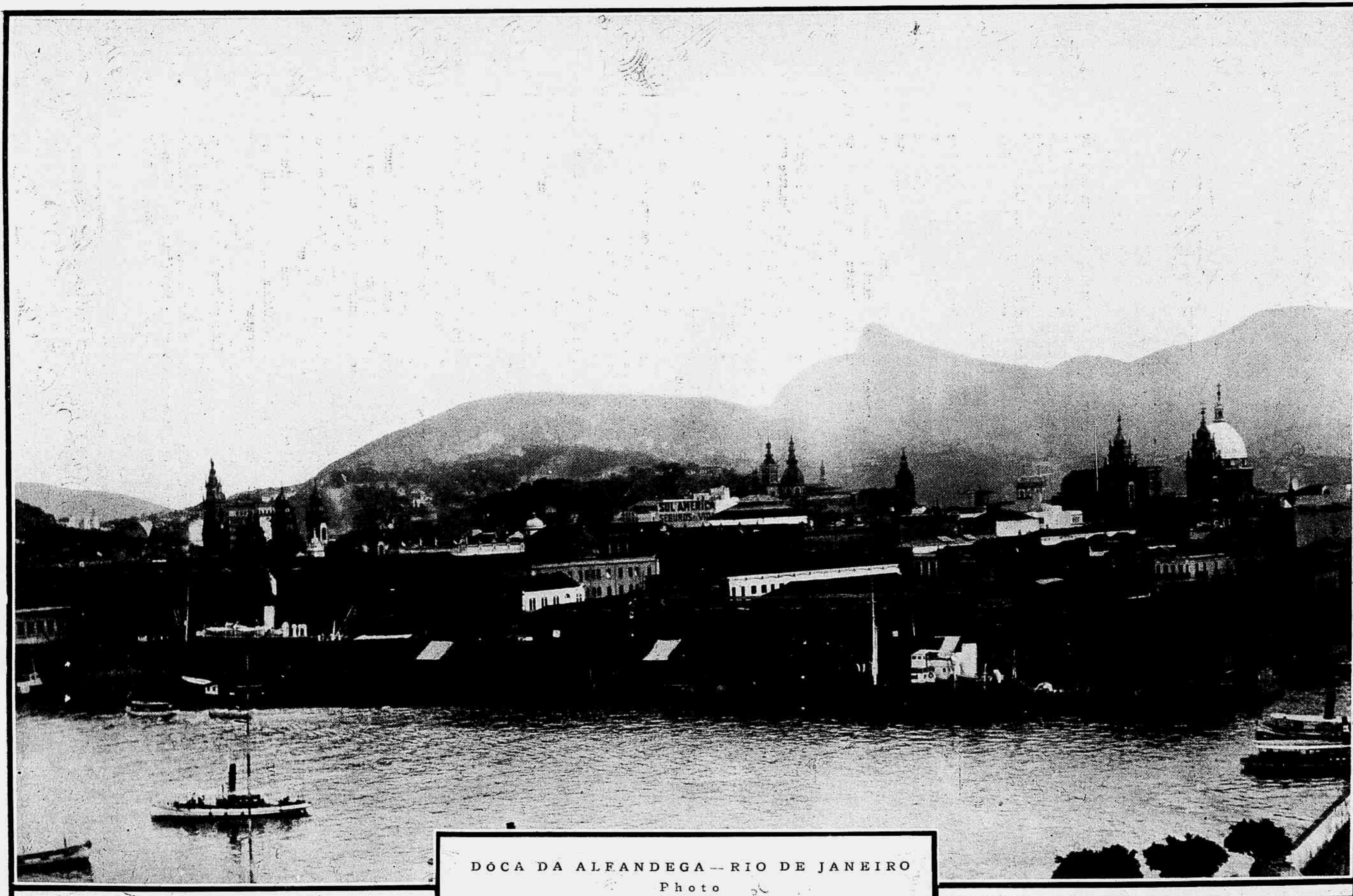
As nuvens negras galopam no ar.

Vaes partir. Teus hombros frageis tambem tremem

e ha qualquer cousa que annuvia o teu olhar.

Vae chover...

Vaes chorar...



DÓCA DA ALFANDEGA — RIO DE JANEIRO  
Photo  
Fernando de Mesquita

Outubro  
1925

# Anatole France

Por  
Julio de Mesquita Filho



CABA de extinguir-se, com Anatole France, a mais penetrante intelligencia dos tempos modernos. Abrindo uma excepção entre tantos outros vultos de elite desaparecidos em meio da indiferença geral, quando o excesso de sensações violentas provocadas pela guerra européa já havia embotado a capacidade emotiva da humanidade, o mundo todo rende o tributo de seu respeito commovido a esse espirito que continua a pairar sobre a sua época como um clarão bemfazejo, amparando-o e confortando-o nestas horas de descrença e desillusões amargas. Dos milagres que realizou a alma pagan de Anatole, não se contará esse, por certo, entre os menores. A anciedade por toda parte despertada com as primeiras noticias da sua lenta agonia, fazendo esquecer as preocupações dominantes, os embates dos povos, as hecatombes guerreiras, a conquista de prodigiosos records em que, alliado á mecanica, o homem vence a distancia e domina os elementos, reedita a prophécia do grande morto: em vão o Poder das Trevas tenta mergulhar no tumulto o genio latino: elle gera todos os dias mais liberdade, mais sciencia e mais belleza.

Como aconteceu á virgem Julia, filha de Claudio, o genio do subtil e malicioso Duende, que, á maneira das divindades menores da Hellade, tinha o seu templo, essa prestigiosa Villa Said, perdido nas proximidades silenciosas do Bosque de Bolonha, resurge transbordante de encantos, agora que lhe cessaram os dias de existencia material. A sua personalidade impoz-se, sem violencias, com elle viveu, pela magia da sua palavra, indulgente e harmoniosa. A obra que construiu, purificada pelo desaparecimento do artifice, derrama sobre o mundo convulsionado e abatido a luz perenne e quente que lhe transmittiu, através dos seculos, a civilização do Mediterraneo.

Ha um certo mysterio nessa tregua universal, em que os homens cessam por um rapido instante a sua faina de odios para acompanhar o declinio de um espirito que se apaga após longos annos de uma vida dedicada ao culto da razão e da belleza. Ha qualquer coisa de igualmente perturbador nessa preferencia confessada de uma época de messianismo extremado, de intransigencia irreductiveis, de systematisação exaggerada e fanatismo politico, por aquelle que passou os seus dias zombando das attitudes categoricas e das afirmações absolutas.

A' medida que o dominio de si mesmos vae abandonando os seus contemporaneos e que á pura intelligencia se substituem as paixões desenfreadas, cresce, desmedidamente, o prestigio que ao autor das memorias de "Jeronymo Coignard" lhe grangeou a sua inegalavel facultade de discernimento. E' que todos nós sentimos que a razão está com elle.

O instincto da Natureza, abafado por vinte seculos de christianismo e dois de predominio da mentalidade subjectivista dos povos do norte sobre a clara e suave concepção do mundo, que nos legaram a Grecia e Roma, reage, antes de desaparecer definitivamente, numa derradeira e fulgente affirmacão, atravez das criações de Anatole France. Cada vez mais estranhos ás nossas origens, resta-nos, entretanto, recalcada nos abysmos de nossos seres, ainda que demasiado tenue, a percepção do grande desastre que se vae consummando. A tradição luminosa de Dionisio deserta rapidamente da terra. A ronda alegre das bacchantes chegou ao termo com a morte do ultimo companheiro das menadas e dos silenos, das thyades e dos satyros. Vencidos, abandonamos o mundo dos sentidos pela promessa duvidosa de um futuro inconsistente. A alma humana se recolhe, foge á doçura de viver, ao contacto calido da natureza amiga, como se sobre o mundo todo se abatesse a bruma espessa do Septentrião. Odin e a Biblia venceram Apollo e as Musas. A Graça e a Ironia cedem ante o Mysticismo e o Humor.

Anatole France marca o epilogo dessa luta millenaria. Não são poucos, na sua obra, os traços do rude embate. Nem sempre o scepticismo attico do saboroso artista se soube preservar do contacto impuro com o mundo barbaro. Só, entre os modernos, o fino evocador do Procurador da Judéa, essa prodigiosa flôr de ironia, sentiu na sua plenitude, a volupia de viver. Se nem sempre lhe foi possivel eximir-se da influencia morbida do christianismo, foi, comtudo, e principalmente um sensualista. O seu temperamento pagão explode a cada passo, domina-lhe o sêr, emprestando-lhe uma especie de cynismo ingenuo que o redime dos mais feios peccados. Vê as fraquezas humanas com os olhos indulgentes de quem conhece a fallibilidade da carne, e, estheta antes de tudo, ao analysar a doutrina do peccado, colloca-o diante de um juiz capaz de reconhecer a fascinação irresistivel da belleza feminina.

"Puisqu'il faut pécher sur cette terre, et que nul ne peut, sans superb, se croire infallible, c'est avec vous, mademoiselle, que je voudrais que la grace divine me fit défaut de préférence, si toutefois tel pouvait être votre bon plaisir, j'y

recontrerai dois vantagens preciosos, á favor: primeiro, de pecher com uma joia rara e des delicias singulieres; secundamente, de encontrar uma excusa na potencia de vos charmes, car il est sans doute écrit au livre du Jugement que vous attraites sont irresistibles. Cela doit être considerado. L'on voit des imprudents qui forniquent avec des femmes laides et mal faites. Ces malheureux, en travaillant de la sorte, risquent fort de perdre leur âme; car ils pechent pour pecher et leur faute laborieuse est pleine de malice. Tandis qu'une si belle peau que la vôtre, Catherine, est un excuse aux yeux de l'Eternel. Vos charmes allégent merveilleusement la faute qui deviens pardonable, étant involontaire".

Assim falava, sob o portico de Saint-Benoit-le-Betourné, o abbade Coignard, amavel preceptor de Jacques Tournebroche.

Escravisa-o a obsessão dos sentidos, no proprio mundo das idéas, em que pairou sempre.

A's suas sabias divagações se misturam num equilibrio harmonioso, silhuetas femininas perturbadoramente provocantes. As formas são um dos reagentes principaes do seu espirito maravilhoso. As virtudes ecclesiasticas do abbade Coignard perigavam diante da seducção satanica de Catharina, como não resistiam aos attractivos de madame Worms as infelicidades domesticas e a serenidade erudita de monsieur Bergeret. Na sabedoria accumulada buscavam ambos novos e requintados gosos para a carne e para o intellecto. Desconheciam o tenebroso conflicto da materia e do espirito.

Ao contrario do que se verifica geralmente entre estudiosos, a erudição é, para Anatole France, mais um instrumento de volupia, que elle sabe juntar com requintes supremos de arte á sua tendencia natural de lascivo impenitente. Veja-se essa pura joia, gemma incomparavel de proporção, de equilibrio e de precisão descriptiva, que se intitula "Historia Comica". Ahi Anatole ultrapassou-se a si mesmo. Em pagina alguma, sahida de sua penna milagrosa, tanta belleza se irmana a tão sublimada perfeição. A arte poucas vezes ascendeu a eminencias taes. Estão alli as manifestações todas da sensibilidade artistica: ironia, graça, piedade e mesmo "humour", essencia estranha que engendrou a dor humana. Anatole abandona por um momento a preferencia marcada, pela divagação, para revelar-se na admiravel novella um subtil architecto. Ella faz pensar num daquelles pequeninos primores da antiguidade, em que se resume, inteira, uma civilisação. Discorrendo sobre a musica, diz Walter Pater que todas as artes tentam essa perfeita identificação da forma e da materia que só esta, nos seus momentos mais felizes, consegue realizar. Esse idéal artistico, para nos servir das suas proprias expressões, essa perfeita identificação, tão perfeita que se não poderia distinguir o fim, dos meios, a forma, da materia, o sujeito, da expressão. Anatole France a realisou na "Historia Comica".

Com a mesma maestria com que exhumava a alma libertina e incredula do seculo XVIII, plasmando a figura jovial do abbade Coignard, elle joga com as idéas materialistas do seu tempo, para modelar o delicioso perfil de Trublet. E' verdade que, no abbade Coignard, já existe em potencia a systematica do doutor Socrates.

O "mestre amavel" de Tournebroche considerava impossivel conceber o universo de outro modo que não sob as categorias da intelligencia e que o Cosmos é perfeitamente intelligivel, mesmo quando se tem em vista demonstrar-lhe o absurdo. Fazia do mal uma idéa simples e sensivel que filiava aos orgams do homem e aos seus sentimentos naturaes, sem a complicar com todos os preconceitos que assumem, no Codigo, uma existencia artificial. Elle não teria assignado — commenta Anatole — uma unica linha da Declaração dos direitos do homem, devido á excessiva iniqua separação que ella estabelece entre o homem e gorilla. Sabia, diz ainda o editor das suas memorias, que as funcções do corpo, como as das nações, dependem da estructura dos membros e do estado dos orgams. Eis porque não induzia ninguem á revolta...

Tendo vivido cerca de um seculo antes que Lamarck e Darwin estabelecessem o determinismo scientifico, já falava elle com a tolerancia que á sabedoria do dr. Socrates emprestavam os conhecimentos positivos. Seria inutil, redarguia este, a Felicie Nanteuil, revoltada com as propostas malsans da sua camarada Perrin, seria inutil reprochar-lhe os instinctos que lhe attribuis, como seria vão accusar o acido lactico de ser um acido de funcções mixtas. Para o abbade Coignard, como vimos, as funcções do corpo e das nações dependiam da estructura dos membros e do estado dos orgams. No bom senso de Felicie, ao comprehender, repellindo-as, porém, as indecorosas solicitações de Perrin, Trublet entrevia a percepção instinctiva de que as acções e os pensamentos humanos não passam de casos particulares da mecanica universal. Coignard emprestava á belleza luxuriante de Catharina poder irresistivel. A moral fluctuante e metaphyca daquelle que as humanas fraquezas victimaram, na estrada de Lyon, "Judea manu nefandissima", se consubstancia, adquirindo contornos nitidos, no contacto do phenomenismo scientifico de Trublet.

E' extremamente curiosa e significativa a accentuada predilecção de Anatole France pelo determinismo philosophico. Dentro da amplitude moral decorrente daquelles principios, move-se á vontade o seu espirito insaciavel e libertino. O mundo palpavel é o seu thema predilecto e nelle encontra a sua curiosidade irrequieta campo sufficientemente vasto para toda sorte de devaneios. Dentro da infinita elasticidade moral que aquella corrente philosophica offerece, sente-se elle ao abrigo das restricções impostas por outros sistemas doutrinaes, e dos anathemas da sociedade. Eis porque o velho amigo dos artistas do Odeon se apraz em discorrer, longa e voluptuosamente, sobre os seios e o ventre femininos, as

duas glórias da mulher, como elle proprio dizia. Tomando-as nas memorias do abbade Coignard, leva Anatole France, na "Historia Comica", as idéas da Encyclopedia aos fins a que deviam logicamente chegar, se lhes não tolhesse a marcha o espectro do christianismo.

Concebendo o universo á maneira de Nietzsche, vendo nelle uma manifestação esthetica, Anatole não se pôde conformar com o manto espesso que entre a Natureza e o Homem correu a Egreja Catholica. Dahi o seu pessimismo. O seu temperamento optimista, sob a acção hereditaria do christianismo, que aboliu da terra a alegria despreocupada de viver, tem momentos de amargos desfallecimentos, em que a concepção sensualista da vida se desvanece ao entrever a pungente realidade do Nada, a que tudo e todos tendemos. Como o cantor de Kymé, elle ama a luz do dia e teme a morte. Mas o velho Homero, saturado de dores e carregado de annos, tinha os Deuses, para os propiciar com offerendas. No termo da existencia vislumbra Anatole negro abysmo apenas, povoado de "diables gothiques". As visões medievas ensobram o seu espirito soffregio de claridade e perfeição.

"Os gregos tambem temiam a morte, mas não n'a enfiavam. A imaginação hellena embellezava todas as coisas e tocava de graça o desmaio supremo.

A Idade Média, ao contrario, assustou-nos com o terror do inferno, e com uma lugubre fantasmagoria de diabos que espreitam a alma do peccador, com os simulacros funebres dos sepulcros, com as imagens dos esqueletos e dos vermes do caixão, roendo a carne corrompida, emfim, com as dansas macabras". E' sempre a sua esthetica sensualista a rebellar-se contra o horror da scena final.

"Os antigos morriam com mais naturalidade que nós. Deixavam a existencia facilmente, porque a deixavam sem grandes temores e sem grandes esperanças". Diziam elles: eu vivi. Moribundo, diz o christão: vou viver emfim".

O seu paganismo não é integral. Dormita-lhe no fundo do ser, prompto para exercer seus

direitos, a superstição christan que lhe transmitiu a alma timida dos antepassados. Repellido, instinctivamente, o "vou viver" do catholico, não consegue dizer bem convictamente o "vivi", do atheniense.

Para o antigo helleno, a morte é certa. Para elle só é certo o terrivel espectaculo da decomposição e dos vermes... Entre a esperança catholica e a serenidade impassivel do grego, agita-se impotente a alma desamparada de Anatole. Todo o seu pessimismo está contido nessa tragica luta desesperada.

Só Anatole possuiu em nosso tempo, essa intelligencia do passado, que lhe faz viver igualmente todas as épocas da historia e comprehender os successivos estados de alma por que passou a humanidade, desde as origens até hoje. Nesse dom subtil de apprehender e evitar a influencia dos preconceitos que a todos nos interceptam a visão real da alma humana, nas suas multiplas mutações, reside talvez a essencia da sua arte e o segredo de seu inimitavel processo literario. Nenhum outro artificio transparece á mais paciente e minuciosa pesquisa sobre a obra magnifica que nos deixou.

A fascinação por elle exercida se explica pelo realismo surpreendente que sabe insuflar ás épocas e ás personagens que resuscita. A Idade Média, infantil e medrosa, se reflecte, num colorido vivo e transparente de vitral, no perfil serafico do "Jongleur de Notre Dame", com a mesma precisão e o mesmo realismo com que a magia do seu poder de evocar nos faz penetrar, comprehender e amar a Illyada e a Odysséa, através da pura e delicada filigrana do "Cantor de Kimé". A civilização antiga jamais conheceu outro commentador que mais fizesse para a sua gloria immortal. Como elle proprio diz, ás extensas verdades da sciencia se misturam, no seu espirito, as verdades profundas da poesia. Fiel ao culto de Pallas Athenea, Anatole nunca inventou. Viveu "au milieu du peuple des songes" como uma divindade protectora, entretendo a luz que delle se irradia e que, em vão, o Poder das Trevas tenta apagar.

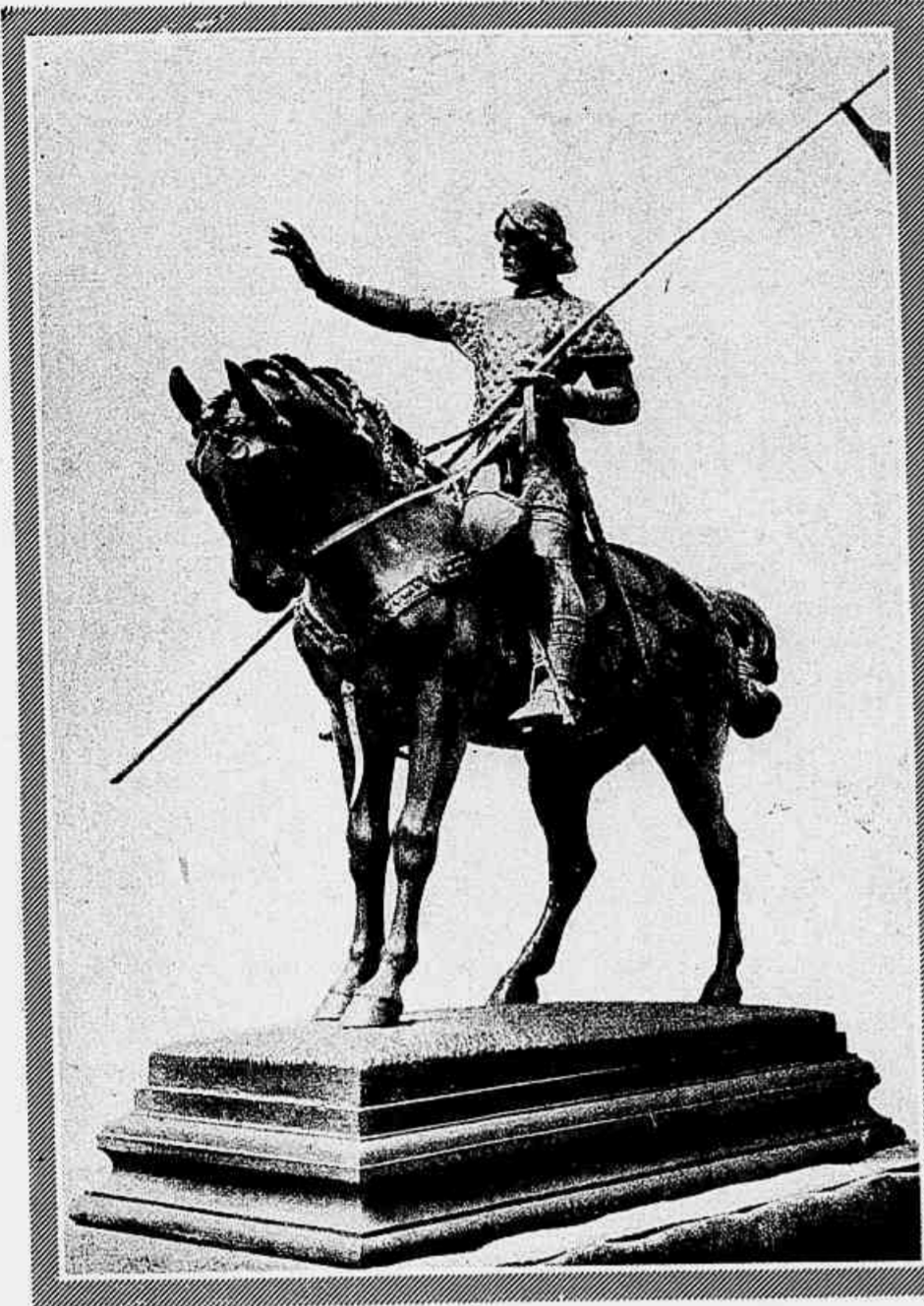
JULIO  
DE  
MESQUITA  
FILHO



Redactor do "Estado de São Paulo" e um dos escriptores mais expressivos do Brasil moderno.

ESCULPTURA

TCHECO SLOVAQUIA



"São Wenceslão" — por  
Bohuslar Schnirch



"Dedicação" — por  
J. V. Myslbek



"Os Cegos" — por  
Frantisek Bilek



"Orpheo" — por  
Boumil Kafka



Retrato do Artista  
(Ladislão Benes)



"A intelligencia" —  
por Josef Maratka

"Monumento a Huss"  
Ladislav Saloun



*visent os outros.  
Vontais para os outros...*

*Lucien Guitry*

*1º. Fant 1918.*

*Tº 9 univ -*

LUCIEN GUITRY  
O GRANDE ARTISTA QUE O THEATRO FRANCEZ ACABA DE PERDER  
(De uma agua-forte de R. Kastor)

# DE RABINDRANATH TAGORE

(Tradução de Abgar Renault)

I

Eu sou para ti como a noite, pequenina flôr.  
Só posso dar-te minha paz e meu silencio des-  
velado, occulto na obscuridade.

Quando abrires teus olhos, pela manhã, en-  
tregar-te-ei a um mundo cheio de zumbidos de  
abelhas e de cantos de passaros.

A ultima cousa que te darei, será uma gotta  
do meu pranto, que tombará no mais fundo re-  
cêso da tua juventude. Ella te fará sorrir mais  
docemente ainda, e te velará a visão do riso des-  
pedado do dia.

II

Não te atormentes por causa de seu coração,  
meu coração. Deixa-o na obscuridade. Sei eu si  
sua belleza é apenas de seu corpo, e seu sorriso  
apenas de seu rosto ? Deixa-me acceitar sem  
perguntas este sentido simples de seus olhares, e  
ser assim feliz.

Pouco me importa si é uma trama de illusão  
o que seus braços tecem ao redór de mim, porque  
o manto é rico e raro, e é possivel sorrir ao en-  
gano, e olvidal-o.

Não te atormentes por causa de seu cora-  
ção, meu coração. Alegra-te, si a musica é ver-  
dadeira, embora não se possa confiar na palavra;  
contenta-te com a graça que dança, como um ly-  
rio, por sobre a mentirosa superficie on-  
deante, seja o que fôr o que vive além,  
no fundo.

III

Desejaste o meu amor, e, todavia, não me  
amavas.

Por iso a minha vida se acérca de ti como  
uma cadeia, que clama a ti, e te constringe,  
tanto mais dura quanto mais luctas por ser livre.  
A minha desesperação chegou a ser tua compa-  
nheira mortal, e prende-se á menor das tuas gra-  
ças, tentando arrastar-te até á caverna das la-  
grimas.

Destruiste a minha liberdade, e com sua  
ruina fizeste a tua propria prisão.

IV

Por um momento, não soube o que fazia, e  
vim. Mas, levanta os olhos para que eu veja si  
ainda resta alguma sombra dos dias passados...  
uma pallida nuvem, já sem chuva, no horizonte.  
Supporta-me um instante, embora eu não saiba  
o que faço.

As rosas estão ainda em botão, e ainda não  
sabem porque nos esquecemos de colher flôres.  
este verão. A estrella da manhã tem ainda o mes-  
mo silencio palpitante; a luz da aurora está ainda  
enovelada nas trepadeiras que pendem da minha  
janella, como naquelles dias passados.

Esqueci por um momento que tudo se havia  
mudado, e vim.

Esqueci si alguma vez me humilhaste, volvendo-  
me o rosto, quando eu te desnudava meu co-  
ração.

Só recordo as palavras que hesitaram no tre-  
mor dos teus labios; as sombras de arrebatada  
paixão de teus olhos escuros, como as azas  
de um passaro que busca seu ninho no  
crepusculo.

Esqueci que tu não te lembravas, e  
vim...

# O Gallo - atrevido - do - século

Palestra de Alberto Faria  
Academia Brasileira

Gracias donas

amaveis cavalheiros:

Como todos nós, os palestradores, temos, nos momentos solennes, um pouco do calumniado senhor de La Palisse (calumniado, sim, visto que do marechal Jacques Chabannes, heroe de Marignan, se fez o bóde expiatório da toleima universal); não deverá surpreender a declaração de que "começo pelo principio", i, é, pelo gallo **ab ovo**, tanto vale — em sua origem, arriscando-me talvez a cacarejar e não pôr ovo, ou a cocoricar e pôr um ovo minúsculo, conforme acontece aos gallos velhos, **apud Zé-povinho...**

Não se infira, todavia, do pueril jogar de onomatopéias, que me commetterei o ingênuo encargo de responder cabalmente á indagação anónima: **Qual nasceu primeiro — o ovo, ou a gallinha?** Questão antiga e eterna, encontramol-a renovada modernamente nas seculares cóplas francesas:

Sans ceuf on n'a point la poule,  
Et sans poule on n'a point l'oeuf;  
L'oeuf est le fils de la poule,  
La poule est fille de l'oeuf.

Pour avoir la première poule,  
Ou pour avoir le premier oeuf,  
Fit-on l'oeuf avant la poule?  
Fit-on la poule avant l'oeuf?

E' a metrificação do **Ovumne prius fuerit an gallina**, do liv. VII, cap. XVI, das **SATURNALIA**, de Macróbio, em que Evangélo dialoga com Disário, perguntando-lhe: **Si o ovo é anterior á gallinha, ou si a gallinha é anterior ao ovo.** E o inquerido acode á diversão jocosa, expondo as duas theorias sobre o assumpto, a do **creacionismo** e a do **evolucionismo**, servindo-se dos argumentos da época, tendentes a resolver o problema, que longo tempo attraiu inventores de cosmogonias e philosophos. Esse problema, de impossivel solução, aparente, é, na realidade, um **ovo de Colombo** do vulgo ocioso.

**Paulo majora canamus!**

O bello espécimen ornithológico, que constitue o **prato de resistência de hoje**, — porquanto aqui está sob o trinchante de minha critica, para pasto de vossa gastronomia intellectual, — promanou das mysteriosas florestas da Asia remota; e não admira que, sendo-lhe ninho primitivo o mesmo berço da crédula humanidade, aquelle Oriente cheio de resplandescências, os antigos povos occidentaes o reputassem — **Passaro do Astro-rei.**

Aliás, o mytho solar, que semelhante dizer envolve, se formaria no proprio Levante, de cujo seio fecundo irradiaram múltiplas tradições religiosas, toucadas com a névoa de ouro da poesia do naturalismo árico.

Para os Persas, que o consideravam afujentador dos génios maus, os respectivos cantos punham em rápida debandada os feiticeiros, os quaes agiam nas trevas. Entre elles, era consagrado ao Vigilante dos Páramos, e presidia ao espaço de tempo da meia noute ao nascer do sol. Symbolo da luz, tinha o nome de **Aráuto da Manhã**. Sabel-o-ia quicá Shakspeare, que lhe chamou ave do crepúsculo (matutino): **The bird of dawning**, literalmente — **O passaro do amanhecer.**

Tal relação mythica é bem flagrante ainda na decrepitude pagã e na infância do christianismo.

Lucrecio, para exemplificar a theoria da formação óptica da imagem, emprestando intuito scientifico seu a simplice crença do povo, traçou os versos 714 e 715 do c. IV da **NATUREZA DAS COUSAS**:

Cantando o gallo o dia chama, e a noute.  
Co'as asas afujenta, em rijo açoute.

Aos dous corrésponde o da **Oração do peregrino**:

Canta o gallo, abre-se a luz.

que é o gallo canente spes reit do Breviario romano.

E Prudêncio, que comparou Christo ao gallo, **crístatus cristeus**, compoz a estrophe:

Diabos que erram e trabalham  
Da noute sob o trevor,  
Si o gallo canta, se espalham,  
Fojem cheios de terror

Consoante aos árabes, no paraíso de Mahomet, cada aurora um gallo fazia ouvir fortissimo canto em louvor de Allah, traduzindo os gritos matinaes dos gallos sobre a terra a repercussão parcellada do grande hymno. No julgamento universal, o extranho plumitivo assim procederia em derradeiro turno. Vira-o o propheta, no primeiro céo: era de brancura deslumbrante, mais que a da neve, e de porte descommunal, a ponto de tocar com a cabeça o segundo céo, afastado do outro quinhentos annos de caminho, cousa semelhante ao sonho de Sócrates relativo a Platão.

Acaso, S. João plagiou Mahomet, prégando que o gallo, no Fim dos Tempos, daria o signal do Despertar Eterno?

Por ventura, delle houve noticia siquer nosso caipira, para attribuir ao gallo voz altisona, de sentir-se a muitos kilômetros de lonjura:

Um talento sem allivio,  
De não poder descansar;  
Distância de quatro léguas  
Inda um gallo ouvi cantar?



**BRIGA DE GALLOS**  
(De uma velha gravura franceza)

Não, de certo; o que notamos na história santa e na poesia popular são sobrevivências de um diluído polytheismo siderico. Os germens deste acham-se no Avesta, a Bíblia dos persas, e no Koran, a dos Árabes, de accordo com o anterior e successivamente exposto.

Emilio Burnouf, que distingue **theoria, lenda e vida** de Christo, — observou que a segunda deriva das religiões orientaes, principalmente do culto solar. E eu corroborarei a observação, ao deante, com tradições nossas.

O soberbo plumífero, selvajem e sagrado, cedo passou á Babylônia, pelo que nol-o attestam cylindros e gemmas, em que vemol-o symbolizando uma divindade de seus habitantes, identificada ao Nergal (leão alado).

Não se transferiria igualmente ao Egypto, porque os monumentos d'ahi guardam silêncio absoluto a tal respeito.

O mesmo não apparece ainda no Velho Testamento. Porém figura já no Talmud, onde se afirma que em Jerusaleim o tinham por immundo, visto desenterrar ossos: fábula provavelmente. Isso talvez se explique pela **bestialidade**, matéria de uma lei citada por Plutarcho, lei que mandava queimar vivo o gallo, cujos excessos amorosos Aristóteles descreveu sem ambages. Para a sen-

sualidade havia o fogo; **simillia similibus curantur**. O engraçado é que a **besta** não era o homem, que queimava o irracional... Dellele mostrou-se harto indulgente, no retrato:

... Le coq, père aimant, chef heureux,  
Aime, combat, triomphe et chante sa victoire.

e Raymundo Corrêa não foi demasiado severo, na asa de comparação cállida:

Como polygamo e amoroso gallo.

A questão, afinal, era de **arrastar a asa...**

Na centúria que precede a era vulgar, com o gallo estavam de todo familiarizados os judcus. Consta do Novo Testamento.

Entre os gregos, tornára-se conhecido a partir do século V a. de C., tanto que uma das razões de exegetas e criticos modernos, maiormente allemães, negarem a Homero a autoria do poema paródia á **ILIADA**, o qual começa pelo desenvolvimento de uma fabula de Esopo, baseia-se na menção do gallo no hexametro 179. Avisados andariam Plutarcho e Suidas, que a referiram a Pigres de Halicarnasso, irmão da rainha de Cária, esta mulher de Mausólo, cujo sumptuoso túmulo, por ella erigido, deu origem aos mausoléos, — marmória perpetuação da vaidade. O consaguíneo da famosa Arthemisa florescera então.

Acredita-se que os phenícios transportaram de Java e Sumatra para a orla do Mediterrâneo, donde se propagariam ao interior do Velho Continente, o **gallus giganteus** e o **gallus bankiva**, dos zoólogos, ancestraes de quantos se conhecem

Comtudo, Atheneu dá o gallo como importado da Pérsia, na qual existia antes de Dario, e Aristóphanes, na comédia d'**AS AVES**, a mais curiosa de quantas escreveu, a trechos inspirada no poema indiano **MAHABHARATA**, lembra a té que lhe apellidavam **ave persa**, "persikos ornís", vº 485. Os romanos tambem lhe chamavam "melicæ" ou "médicæ aves".

Em qualquer das hypothese, a precedência é sempre asiática.

Assim os gentios de Grécia como os de Roma, o dedicavam, por symbolo da vigilância, a vários deuses, inclusivé Minerva, a deusa da sabedoria, e Marte, o deus da guerra, attendendo a que alarmava a gente bellaz.

Na **BATRACHOMYOMACHIA**, a que alludi, referindome a Homero e Pigres, Minerva, em resposta ao convite de Júpiter para tomar parte á favor de um dos

belligerantes, declarou que não socorreria aos ratos, porque lhe roeram as alfáias do templo, nem tampouco ás rãs, porque com seus coxos não n'a deixavam dormir até o cantar do gallo. Da qualidade de despertador natural, que elle tinha e tem, tratarei mais de espaço.

Marte converteu em gallo o joven soldado Alectryon, que, montando guarda a um recesso de amor, onde elle se achava em idyllio com Venus, adormecera, de modo a Vulcano prendel-os numa rede. O episódio vem descripto, á realista, no liv. VIII da **ODYSSÉA**. Ve-se que esta phantasia precedeu á da metamorphose.

Alectryon, forma divergente de alectron, compõe-se, ao juizo da maioria dos lexicographos, de **a = não + lectron = leite**, significando **o que não deixa ficar na cama**, o vigilante, o incansavel, ou o impertinente... na opinião dos dorminhocos.

Ha outras etymologias, menos estimadas.

Creio que só depois de tal transformação se enriqueceu a arte mágica com a **alectromância**, derivada morphológica e idealógicamente de alectro, gallo.

Seria antes? Pouco importa...

A alectromância ensinava a adivinhar pelo alfabeto, distribuidos os caratères em partes eguaes numa táboa e collocados sobre cada um grão de trigo, que se offerciam a comer ao gallo, observando alguém donde colhia os primeiros. D'ahi, o fundamento da prophécia.

Do processo utilisou-se o imperador Valente, querendo conhecer o destinado a succeder-lhe no throno; e, mal o pássaro, que pretendia encher o papo de grão em grão, como é do estilo, enguliu os cinco dispostos em cima das letras **T. H. E. O. D.**, o tyranno, afim de não receiar da imprudente ambição alheia, mandou degolar a quantos **Theodomantos, Theodoricos, Theodoromedes, Theodoros, Theodulphos e Theodulos** se topassem... Succedeu-lhe Graciano... E não espanta, após a monstruosa sangria determinada pelo vispóra do gallo fatal. Vide Covarrubias, **DE FALS, PROPHECIAS**, liv. I, cap. XI, e Jamblico, liv. III.

Na **ANTHOLOGIE GRECQUE**, edição Jacobs, t. II, pág. 139, deparou-se-me uma variante, a do seguinte epigramma cómico, attribuido a Amiano, que viveu sob Trajano e Adriano:

"Lúcio, si tu deliberaste enterrar somente os senadores que têm um **A**, por inicial, contas ainda um **Adolpho**; e si, o que é lógico, tu queres seguir a ordem do alphabeto, eu te previno que me chamo — Zózimo."

E, em nota a Lúcio: "Este era um delator do monarcha Valente, que matou seu próprio irmão. Ha ahí uma reminiscência das perseguições exercidas pelo imperador, contra os senadores cujo nome começava por **Theod**."

Na actualidade brasileira, suppor-se-ia que o epigramma delictório alvejava o senador Adolpho... Gordo, por exemplo.

A propósito da anthologia, lembra-me também ter visto, subordinado ao titulo **O espiritismo e os romanos**, á pag. 138 do **ALMANACH BERTRAND**, para 1912:

"E' factó, conhecido de poucos, que o espiritismo não é cousa nova; mas sim que figura entre as sciências occultas, praticadas pelos antigos.

Em uma obra de Amiano Marcellino, autor latino contemporâneo dos imperadores Julião, Valentiniano e Valente, ou seja do quarto século de nossa era, pôde ler-se um caso occorrido no reinado de Valente, e que é interessante sob uma porção de aspectos.

Os astrólogos Hilócrito e Patrício foram accusados de ter descoberto por magia o nome do successor de Valente; e, presos, levaram-os perante os juizes, para explicar o que occorrera.

Hilócrito respondeu o seguinte:

Magníficos juizes, sob auspícios negros, e em imitação da trípede de Delphos, fizemos uma mesa pequena, de rama de oliveira. Collocámos essa mesa no centro de uma sala purificada pelos perfumes de incensos da Arábia, e depois collocámos sobre ella uma vasilha redonda, composta de diversos metaes, ao redor da qual estavam gravadas, em intervallos regulares, as vinte-e-quatro letras do alphabeto.

Um homem vestido de linho com um gorro branco na cabeça, levando na mão um mólho de verbena, planta própria para os auspícios, rezou ao espirito que preside ao conhecimento do porvir; depois, pegando num anel, que pendia de um fio, consagrado segundo as regras da magia, manteve-o sobre a vasilha circular. O anel, depois de oscillar, foi e tocou primeiro uma letra, depois outra, e assim foi soletando respostas em verso, perfectas, na prosódia.

Perguntámos ao espirito o nome da pessoa a quem o destino chamaria para successor no trono do império. O anel tocou successivamente as letras **T. H. E. O. D.** Todos pensámos em **Theodoro**. E um dos espectadores pronunciou esta phrase: "Não é preciso mais."

Hilócrito, depois de explicar estes pormenores, accrescentou que era completamente alheio a intrigas políticas, das quaes nada sabia.

Perguntaram-lhe si, pelo mesmo processo, tinha averiguado os tormentos que o aguardavam; replicou que elle e seus amigos seriam castigados, por sua curiosidade; mas que o imperador e alguns dos juizes também soffreriam.

Em ambos se executou a sentença de serem cortados em pedaços."

Prefiro, todavia, o outro conto. "Os gallos sagrados, é corrente, foram, em Roma, prophetas mais respeitadas do que ainda são entre os negros da Africa. E sabiam muito bem vingar suas injurias", conforme ajuntou André Lefèvre, na **RELIGION**, pág. 43.

Públio Cláudio — Pulches, consul romano, 294 annos a. de C., numa batalha naval perdeu 93 navios e 38.000 homens. O almirante, que debalde consultara os gallos, affogou-os no mar, dizendo irreverencioso: "Já que não quizeram comer, bebam agora!" Teve graça o dito, não ha dúvida; mas ao cabo de guerra adverso, carthaginês Adherbal, couberam os louros gloriosos de Deprano...

Em compensação, um gallo fóra quem annunciou a Epaminondas, discípulo de Pelópidas, a grande victória de Leuctres, na Beócia, ganha 77 annos antes, que lhe puzera de manifesto o amor filial, na phrase memorada: "Eu não me regosijo como triumpho, senão pelo prazer que causará a meu pae e a minha mãe."

Supersticiosa a mais não ser, a gente de antanho recorria, entre numerosas maneiras de tirar preságios, a duas bem interessantes: uma, a dos funes-tos, pelo canto das aves, **augurium**; outra, a dos benéficos, pelo vôo também das aves, **auspícium**; ambas proibidas nas Constituições do arcebispado de Braga, de 1639. Os vestígios não se apagaram completamente, a despeito da reacção da igreja cathólica, através das prescripções legais. Para muitas matronas, é agoureiro o pio da coruja; para não poucas senhorinhas, é auspicioso o volteje do beija-flôr de rabo branco...

Mas ao cantarejo da gallinha e ao bater de asas do gallo, já se não prendem aqui as imaginações, como nos tempos idos. Agora, dão **palpites** apenas para o **jogo do bicho**, feia cousa que acarreta, ás vezes, a felicidade dos banqueiros e, quasi sempre, a desgraça dos **pontos**. Entretanto, cumpre assignalar que, como a nossos avós, a nossos paes impressionavam ainda os gallos pretos e sem cauda. Exemplos, que exemplos illustram...

O quinhentista Gil Vicente lançou no **AUTO DAS FADAS**:

Eu não juro, nem esconjuro,  
Mas gallo negro e suro  
Cantou no meu monturo.

E Almeida Garrett poz na **D. BRANCA**, c. IX, vs. 80-81:

E o gallo preto annunciou a hora  
Fatal e encantadora .....

O povo da ex-colônia portugueza regista, pre-násticamente, a ausência de appendice posterior no gallo:

Minha gallinha pintada,  
Meu gallo suro rabão;  
Vou tirar minha gallinha  
Das unhas de um gavião.

E o vate patricio Bernardo Guimarães, cujo centenário festejaremos pelo verbo collorido do sr. Augusto de Lima, a 15 de Agosto vindouro, esse typo de transição do romantismo para o naturalismo, nos apresentou na **Orgia dos duezdes**, bizarro e extravagante **Baile das múmias** florestal, a invocação trágicômica:

Gallo preto da terra da morte,  
Que te aninhas em leito de brasas,  
Vem agora esquecer tua sorte,  
Vem-me em torno arrastar tuas asas.

A falta de rabo concorre para a consideração fatídica nos animaes; e, nelles, o preto é a côr representativa dos feitigos. Evidentemente.

Não ha, porém, uniformidade nos escriptores quanto á hora dos bruxedos; entendem estes que é a da meia noite; opinam aquelles que a da meia noite marca exactamente seu termo.

O precitado romântico lusitano, na mesma obra, c. III, vs. 57-58, escrevera, tratando de certa moura encantada:

E, ai! si o gallo cantou, que á fatal hora  
Encantos quebram e o poder lh'acaba.

Isto, depois de referir-se ás feiticeiras, que atravessam o oceano em casquinhas de ovos, afundando-se nas águas, caso ainda as sulquem ao soar a meia noite.

Por causa das dúvidas, as senhoras casadas gostam que os maridos, alguns grão-mestres de maçonarias, — mais, ou menos apócrifas, — se recolham ao lar antes das doze badaladas... Não lhes pégue qualquer moura encantada, ou qualquer encantadora morena, que morena vem de moura!

Bons e saudosos tempos os do **Aragão**, badalando a recolher pelas dez horas, do alto da torre de S. Francisco!

O que o gallo não deve fazer é cantar do sol-posto á meia noite; si o faz quatro vezes, nesse período, é signal de morte.

No Minho, provincia portugueza, corre o an-xim:

Gallo que fóra d'horas canta,  
Cutello na garganta...

Análogo preconceito existe no Douro, zona próxima. Lá se diz proverbialmente:

Gallinha que canta de gallo  
Põe o dono a cavallo:

O mesmo se verifica na Itádia, Allemanha, Rússia, etc.

Segundo o povo, as horas boas (**em boa hora** contraiu-se na forma propiciativa **embora**), são as contadas pelo canto regular do gallo, que começa á meia noite:

Já os gallos cantam, cantam,  
E os anjinhos se levantam.

Taes heptasyllabos relacionam-se com a crença de que annunciou o nascimento de Jesus, ao que se reportam outros versinhos:

Em Dezembro, a vinte e cinco,  
Meia noite chegado,  
Um anjo ia pelo ar  
A dizer: **Elle** é já nado.

E mais estes:

Meia noite dada,  
Meia noite em pino,  
Lo gallo cantando  
Chorou o **Minino**.

O sol é pelos camponeses identificado a Christo, **Emmanuel** (El, ou senhor, comnosco):

Lá vem o Manél do dia,  
Que tudo cria.

O recém fallecido Alberto Pimentel disse não attribuir grande importância mythica a isso, porque os aldeões também chamam ao astro fecundante **Lourenço** e **Luiz**.

E' que, ousado pensar, sem desrespeito a memória de mestre d'além-mar, elles, firmados na associação, julgam intimamente relacionados com o sol esses nomes, por se assimilarem, na forma exterior, a **louro** e **luz**.

Diz o povo que a 10 de Agosto, dia de S. Lourenço, por ser o em que o santo morreu queimado, sempre se incendeia uma casa. E também estabelece relação entre a luz dos olhos (vista) e Nossa Senhora da Luz. Nesta ordem de idéas, compare-se S. Luzia, advogada das moléstias da visão.

Admittida minha conjectura, fica invallidado o argumento negativo.

Christo figura como protector do gallo nas orações contra trovoadas:

Eis a de Gondomar:

Barbara se vestiu e se calçou,  
Ao caminha se botou,  
O Senhor lhe perguntou:  
— Santa Barbara, onde vais?  
— Eu, meu Senhor, vou contigo.  
— Tu commigo não irás,  
Tu na terra ficarás;  
Todos os trovões que vierem,  
Todos, tu abranda-rás;  
Tu a elles levarás  
P'ra onde não houver gallo nem gallinha,  
Nem toque de sino, nem de campainha.

Variante de Villa Real:

Santa Barbara bemdicta  
Se vestiu e se calçou,  
— A caminho se botou  
E bom Jesus encontrou.  
Jesus lhe perguntou:  
— Tu, o Barbara, aonde vais?  
— Vou espalhar as trovoadas  
Que no céo andam armadas.  
— Deital-as para serra do Marão,  
Onde não haja uma palha, nem grão,  
Nem mininos a chorar,  
Nem gallos a cantar.

O **RITHUAL ROMANO**, liv. IX, cap. VIII, onde se põem as preces **Ad repellendas tempestates**, começa a rubrica dizendo que se toquem sinos: **Pulsantur campanae**. E o fim da prescripção é para que se reuna o povo no templo, rogando a Deus o afastamento de todo o perigo.

S. Romão é invocado nas orações para deitar óvos ao chôco.

A da Beira-Alta reza assim:

Em louvor de S. Romão,  
Que só nasça tudo pintas,  
OOO Só um cantão.

Diz, porém, a de Traz-os-Montes:

Em louvor de S. Salvador  
Que só nasça tudo frangas,  
OOO Só um cantor.

Alguma cousa disso passou ao Brasil, porquanto em S. Pauló e Minas, pelo menos, se acredita

## Ilustração Brasileira

que a ninhada fica livre de peste em se dedicando um exemplar a S. Roque, e ainda se tem por certo que o pinto nascido de ovo picado a 25 de Dezembro dará gallo músico, i. é, de voz forte e sonora...

Na Madeira, um dos presentes do Natal é o d'os pés p'las mãos. Não extranheis: os pés pelas mãos, na pinturesca linguagem insular, são as galinhas e os gallos que, dependurados pelos pés, se levam nas mãos... Simples, pois, não é?

O gallo prende-se pela idéa de luz, não só á natalidade, mas também á resurreição de Christo. Colocado sobre as tumbas, nos primeiros séculos da nossa era, como attesta a iconographia, argüe a vulgarização de um symbolo. S. Clemente deslinda o ponto: a noute se deita e o dia se levanta, fornecendo a imagem da resurreição. D'ahi, o tomar-se para seu symbolo o gallo, **praecor die**, na phrase de Santo Ambrósio.

A lição dos doutores da igreja degeneraria em lenda milagreira, porquanto Delancri, grave magistrado de Quinhentos, narra, como successo positivo, a seguinte burla.

Havia em Bologna dous amigos e compadres, os quaes, querendo banquetear-se juntos, mandaram buscar um gallo.

Um delles guisou-o.

O outro, vendo-o cortado, immersos os pedaços em môlho convidativo, exclamou com sorriso guloso:

— Sem dúvida, meu caro, vós o preparastes com tamanha pericia culinária, que S. Pedro não o faria reviver, embora o desejasse ardentemente.

— Nem o próprio Christo operaria tanto, acudiu, jactando-se o Vatel improvisado.

Mal expirou o diálogo sacrilego, os membros da ave reuniram-se, revestiram-se das pennas perdidas, e, recomposta e rediviva, eil-a a cantar, rufando a plumagem.

O môlho espargido, verdadeiro **caldo entornado**, attingindo os rostos dos compadres e amigos, encheu-os de lepra!

Na Península Ibérica, pelas ceias do Natal, repete-se isso, como uma advertência salutar a zombeteiros.

De producto terrorista da sombria Edade Média, em que a idéa de castigo empolgava os espiritos, sairia como de feia lagarta sae irisada borboleta, a ridente pulha de 1º de Abril, que consiste em se metter dentro de uma terrina, tampando-a, ao jantar, um gallo vivo. Quem a descobre, na expectativa de achar delicioso acepipe, soffre menos que um susto: soffre apenas um logro, corôado pela troca dos demais convivas.

Brinco semelhante devia ter motivado o chamar-se na Ilha do Sena **coq d'Avril** ao que em toda a França se chama agora **poisson d'Avril** e noutros paizes conta nomes diversos.

E já que, casualmente, associei o peixe á ave, aproveito a oportunidade para dar a descrição de um costume de Santarem.

E' o enterro do gallo, que se realiza na Quarta-feira de Cinzas, para celebrar o inicio do reinado do bacalháu com o termo do da carne.

Cedo a mão a um chronista distincto:

“Organiza-se um préstito fúnebre, em que os irmãos se embrulham em lençoes, que substituem as opas das procissões authenticas. A' frente, representando de guião, vai arvorado um bacalháu, grande e secco, que é o prospecto da Quaresma, para que todos o vejam bem e desde essa hora se familiarizem com elle.

Um irmão tanje a campanha para chamar as atenções e impôr o necessário respeito...

Depois da **irmandade**, o esquife, cujos portadores vão equipados com petrechos de cozinha, levando na cabeça barretes de cozinhellos. Dentro do esquife, o gallo morto com a crista já descorada e as pennas murchas.

Incorpora-se ao préstito um orador (melhor diria: **sermonista**), que, d'onde a onde, faz o panegyrico do bacalháu, mettendo de per meio chalaças que possam ser entendidas pelo grosso da multidão.

O povo ri-se das chocarrices a bom rir, e emquanto ri... não paga. Coitado!”

Percebe-se que os cozinhellos do arremedilho ao acto sacro correspondem aos phariseus do original...

O contrario do que assim nos pinta o autor do **ESPELHO DE PORTUGUESES**, ocorre no Algarve, na Ertxemadura e nas provincias do norte, pelo Sabbado d'Alleluia, em que se verifica a **resurreição do gallo**: este sobe para o guião e o bacalháu, o **magro**, desce para o esquife. **Mise en scène**, nada mais...

E' singular dos habitantes de Niza a cerimonia do **côrte dos gallos**, que constitue imperfeita imitação de uma pagã em honra a Ceres, a deusa da agricultura. Obtidos, por dádivas, numerosos gallos, escolhem-se os melhores, que, presos um a um pelos pescoços, em longa córda, são passados a

fio de espada, após as procissões de Espirito Santo, **Corpus Christi**, etc.

Essas imitações e accrescimos, comquanto extra-canônicos, não me parece que prejudiquem grandemente a vida da Igreja. A mais alegre das religiões é a catholica, que tem no culto externo o maior de seus attractivos.

E porque condemnar, ecclesiasticamente, ditas representações gallináceas?

Na lithugia verdadeira, o gallo empresta seu nome á vela mais elevada de um candelábrio triangular, última que se apaga no officio das Trevas, no Minho, ao que se lê no **ELUCIDARIO**, de Santa Rosa e Viterbo. O excavador monje de Gradiz, adindo á informação um commentário frívolo, relativo á altura do cirio, mostrou não ter lobbriado a analogia mythica do facto com todo o Drama da Paixão.

O gallo, symbolo de vigilância desde os tempos primitivos, foi adoptado pelos christãos como tal, vindo a figurar no ápice dos templos. Já no século XIII, senão antes, eram vistos gallos de ferro, pousados em vèrgas, ou nas cruces de suas torres. Móveis, serviam tambem de catavento, como os zingamocho da espécie que ainda culminam nas igrejas, a exemplo do da de S. Francisco de Paula. E, assim, entraria na arte ornamentária o animal, que é dos mais decorativos. Vem d'ahi a phrase parmiológica — **gallo de torre**, para designar o marido meramente de aparato...

Segundo Rasponi, em Roma, defronte da basilica de S. João de Latrão, havia um gallo de bronze sobre uma columna de pórfiro. Esse não servia para anunciar aos moradores das adjacências as **mutaciones temporum**, pois nada apresentava de barométrico; constituia, porém, monumental advertência aos successores de S. Pedro, para que não desfallsessem como elle, que renegou o Mestre antes do gallo cantar tres vezes, ou que tres vezes, renegou o Mestre antes do gallo cantar (**grammatice certant...**)

O gallo tornou-se uma das aves mais domésticas, por meio do cibo, certamente. Eliano ensinava, na **HISTORIA DOS ANIMAES**, que quem adquirisse um gallo novo devia passeial-o tres vezes ao redor da mesa das refeições, para que não fugisse de casa. O numero tres da lição é, como o sete de outras, meramente cabalístico.

E, por isso, alcançou elle um largo posto na literatura do vulgo, fiel reflectora de seu viver ingênuo e gracioso. A prova decorre de abundantes manifestações **folk-loricas**, além das patenteadas atrás.

Na poesia popular bastas vezes apparece.

Indica estima, conforme as phases naturaes da existência:

Quando eu era gallo novo,  
Comia milho na mão;  
Hoje, que sou gallo velho,  
Bato co'o bico no chão.

E o prestigio que resulta do apogeu do mando, em contraste com a decadência:

Já fui gallo, já cantei,  
Já fui senhor do poleiro;  
Mas hoje sou desprezado,  
Que nem cisco no terreiro.

Ou ainda a differença estabelecida pelas condições economico-sociaes:

O gallo dorme no poleiro,  
O pato dorme no chão;  
O pobre dorme na esteira,  
O rico dorme em colchão.

E', demais, o companheiro de vigília dos amantes:

Os gallos estão cantando  
E os passarinhos tambem:  
Vem o dia amanhecendo  
E aquella ingrata não vem.

Os pedrezes são os preferidos dos rústicos:

Minha gallinha é pintada  
E meu gallo é carijó.  
Si minha gallinha é boa,  
Meu gallo é mais mió.

Nas adivinhas, forma concreta de expressão, como mytho, vemol-o bem caracterizado, quer por particularidades physicas, quer por habitos particulares:

Aqui, pergunta-se apenas:

Fouce no rabo,  
Serra na testa:  
Que cousa é esta?

E não se faz mistér esforço para responder, tanto que nos Açores chacoteam com os brancos, ou bisonhos:

Serra na cabeça,  
Foucinha no rabo;  
Adivinha, tolo,  
Que é gallo.

No Portugal continente, ha-as mais extensas e mais pinturescas, como a do Alemtejo:

Passeia na praça,  
Não é estudante;  
E canta de missa,  
Sem ser sacristão;  
Elle sabe da hora,  
Mas da morte... não.

Ou do Minho:

A' meia noute  
Se ergue o francês:  
Si sabe da hora,  
Não sabe o mês;

Tem esporas,  
Não é cavalleiro;  
Serratem,  
Não é carpinteiro;  
Tem picão,  
Não é pedreiro;  
Cava na terra,  
Não ganha dinheiro.

O metaphorismo desta feição é sobremodo grato aos velhos.

Em Campinas, minha inesquecível terra adoptiva, conheci um octagenário, já extinto, verdadeiro compêndio ambulante de adivinhas.

Si estivesse entre o auditório, o saudoso João Manuel, impertigar-se-ia agora para me interrogar: — **Moço**, porque é que o gallo fecha os olhos, quando canta?

E não se sentaria de novo, triumphante, emquanto de mim não ouvisse:

— E' porque elle sabe a **musica de cór**, ao contrario do palestrador...

Não insistirei na adivinha, rudimento da charada e do enigma; que tanto se relaciona com o emblema e a senha, etc., etc.

Outros jogos infantís offerecem grande material ao estudo do ethnologia.

Entretanto, limitar-me-ei ao exame de algumas parlendas.

Eis uma em forma dramatica, na qual se descreve o pânico produzido pela approximação de uma visita a casa onde haja gallinheiro farto:

O gallo velho: — Quem virá lá?  
O gallo novo: — Um cavalleiro.  
A gallinha: — Jantará cá?  
Um frangão: — Triste de mim!  
Um pinto — Tripas ao sol...

A gradação das vozes, dos membros da familia sobresaltada, denota boa observação.

Como exercicio de intelligencia, melhor quiçá de argúcia, occorre-me o divertimento das creanças allemãs, que se resume numa pedir a outra que diga: **O gallo, o gallo; a gallinha não**. Si a solicitada diz: **Der Hahn, der Hahn; un micht die Henne**, é vaiada pelas circumstantes; pois devia repetir unicamente a primeira parte da phrase, para acertar.

Isso ouvia alguém, que tendo estado cinco annos em Santa Catharina, já devia conhecer a equivalente fórmula dos petizes indigenas: **Páca, tatú; cotia não**. Mas os teutos emigrados são conservadores...

Uma das letras mais correntes e moentes reza:

— **Cadê** o toucinho?  
— Gato comeu.  
— **Cadê** o gato?  
— Fuiju pr'o matto.  
— **Cadê** o matto?  
— O fogo queimou.  
— **Cadê** o fogo?  
— A água apagou.  
— **Cadê** a água?  
— O boi bebeu.  
— **Cadê** o boi?  
— Está amassando trigo.  
— **Cadê** o trigo?  
— A gallinha espalhou.  
— **Cadê** a gallinha?  
— Está pondo ovo.  
— **Cadê** o ovo?  
— O padre bebeu.  
— **Cadê** o padre?  
— Foi dizer missa.  
— **Cadê** a missa?  
— Já se acabou.

Em apparencia, nada mais pueril e disparatado...

Todavia, o analysta ahi descobre, primeiro, um quadro de antiga vida aldeã, com seus usos agricolas: **queima, réga, despaliçamento do grão, etc.**

Entrando á barra de Lisbôa, adolescente ainda, fiquei admirado de ver numa eira, a curta distância, fazer-se a debulha do trigo pela unha do boi; e, só então compreendi os versos que cá recitavam os mininos, parecendo-me, como a toda a gente grande, sem o menor sentido...

— **Cadê o boi?**  
— Está amassando trigo...

são dos mais remotos, porque entre as pinturas hieroglyphicas, Champollion reconheceu um fragmento de canção, que assim traduziu:

Battez pour vous, pour vous, ô boeufs.  
Battez pour vous, pour vous,  
Des boisseaux pour vos maîtres!

A mesma idéa, do canto egypcio, encontramos noutro de lavrador corso, em que se instigam bois ao trabalho:

Tribia tu, chi tribia anch'ellu,  
**Mascarone e Cudanellu...**  
Oh! tribiate, boni boi,  
A tribiallu voi e noi!  
Chi lu grano tocchi a noi  
E la paglia tocchi a voi...

cuja traducção nossa é:

Pisai juntos, num anhello,  
**Mascarone e Cudanellu...**  
Vamos: pisai, ó bons bois;  
Pisai, sim, pisai p'ros dois!  
Que toquem os grãos a nós  
E as palhas toquem a vós.

Tal processo, vigente ainda na Extremadura e no Algarve, bem recorda o domínio arábico, provavelmente da respectiva introdução em terra lusa.

Transmittido a nós pelos portugueses, mas não de fonte vernácula, é o canto da **Moura torta**, ou que com este nome figura nos repositórios brasileiros, variante da lenga-lenga supra. Como se trata de uma poesia longa, por accumulção, que seria fastidioso reproduzir, cito apenas o final:

Estava o homem  
Em seu logar,  
Foi a morte  
Lhe fazer mal;  
A morte no homem,  
O homem na faca,  
A faca no boi,  
O boi na água,  
A água no fogo,  
O fogo no pau,  
O pau no cachorro,  
O cachorro no gato,  
O gato no rato,  
O rato na aranha,  
A aranha na mosca,  
A mosca na moura,  
A moura fiava;  
Coitada da moura,  
Que tudo a ia  
Inquietar!

Custa a acreditar que haja em dita composição um fundo religioso, tão gaiata é exteriormente. Comtudo, espero convercer-vos disso, recorrendo a Edgard Tylor. Na **CIVILIZAÇÃO PRIMITIVA**, t. I, cap. III, diz o grande ethnographo britânico:

"É legítimo admittir que as tradições populares, quanto mais proximas de sua nascente maior senso e elevação revelam. Alguns velhos poemas, ou narrativas encerram uma verdadeira importância philosophica, ou religiosa, que se obscureceu ao passarem da bocca das amas á das creanças. Baseando-nos em semelhantes casos, devemos considerar a versão séria como original e a recreativa como simples e tardia sobrevivência.

A asserção pôde parecer temerária mas merece ser estudada. Tomemos um exemplo: existem dous poemas que os judeus modernos conservam e que fizeram imprimir, em hebreu e em inglês, no fim do livro que contem o officio da Páschoa. Um é o **Khad gadiá**. Elle começa: "Um cabrito, um cabrito, que meu pae comprou por duas moedas"; e, em seguida, refere como veiu um gato e comeu o cabrito, como sobreveiu um cão e mordeu o gato... Assim, até acabar. "Então, veiu Aquelle que é Santo (Bemdicto seja!) e matou o anjo da Morte, que matou o magarefe, que matou o boi, que bebeu á água, que apagou o fogo, que queimou o pau, que bateu no cão, que mordeu o gato, que comeu o cabrito."

Essa composição, que se acha no **SEPPER HAGGADAH**, é considerada pelos judeus como uma parábola concernente ao passado e ao futuro da Terra Santa. Segundo tal interpretação, a Palestina, o cabrito, é devorada pela Babilônia, o gato; a Babilônia é vencida pela Pérsia, a Pérsia é vencida por Grécia, a quem vence Roma. Depois, os turcos tornaram-se senhores da Terra Santa. Porém, os Edomitas, i. é, as nações da Europa, expulsarão os turcos, o anjo da Morte destruirá os inimigos de Israel e seus filhos serão restabelecidos sob a lei de Moysés."

O canto da **Moura torta** é, *mutatis* levemente *mutandis*, o que se encontra no **SEPPER HAGGADAH** ou livro dos commentários tradicionaes, e que o judeu alsaciano Arthur Levy, morto em França pouco depois da Grande Guerra, me disse haver entoado, quando creança, no seio da família, por occasião da Páschoa, canto cujo espirito allegórico, muito da raça semítica, ficou assás patente.

Mas não passou directamente da Palestina á Europa, donde o recebemos em segunda, ou terceira mão, essencialmente adulterado. Disperso pelos Arabes na África, já iria dalli sem o primitivo sentido religioso. Penso ter achado uma das transformações recreativas, menos recentes, na **Sentença do macaquinho (l'Arrête du Babouin)**, dos **CONTES POPULAIRES D'AFRIQUE**, preciosa selecção de René Basset.

Um alfaiate queixou-se ao macaquinho de que lhe dilaceraram as roupas, suspeitando elle ter sido obra do rato; mas o rato accusava o gato, o gato ao cão, o cão ao páu, o páu ao fogo, o fogo á água, a água ao elephante e o elephante á formiga... Chamados a interrogatório, pelo escolhido juiz, excusaram-se todos com o mesmo pretexto, o referido **jogo de empurra**.

O macaquinho não pôde achar melhor castigo do que fazer punir uns pelos outros. E assim lhes falou, então:

- Gato, morde o rato.
- Cão, morde o gato.
- Páu bate no cão.
- Fogo queima o páu.
- Água, apaga o fogo.
- Elephante, bebe a água.
- Formiga, pica o elephante.

Esta foi a indemnisação que o alfaiate teve, por julgamento, que muito agradeceu ao macaquinho.

Minha descoberta emigratória equivale á do sr. Gustavo Barroso, num interessante e dos melhores capítulos d'**O SERTÃO E O MUNDO**, págs. 25-28, em que mostra a origem oriental de curiosa historieta sertaneja, do interior cearense, sobrelevando, como estudioso da literatura comparada, aos meos colleccionadores nacionaes de trovas, diversos do mestre sr. João Ribeiro, alçados pela incultura alheia a verdadeiros **folk-loristas**.

Dos contos que arguem um systema de mythos, poderia eu apresentar, á vez, o exemplar do Pinto pellado, que levou uma cartinha ao rei. Receio, porém, maçar-vos de sobejo.

Passo a referir, dentre os costumes, um que persiste e persistirá, a despeito das objurgatórias sentimentaes, ou civilizadoras, do jornalismo. É o das brigas de gallos, combate que reproduz a gravura de Hogarth.

O homem explorou sempre a reciproca antipathia dos gallos, cultivando com tanto esmero esse natiz de odio innato, que os encontros de taes aves se tornam espectáculos dignos de interessar a curiosidade dos povos, até os mais civilizados, e, a igual passo, capazes de desenvolver uma ferocia que é o germen do próprio heroismo. Bem o disse Buffon, pois, de facto, assim começou o desporto ainda nas cordas da moda.

Nas vésperas da batalha de Salamina, 480 annos A. de C., Themistocles, ao ver dous gallos brigarem, perguntou a seus concidadãos, em marcha, si não queriam imitar-lhes o denodo, batendo-se pela pátria, quando elles o faziam unicamente por instinto cego. Optimo foi o resultado; e, não só para commemorar a lembrança feliz, mas tambem como o escopo de infundir coragem na mocidade ventura, decretou-se a realização annual de brigas de gallos, no theatro, a expensas do erário público. Tanto nas moedas da metrópole grega, como nas das cidades satélites, um gallo, tendo uma palha ao flanco, symbolizava o fautor moral da victória, que frustrou o sonho da Pérsia, previsto por aquella triplíce incarnação de militar, orador e político.

O interesse que despertavam então as brigas de gallos, costume transplantado a Roma, de onde irradiou para todo o Occidente, não differia do observavel em nossos dias. O povo romano era convocado para assistir ás mesmas ao pregão de "Pulli pugnanti!" (**Ha briga de gallos!**)

Olavo Bilac, numa chônica, no Correio Paulistano, de 13 de Outubro de 1907, **Neurose de san-**

gue, ministrou-nos suas impressões, directas e recentes:

"Entre os espectadores habituaes das rinhas (do Rio), ha um numero immenso de **mirones**, que não jogam, que alli estão apenas para ver, com a fúria e o soffrimento dos combatentes, a côr vistosa do sangue vivo, que lhes parece a mais bella das côres; e nas faces humanas, que rodeiam a arena, ha prazer, ha cólera, ha delicia, ha agonia, ha êxtaze, ha tortura infernal e ha goso mystico... É um espectáculo inolvidavel! Com certeza exprimiriam outros sentimentos os rostos dos homens que, nos circos romanos, assistiam aos choques entre as feras, ou á lucta desesperada das feras com os belluários..."

O autor não attentou em Petrónio, **SATIRICON**, cap. 45, *post méd*:

"... jam meliores bestiariorum vidi occidi de lucerna; et quidem putares eos gallos gallinaceos.

em vernaculo:

Eu vi atletas formidaveis perecerem combatendo com as feras, á luz dos archotes; ahi, a gente parecia assistir a uma briga de gallos.

Trecho extranhamente impressivo, pelos termos da comparação inversa, na qual a lucta de racionaes com irracionaes é que dá uma idéa, pallida talvez, do combate dos gallináceos.

Para os romanos, o gallo era como que o deus dos animaes, porquanto o consideravam superior ao rei destes — o leão. Lucrécio, dizendo em a **NATUREZA DAS COUSAS**, c. IV, v. 716-7:

Ao defrontar do gallo a rubra crista,  
Volve o leão sanhudo sobre a pista.

tamsómente homologava crença popular, que Plínio ainda registrou na **HISTORIA NATURAL**, 1. X, cap. XXIV, n. 2, chamando ao gallo — **terro do leão, a mais valente das feras**.

Ha dezoito annos, Olavo Bilac, poeta da **Inania verba**, batia palmas ao chefe de policia, na campanha contra as rinhas; mas é provavel que o da **Extrema verba**, sr. Luiz Murat, ao tempo frequentador assiduo das mesmas, batesse ruidosos tações, surriando indignado:

— Fôra, fôra com esse Alfredo, com esse Pinto calçudo, que ousa impedir as brigas de gallos, tendo por divisa a fórmula prosáicamente hostil — **Res, non verba!**

Isto porque a autoridade, embargando o que degenera em vicio, interrompia a tradição...

Quantos amadores, dos bairros pobres da já magnifica Sebastianópolis — Saude, Gambôa et reliquae — não suspirariam pela quadra em que o filho de d. Maria I, entre nobres e plebeus, em Santa Cruz, arriscava e a todos permittia arriscar seus cruzados novos na perna, ou na cabeça de um **carióca**, mimosa criação dos frades de São Bento? (Os entendedores reconhecem o valor dos **cariócas**, mestiços de calcutenses e malaios, participando da agilidade de uns e da resistência de outros, embora prezem assás os **gaúchos**, productos mesclados de índios e ingleses).

E D. João VI, liberto por minutos da sovinice, graças ás peripécias emocionantes do jogo, *si vera est fama*, deliciava-se com as attitudes bélicas que Machado de Assis veiu a descrever, exacta e lindamente:

"... Os gallos de esporão agudo, olho em fogo, bico afiado, agitando a crista em sangue, peito desplumado e rubro, invadidos de cansaço, mas luctando ainda assim, as pupillas fitas nas pupillas, bico acima, golpe deste, golpe daquelle, vibrantes, raivosos..."

Findo o prazo convencional, os pelejadores acérrimos vão para o **rebôlo**, circo menor, — que em alguma cousa a **rinha** se assimilha a um Inferno dantesco, **ad gallum**, — círculo onde ha de vencer o outro definitivamente.

Si no principio, ou no meio da peleja, poréu, acontece um **cantar cabelleira**, i. é, fujir com as pennas da nuca revôltas e piando como gallinha choca, por não ter **raça**, vale bravura hereditária, ao épico mistura-se o cómico. Os apaixonados, fanáticos, erguendo os bustos, despégam-se da balastrada circumjacente, subdividem-se logo, a bramar, a escarnecer, em grupos distinctos, oppostos... Dir-se-ia estarmos na presença de chorybantes, sacerdotas, de Cybelle, tambem chamados Gallos, por beberem de um rio de igual nome, cuja agua occasionava loucura!

Nesta capital ha fervorosos gallistas, antigos e modernos, nas diversas classes sociaes, mantendo o costume que acoroçoou o branganção êxul. As façanhas e os heróes de outr'ora são rememorados, a cada passo, em confronto, ou paralelo com os act.

rões e façanhas da actualidade. De pessoas sei que falam de gallos e respectivas brigas, como si estivessem falando de César, Napoleão, conquista das Gallias, batalha de Waterloo, etc., etc.

Entre os velhos, enumeram-se, com enternecimento saudoso, os triumphos do campineiro **Vermelhinho**, em S. Paulo e aqui; bem como os do **Corça**, seu confrãneo, que se batia, sem reserva, de um a dez contos de réis, lá e cá. Na roda dos moços, proclamam-se, entusiasticamente, as victórias do **Caboclinho**, successivas em Icarahy, onde nunca ficava de **anjinho** e sempre **dáva na titella**, ou **tirava uma vidraça**, dos adversarios. Não menos pinturesca que a gíria das rinhas é a nomenclatura, por vezes soberba, dos gallos, havendo, ou tendo havido, mesmo antes do anarchismo, até uma **Machina infernal**...

Esse apreço, comquanto a muitos se afigure pueril, conta notáveis exemplos de adultos illustres no arrepio histórico: as paixões do gênero, inherentes à natureza humana, perduram através dos séculos. Assim, o que verificamos hoje são casos de **persistência**, não de **recorrência**, para empregar linguagem scientifica.

A proposito da metempsychose, diz Menandro, na **PHILOSOPHIA DE CRATÃO**, que preferiria, quando morresse, ser tornado em gallo, a sê-lo em homem, novamente; porque o gallo forte gosava de estima denegada ao fraco, ao passo que ao homem honesto antepunham o lisonjeiro, o sycophanta e o vicioso.

Refere Eliano, **DE VARIA HISTÓRIA**, 1. VIII, paragrapho 4, que o atheniense Poliarcho, em perdendo um gallo, fazia-lhe pomposos funeraes, a que concorriam os amigos. Não satisfeito com isso, porém, erigia-lhe columna sepulcral, pejada de inscripções laudatórias.

E no citado **SATIRICON**, cap. 86, in pr., Fe-trônio attesta a importância ligada, quando um homônimo, senão elle próprio, arbitrava elegâncias em Roma, aos presentes onithológicos, da espécie: **eu lhes darei dous gallos gaulezes, dos mais combativos**: "Gallos gallinaceos pugnacissimus duos donabo patienti".

Sirvam as últimas passagens transcriptas de derimento, ou, pelo menos, de attenuante aos ferrosos gallistas alludidos, não a mim, apreciador mediocre de faes pugnans, que só me impressionam de modo agradável em seu primeiro momento. Aliás, único de aspecto esthético, tanto que os artistas representam os gallos no início dos combates — plumas do collo armadas, asas palpitantes e íris em chamma, como o fizeram William, Hogarth e Jean-Baptista Gerôme, este, numa tela, de pura fantasia erótica, aquelle, noutra, plena de verve caricatural dos **mirones**...

Ha dias, numa barca de Paquetá, encontrandome com o sr. Augusto Cony, a quem dedicara essas linhas de chronica, impressas n' **O jornal**, faz dous annos, perguntei ao proprietario do **Caboclinho** si este continuava assombrando Icarahy.

Com os olhos turvos, marajados de lágrimas, respondeu-me que o heróe cegou...

#### • Sic gloria transit mundi!

E, por associação de idéas, vieram-me á lembrança uns versos, em 1886 feitos despreocupadamente, mas enfusiantes de graça, que valeram justa sagração de humorista, por parte de Lúcio de Mendonça, ao hoje nosso talentoso collega sr. Constâncio Alves, naquelle tempo médico e redactor do **Diário da Bahia**.

Visavam o delegado de policia Fortunato de Freitas, por haver proibido brigas de gallo em sua terra:

Ergam-se, em paz, as cristas,  
Alegrem-se os poleiros,  
Edamnem-se os gallistas,  
Surjiu a redempção dos gallinheiros.

Oh! gallos, de prazer extremecei!...  
Oh! bipedes de pennas, axulta!...  
Para o genero humano, aperreado

Sob as penas da lei,  
Fortunato é severo delegado,  
Mas para vós é pae.

Digo mais, e não digo por pagode:  
Embora ostente marcial bigode

E' mãe de todos vós. Eu bem que sinto  
Que não distingue o gallo, o frango, o pinto,  
Na mesma asa o todos amadrinha.

Contra nós, duramente, ordens troveja,  
Mas por vós, cacareja,  
Derrete-se em ternuras de gallinha...

Vêde o que fez agora, agora mesmo;  
Ereis, desprotegidos animaes,

Ainda hontem, pobres gladiadores  
Nos deshumanos circos dos quintaes  
Ensanguentando as cristas a bicadas.  
Da plebe provocando as gargalhadas.

Hoje, graças áquelle padroeiro,  
Isempo de cuidados,

No seio da familia e no poleiro  
Comeis o vosso milho socegados.

Não mais, nem uma vez,  
Tornarão essas horas dolorosas  
De orphandade e viuvez.

Não mais verão gallinhas lacrimosas  
E innocentes pintinhos

Voltar o terno pae, o bom consorte,  
Quasi ás portas da morte  
Embrulhado em chumaços de mastruço,  
Quem vos livrou desse desitno ingrato  
Do pranto, do suspiro, do soluço?  
Este anjo de amor, — o Fortunato.

Esbelto franganote,  
Quando a asa arrastares docemente  
No afan da estrêa, preparando o bote,  
Ou quando após, já no final da historia,  
No orgulho da conquista,  
Que flammeja na crista  
E todo o peito incha  
Cantares o teu hymno de victoria  
Dá mil **amens** áquelle a quem tu deves  
Gosar em paz **segura**, essa pechincha.

Gallos, gallinhas, frangos, pintainhos,  
Saudae a quem de todos se lembrou  
Com tanto zelo e maternas carinhos.  
Ide á policia em grande romaria,  
Ide em **marche aux flambeaux**  
Alegre, mas ordeira,

Transformae a banal delegacia  
Em vasta capoeira,  
E mostrai que sabeis honrar o merito.  
(Mas com discurso, não, cumpre evital-o  
Si não, o orador canta de gallo...)

O' gallinaceos povos,  
Não façais caso do ruido inglório  
Do humano palanfrório  
Mostrai a vossa gratidão — em ovos.

Muitos dos que se dedicam ao desporto, aqui, como na Bélgica, como na Inglaterra, como em outras partes, desenvolvem a avicultura, embora com fim restricto. Ha, todavia, pessoas que criam gallos e gallinhas, mas não comem estas, nem fazem brigar aquelles. Exercitam a **arte pela arte**... E' uma innocente mania, ou talvez uma distração util, a desses propagadores de **japoneses**, de **catalães**, de não sei quantos emplumados estrangeiros.

Um conheço, que, sendo jacobino, ao menos em poesia amorosa, pensou boquiabrir o mundo exibindo curiosissimo producto nacional. Vou contar o caso como o caso se passou, sem vislumbre de phantasia.

Em Junho, ou Julho de 1907, morando em Campinas, frequentei o alludido criador, joven de rosto redondo, moreno e desbarbado, que recordava um vintem novo.

Havia semanas que o vintem desaparecera da circulação...

Andaria escrevendo alguma substancial memoria, para o **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, de que viria a ser membro operoso, pensavam os amigos; perpetrando sonetos á redolente flôr carnal da Syria, insinuava a malícia dos gymnasiaes confrades no magistério.

Procurei-o e falei-lhe.  
— Que é feito de ti, homem sábio e mysterioso?

— Estou criando gallinhas e gallos.  
— Que! tambem tu? Gracejas, provavelmente...

— Não. Falo verdade, pura. E has de ir até nossa casa (os devotos da Humanidade têm destas provas de affectuoso communismo); pois quero mostrar-te uma espécie nova, ainda não divulgada. Fui.

Lá chegado, apontou-me para um poleiro.  
— E' aquella, vês? Uma **gallinha jundiahayara**, que me deram. Vou mandar uma photographia da mesma para os Estados Unidos, afim de figurar em qualquer exposição de raridades. Calcula o êxito!

Não pude conter o riso, visto como a ave indicada, portadora de enorme bôcio, era uma gallinha da terra, doente de papeira...

Esse meu amigo, cuja finura é proverbial, tanto que em Minas ha dous annos, o fizeram deputado federal, tinha sido excepcionalmente logrado.

Digo assim, porque elle não se parece com um tabellião, eterno **farceur** de S. Paulo, que apresentou a uma **aficionada** dona com meia duzia de ovos.

— São de raça, senhor Filinto Lopes?  
— Sim, minha senhora; legítimos mestiços de **conchinchina** e... **zebú!**

Em começo, prometti tratar do gallo na qualidade de despertador; e, como isso implica tambem com os costumes, fal-o-ei agora.

Era elle o relójo natural dos gregos, fóra os de Sybaris, célebre pelo voluptuosidade, reflexa de commodismo, porquanto lá o desterravam, com as

indústrias bulhentas, a bem da tranquillidade. Atheneu, liv. XIII, ca. V.

Egualmente se observava entre os romanos, que, na divisão quadripartita da noute, designavam uma das vigílias por **gallicinium**. Os que empreendiam jornadas no princípio de tal vigília, notavam o caso como no **SATIRICON**, cap. 62: "Apoculamos nos circa gallinia (luna lucebat, tanquam miridie)", **Passemo-nos a caminho ao primeiro canto do gallo (a lua brilhava, e via-se claro como em pleno meio dia)**.

O habito e correspondente phraseologia perduram.

Nossos roceiros, avezados a viajar antes do pôr da lua, usam exprimir-se analogamente: **Botamos o pé na estrada ao primeiro cantar do gallo**.

Mas nem tudo são flores para o gallo. As próprias funcções chronométricas, que o tornaram de utilidade incontestada, a operários ruraes e urbanos, hão-lhe accarretado dissabores.

Um médico chamado por certo cliente pobre, receitou umas pilulas maravilhosas, para serem tomadas de duas em duas horas.

— **Doitore**, objectou a mulher do enfermo, presa de nevralgia, nós cá **nam** temos **relójo**: regulamo-nos pelo gallo.

— E' facil então, d. Maria; cada vez que o gallo cantar, dê-lhe uma pilula.

Seriam 11 1/2 da noute.

O facultativo saiu e voltou no seguinte dia, antes do almoço.

— Minha senhora, como passou o senhor Manuel?

— Saiba V. S. que já se foi á vida pela **me-nhãzinha**; mas o gallo acaba de **murrer**, sim, **sinhori**.

— O gallo? Ora, essa!

— Pois, eu **nam** fiz senão obedecer á **incom-mendação** de V. S.: dei-lhe uma **pilula** cada vez que cantou.

Eis ahi, a comprovar o assérto, uma das obuscuras victimas do dever, com a sobrecarga da sciência...

O gallo, pelo que venho enunciando, tem prestado auxílios, directos e indirectos, a gallarros policiaes.

Christoph von Schmid escreveu e Candido Jucá trasladou o **Der Haushahn** (O gallo doméstico):

Uma vez, ahi por meia noute, dous ladrões, subindo por uma escada, penetraram pela janella do moinho de um rico molleiro, com o sinistro intento de roubar.

Quando avançavam sorrateiramente, na ponta dos pés, pelo escuro corredor, á procura do quarto do proprietario, que era onde elle guardava o dinheiro, cantou bem perto o gallo da casa.

O saltador mais novo extremeceu amedrontado e segredou ao companheiro:

— E' verdade, o gallo prégou-me um susto! E' melhor voltarmos. A cousa poderia descobrir-se.

— Pateta! replicou o outro. Pois, não vês logo que a pessoa que nos encontrar terá, fatalmente, que cair aos golpes de nossas facas? E então nenhum gallo cantará depois.

Os bandidos proseguiram. Atacaram o molleiro, que se defendeu corajosamente, mas ficou mortalmente ferido. Em seguida, abalaram com o dinheiro da victima.

Tres annos depois, pernoutavam os mesmos ladrões na estalagem de uma aldêa distante, vizinha de uma floresta. Cantou muito proximo delles o gallo da hospedaria, e tão alto que ambos despertaram.

— Sempre o maldicto gallo! disse incommodado o mais velho. A minha vontade era torcer-lhe o pescoço, agora mesmo. Desde aquella noute ao moinho, não posso tolerar o canto de semelhante ave.

— Igual cousa me succede, ajuntou o mais moço. Fizemos mal em ter matado o pobre molleiro. Todas as vezes que ouço o cantar de um gallo, sinto uma punhalada no coração.

De novo adormeceram. Mal, porém, o dia amanheceu, penetraram subitamente no aposento nomen armados e prenderam os dous miseraveis.

Entre o commodo que occupavam e o quarto de dormir do estalejadeiro, havia sómente uma parede de táboas, muito finas, de modo que elle ouvira o diálogo. Immediatamente, tudo denunciou á autoridade mais proxima.

Os assassinos foram executados, e, então, toda a gente commentou:

— Não estão vendo? E' bem verdade que outro gallo cantou depois... Melhor fóra terem tomado aviso do que cantou antes.

Schimid inspirar-se-ia numa peça em verso, collaboration de Schiller e Goethe, aliás traduzida da **ANTHOLOGIA GREGA**, no concernente aos



" R A C H E L "

Eurico Moreira Alves

*Galeria da Sociedade Propagadora das Bellas Artès*

# Diálogo... bratachan

por Chrysanthème

**N**A praia de Copacabana. á claridade radiosa desses ultimos dias, em que o sol, com os seus dedos de ouro, expulsou para longe a brisa aspera e a humidade invernosa, Elle e Ella vestidos summariamente de fatos de banho, um tanto incompletos, conversam amorosamente. De quando em quando, uma vaga rendilhada approxima-se dos pesinhos calçados de vermelho da moderna banhista, tentando beijal-os, enquanto o seu companheiro, manuseando grãos luminosos da areia, refulgente nessa hora de luz ensolada, contempla infatigavel o pequeno vulto extranho, que mal pesa sobre o colchão areiado da praia infinita.

Ao longe, um transatlantico, soltando negras baforadas de fumo espesso, corta o horizonte. O silencio é gravê, interrompido, sómente, pelos gritos alacres das muitas *sereias*, toucadas de *bonnets* coloridos, lembrando flores diversas, cujas hastes mergulhassem numa immensa bacia d'agua

*Elle* — Sabe que a adoro devéras, sobretudo nesse minuto de banho em que a vejo, assim como uma Venus, prestes a surgir das ondas ?

*Ella* — Creio e não creio nesta sua declaração. Os homens actuaes são tão cabotinos !

*Elle* — Não mereço esse rotulo. Sou franco e sincero. E desejando-a para minha esposa, pergunto-lhe se posso contar com o seu affecto e com a sua collaboração como bases do nosso futuro ninho. Não ignora que sou pobre, mas honesto e, portanto, diga-me: arranjou, afinal, aquelle logar de dactylographa do banco que pretendia ?

*Ella* (attonita) — Ainda não, mas espero alcançal-o, por que ?

*Elle* (serio) — Presentemente, minha querida, com a vida cara, a necessidade de luxo que vocês tem, a mania e mesmo a indispensabilidade da ostentação, como elemento de credito, um rapaz não póde e não deve casar com uma moça sem dote ou sem emprego. Muitos poucos homens estão, hoje, em situação de fazel-o. Sustentar actualmente, uma mulher seja ella feminista ou não, é um caso serio.

*Ella* (levemente ironica) — Ah ! Então se eu não arranjar esse logar, desiste de cum-

prir o compromisso que tem commigo ? Muito interessantes são os mancebos agora. Decididamente, a vida está se tornando um *buraco*!

*Elle* (desgostoso) — Não se expresse em calão. Você sabe quanto eu detesto esse modo de exprimir moderno !

*Ella* (gargalhando) — Você prefere o pratico, hein ? Falemos, pois, em dinheiro, já que o assumpto lhe é tão agradável. Tudo, nessa epocha em que evoluimos como essas estrellas marinhas, que alli vemos, são — “comidas” e mais “comidas”. Eu tambem sou do “urso” conforme se diz hoje e comprehendo perfeitamente que ao amor se junte as moedas.

*Elle* — Minha divinal paixão, você está de repente de um sarcasmo ferino que me morde mais o coração do que outro dia a pegada d'aquelle caranguejo a minha perna. Olhe, a bella natureza que serve de moldura aos nossos juramentos de amor, os nossos corpos, um tanto desnudados e promptos para o laptismo oceanico, supplicam sinceridade e lealdade. A mentira soaria terrivelmente neste scenario, não acha ?

*Ella* (fitando-o) — Talvez você tenha razão. Para a gente se casar agora, é indispensavel, não o amor, mas o dinheiro, lá isso é verdade.

Entretanto, já que não mente, despido ou sem roupa de banho de mar e em frente á maravilhosa formosura dessa hora vespertina — vê como cultivo o lyrismo ? — se eu não conseguir o emprego do banco, embóra eu lhe lembre a Venus a surgir ou a entrar nas ondas, não temos nada feito ? Em uma palavra, sem os *tubos* do meu lado, *n i, c'est fini*, hein ?

*Elle* (amuado) — Outra vez o calão ! Que costume impossivel !

*Ella* (erguendo-se da areia) — Vamos, seja franco e diga o que pensa. Sem os *tubos*, nada não é ?

*Elle* (sacerdotal) — Minha filha, não tenho posses para sustentar a mulher moderna, com as suas sedas, o seu cabelleireiro, a sua manicura, os seus chás e o seu mundanismo continuo. Já lhe disse: sou honesto, mas pobre.

*Ella* (zangada) — E porque confessa o senhor o seu sentimento antes de saber se eu conseguira o logar de dactylographa ? Devia ter esperado a sua realisação antes de me confiar o seu amor... por mim e pelo meu ordenado.

*Elle* (sereno) — Sim, fui precipitado, confesso ! Mas a hora, essa sua roupa terrivelmente suggestionadora, as suas attitudes de mimosa deusa cansada, sempre estendida nessa areia, evocadora de colchões de prata, fizeram-me perder a cabeça e...

*Ella* (interrompendo-o) — E, hoje, qual a razão porque encontrou essa cabeça perdida ha tantos dias? Estarei por acaso menos bella e a minha roupa suggestionavel ?

*Elle* (calmo) — Nada disso, meu amor. Sómente, antes de cá vir, fiz as contas do que precisamos para fundar o nosso ninho e, sem a sua contribuição, o ninho cairá por terra.

*Ella* — Então, enquanto eu o imaginava a pensar em mim, a ancisar por esse momento de intimidade commigo nessa praia admiravel, o senhor calculava as sommas que eu lhe traria ? O senhor é um monstro !

*Elle* (suave) — Não sou um monstro, mas um homem pratico, já lhe disse ! Confie em mim e responda á minha pergunta: espera ou não alcançar o logar do banco?

*Ella* (resoluta) — Expliquemo-nos, pois, já que esse é o seu desejo. Menti-lhe, quando lhe affirmei que ia trabalhar. Observei que todas as moças munidas de um emprego arranjavam logo marido e, como eu me queria casar e o senhor me agradava, julguei dever atirar-lhe essa isca, para mim, sem grande importancia, aliás. Uma vez, casados, confessar-lhe-ia a verdade e tudo continuaria pelo me-

lhor do nosso *ménage*. Não imaginava o senhor tão pratico como é.

*Elle* (á parte) De que escapei eu! Ah! esses banhos de mar, essas aproximações em praias luminosas, onde as mulheres representam de verdadeiras *sercias*, são perigosas ! De que me livrei eu, santo Deus ! Se ella soubesse que eu contava com o seu ordenado para vivermos ambos !

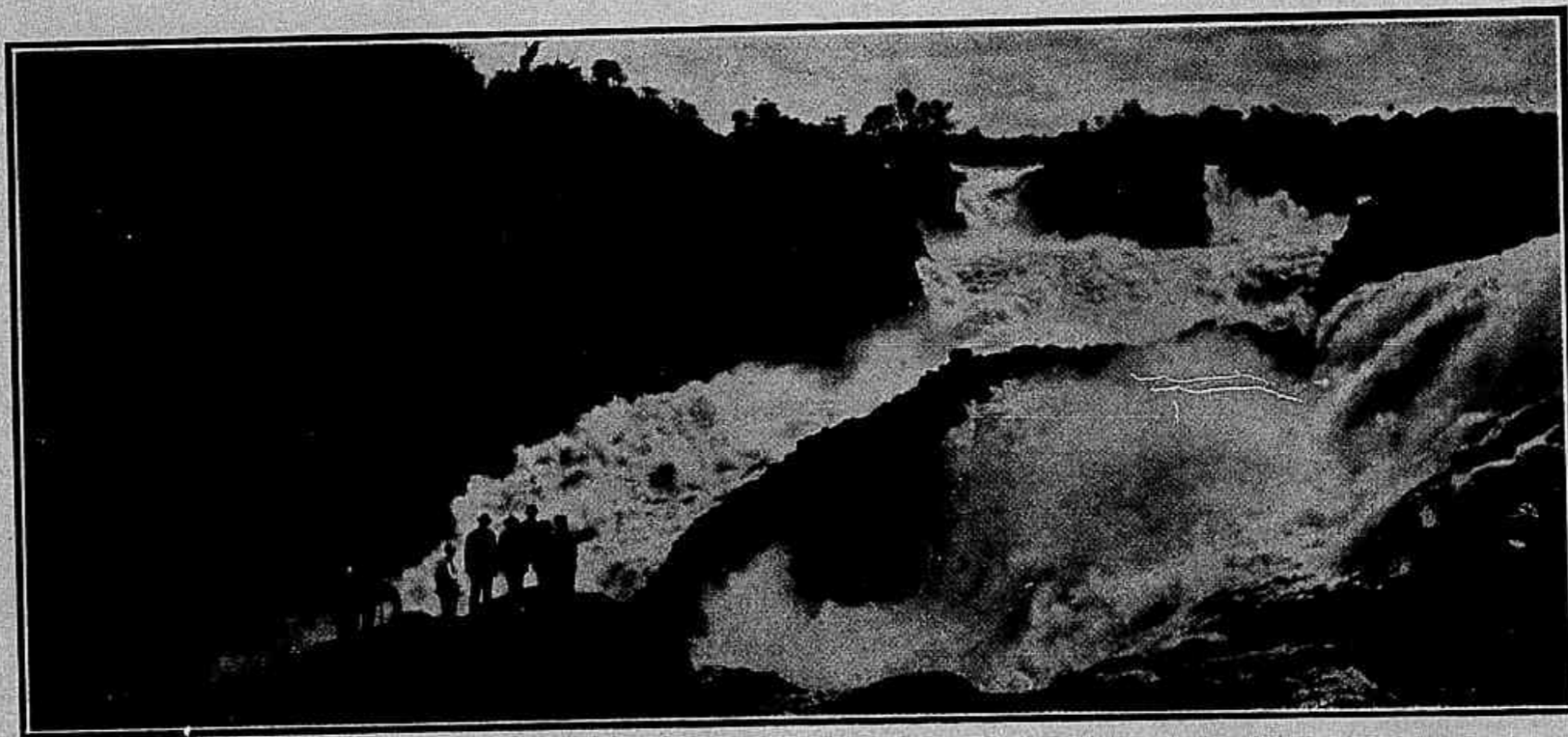
*Ella* (á parte) — E eu que passei toda a manhã a tornar mais suggestivo esse meu fato de banho ! e a pintar o signalsinho do hombro para que a agua não m'o lavasse !

Tudo perdido! Elle quer *tubos* e não encantos ! Todavia, é tão sympathico e tão bem feito ! Se continuasse a mentir ? (firme) Olhe meu amigo, conto com o emprego. Foi a brincar que lhe narrei aquella fabula.

Entrarei com a minha collaboração para o nosso ninho, como de justiça. Ama-me agora e insiste em querer desposar-me?

*Elle* (satisfeito) — Certamente que a adoro ! E que adoravel signalsinho tem no hombro! (á parte) Vou proceder ás minhas indagações. A pequena é espartinha!

*Ella* (graciosa) — Vamos tomar banho ? (á parte) Se não me servir para marido, serve-me ao menos para o *flirt*. Afinal, a gente banhar-se sem um adorador ao lado, não vale a pena! E, se eu o engano, quem me assegura não ter elle feito o mesmo commigo!



## CACHOEIRA

DE

## PAULO AFFONSO

(Photographia offerecida á "Illustração Brasileira", pelo poeta Lobão Filho)

# o homem dos olhos contentes...

por Peregrino Junior

— Disseram-me que eu era feliz. Não sei se será verdade. Talvez seja. Estou mesmo inclinado a crêr que é verdade. Tudo o que se diz, afinal, é verdade. O certo, porém, é que eu sempre achei as coisas bellas e boas. Talvez ellas não fossem todas boas e bellas. Mas, eu tinha nos olhos tanta bondade e tanta belleza ! Os meus olhos eram contentes. Desde menino, foi assim. Muito mansos, muito doces, os meus olhos sorriam. Um bello pedaço de paysagem, uma cara bonita ou um gesto de bondade eram sufficientes para dar aos meus olhos uma perfeita illusão de felicidade. Ninguém imagina. Tudo podia ser feio ou triste em torno de mim... Que importava !... Os meus olhos, felizes, envolviam de illusão e encanto todas as coisas. E descobriam sempre, sem esforço, em todas as coisas, um pouco de belleza ou graça, um pouco de harmonia, um pouco de bondade. Por isto estavam contentes, perennemente contentes, os meus olhos !

Uma vez... lembra-me perfeitamente... eu estava no meio da vida. Tinha 25 annos. e muita illusão na alma. Parei um momento. Parei e sorri. Estava tudo sereno e claro em torno de mim. Comecei a olhar. Os meus olhos se enchiam com a graça das creaturas que passavam, — umas tristes, alegres outras, algumas indifferentes e tranquillias. Reparei nellas. E fiz uma descoberta inesperada: cada uma d'ellas levava nos olhos, sem saber, uma historia, um romance, um poema... Certamente, sem saber. Porque iam distrahidas, iam calmas ou apressadas, mas absolutamente indifferentes ao romance, ou á historia, ou ao poema que levavam consigo. Entretanto, eu via tudo aquillo ! Eu via, eu adivinhava,

eu comprehendia tudo... E sorria. De repente, passou por mim uma mulher. Foi a primeira mulher que passou junto de mim. E era linda ! Olhei para os olhos d'ella, curioso e espantado. Eu queria ver o romance que ella devia ter nos olhos, como as outras... Ella sorriu. Não entendi. Não vi nada. E a mulher, como todas as mulheres, passou... Mas deixou dentro dos meus olhos o romance que eu procurava nos d'ella !... Quando descobri isto, fiquei quasi louco... Um desejo de vel-a de novo, de possuil-a, de tel-a toda nos meus braços, só para mim, para a volupia quente do meu amor... Fui procural-a. Disseram-me que ella era a Felicidade. Illusão boa, que a todos sorri e engana... Mulher ! Não sei. Sei apenas que nunca mais pude ter o contentamento nos meus olhos. A alegria fugiu d'elles, deixando, em seu lugar, um desejo insensato e torturante... Os meus olhos ficaram tristes. Irremediavelmente tristes. Então, começaram a ver a melancholia das pessoas e das coisas, as fraquezas, as maldades, todas as paixões e todas as misérias que se misturam no tumulto universal da vida ! E os vultos que eu encontrei no meu caminho solitario contaram-me historias e romances — mas tudo muito triste. Ironicos e tristes, mas não indifferentes, os meus olhos viram desde esse tempo o infortunio e o soffrimento que envenenam a felicidade de todas as creaturas. Começou a viver nelles a melancholia de um doce desencanto. E toda gente continuava a dizer que eu era feliz — porque ninguém via nos meus olhos as historias e os romances, tão dolorosos, que elles guardaram dos outros olhos, que viram e adivinharam no silencio do caminho solitario.

# Alexandrinos de vida e morte

*Nascer! Surgir do nada, incognito e profundo,  
E marchar para um termo esplendido do além!  
Oh! nunca saberás, mortal! quem este mundo  
Do infinito o arrancou, onde vae, donde vem...*

*Nascer! Um ente mais na terra, um sonhador  
De mais... E a vida o embriaga. Illude-o a gloria. Fere-o  
Logo a saudade eterna a palpar no amor...  
E logo se abre o vacuo horriivel do mysterio...*

*Nascer! E logo após do berço tímido, antes  
Mesmo de rir — chorar até morrer...  
E durante a existência, a todos os instantes,  
Curvar o pensamento ante o ser e o não ser...*

*E não ha o consolo estranho de uma voz,  
Que nos ensine a Vida, e que nos diga, em summa,  
O que existe no Além, neste mysterio atroz,  
Sem nenhuma razão para o explicar, nenhuma!*

*Crêde! nos diz a Fé, julgando-se divina.  
Acreditar em Deus apenas é mistér.  
Mas nada nos explica e nada nos ensina...  
Escutamos, então, o riso de Voltaire...*

*Para o infinito azul erguemos nossa prece.  
Interrogamos tudo... a terra, o céu... em vão!  
E é cada vez maior nossa desillusão.  
Si chamamos em Deus — nada nos apparece.*

*Viveremos assim em duvidas sinceras.  
Si olhamos para o espaço apenas vemos luz,  
As estrellas ardendo e as rutilas espheras,  
Rolando nas rechãs das amplidões azues.*

*Si olhamos para o espaço, apenas, fere o olhar.  
A escalada feroz das verdes serranias,  
Ou então o esplendor olympico, sem par,  
Dos cedros varonis, das arvores sombrias...*

*Si não bastam ainda essas visões pequenas...  
Oh! mortal! si no oceano o olhar ainda pões,  
Nada... nada ouvirás — escutarás, apenas,  
O rugido infernal de espumecos vagalhões.*

*Somos pó, afinal? Temos alma? — Talvez...  
Nesta duvida eterna o universo vacilla.  
Não ha nenhuma voz que diga quem nos fez,  
Quem do nada arrancou a legendaria argilla.*

*Porém si existe um Deus nos páramos serenos  
(Um Deus que embora grande e eterno ninguem vê...)  
Porque não nos consola e não responde, ao menos,  
A esta interrogação que o Homem lhe faz... Porque?*

*E cega, a humanidade este drama fatal,  
Desempenha, chorando, até á morte, cada  
Vez mais cega e infeliz, levada pelo mal,  
Nessa epopéa antiga e estúpida do nada...*

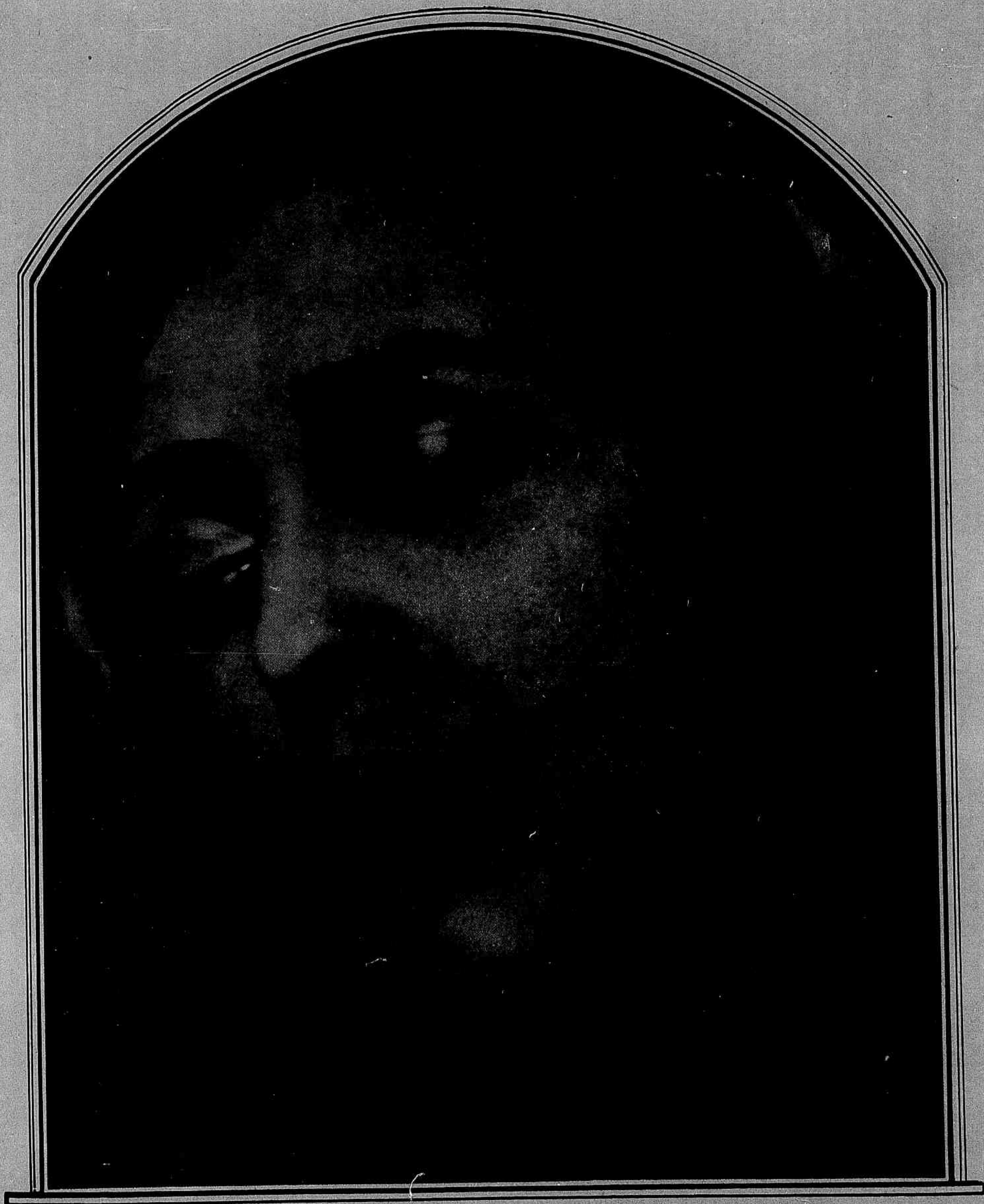
*E será sempre assim! Si um dia, por ventura,  
Subimos para o Além, na escada de Jacob,  
Estacamos, defronte o horror da sepultura...  
Lembramo-nos então que ainda somos pó...*

*Passar por esta vida em dôres infernaes,  
Como a existencia atroz e languida do Christo,  
Em calvarios de dor, sempre verás,  
Que esta tua existencia, humanidade, é isto!*

*Oh Homem! abandona o problema divino...  
Embora sobre o pó rolem os nossos bens.  
Como querer saber teu postumo destino  
Si não sabes ainda, oh! Homem, de onde vens?*

A F F O N S O   D E   C A R V A L H O .





## BERTA SINGERMAN

A INSIGNE DECLAMADORA QUE SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO  
OUVIRAM E CUJAS VESPERAES POETICAS TIVERAM, ESTE INVERNO,  
UMA SEDUCÇÃO DE ESPIRITO, ENVOLVE UM ENCANTO DE SENSI-  
BILIDADE INESQUECIVEL

# Capitulo de um romance

(DE RAUL DE AZEVEDO)

... ..  
Linda, no seu vestido azul escuro, os olhos sempre com um brilho novo, molhados, Lucia chegára sorridente á casa de Iréne.

Abraços, beijos, palavras.

— Como vens alegre! E's um glorioso Sol neste Outomno...

— Venho feliz! Muito feliz, Iréne!

— Então?!

— ...sim, chego do Leme. Duas horas encantadoras, deliciosas, felicissimas, com o meu poeta. A sua *garçonniere* é discreta, entre arbustos e flôres. Ha um aroma penetrante, na casa toda, de cravos e rosas, jasmims e violetas... Um canario, na sua gaiola bronzeada, no gabinete, canta sempre, sempre! Aqui e ali, quadros e estatuetas, e livros, centenas de livros. Uma delicia!

— Amas muito?

Lucia acceitou a chavena de chá que Iréne offerencia. Estavam no pequeno terraço verde-claro. Espada Gusmão sahira a momentos, agora com a preocupação fixa de colleccionar retalhos de fazendas... Corria as lojas, os armari-nhos, pesquisando, procurando, pedindo, comprando. Todos já sabiam da mania, proveniente da molestia, que o ia victimando, mas, como era inofensiva, deixavam... Coitado do Espada Gusmão! E Iréne, na sua bondade infinda, tudo supportava, sem um gésto de rebellião, evangeli-camente.

Lucia molhou os labios no chá, e pousando a chavena, confidenciou:

— Sim, minha Iréne, amo Domingos. Elle me enpolgou pelo espirito e pela carne. E' bem a creatura dos meus sonhos de creança! Deixar fugir a felicidade? Nunca! Satisfaz-me, em absoluto: adora-me, é dedicado, eu sou a sua Musa, e é um palestrador que encanta, e um homem que prende! Depois, tão requestado... Amo-o!

— E o teu marido?

— Alberto? A's vezes, palavra, esqueço-me d'elle. Nós estamos sempre juntos, nas reuniões, nas festas, nas casas dos outros. Na nossa, ás vezes, á hora das refeições. Os nossos quartos, como sabes, são separados. Sei que Alberto tem amantes, inclusivè duas amigas minhas, lindas, a Lygia e a Italia. Faço que não sei; Alberto, por sua vez, não sabe nada... E estou certa temos um pelo outro uma bôa amizade.

— Extranha psychologia!

— Sim, curiosa... mas verdadeira. Quando um de nós está doente, o outro se desfaz em cuidados e carinhos. E' claro que, se houvesse no Brasil o divorcio, — esses senhores legisladores teem se descuidado tanto!... — fariamos a separação, e eu, a esta hora, seria a senhora Domingos...

— Que horrivel!

— Sim, o nome é detestavel, e até indecente-para um poeta. Mas a creatura, Iréne, é deliciosa!

— Acredito.

— ...Mas, como não temos a lei almejada, tambem não tenho o direito de sacrificar a minha felicidade, e a daquelle que me quer. Póde não ser uma theoria honesta, mas é humana. Ora, ter uma vida de tortura, de inferno, sómente para ser virtuosa, — é soberanamente idiota. Tenha o meu amante, um só. Se fôsse mais de um, seria vicio, seria ignobil. Has de me dizer, com toda a tua innocencia, qual é o marido que não prevarica? Qual?! Tenho, para mim, que os direitos e deveres são eguaes, e assim...

— Assim...

Sorrindo, com prazer, Lucia continuou:

— Sou mais honesta do que o meu marido! Alberto tem duas amantes fixas, Lygia e Italia, casadas, que me visitam, e lhe visitam, duas vezes por semana, ás tres da tarde, — á hora do nosso dentista eterno, e do nosso medico, do chá, das lojas de modas, do cinema, — fóras as occasionaes, e uma certa francesinha chamada Helène. Ora, eu não vejo nada...

Por minha vez, saíio, vou ao dentista, ao medico, ás compras, e elle não vê coisa alguma... Apurar tudo isso? Seria o desmoro-namento do lar, o desequilibrio da vida, o repudio da sociedade, toda' ella postiça e convencional em linhas geraes, o desequilibrio financeiro de Alberto, o escandalo, a bala, a morte, a prisão, os jornaes, o demonio! Não! Na vida, minha filhinha, é preciso ter juizo, pensar, reflectir, não fazer tolices. E eu e Alberto somos duas creaturas muito ponderadas!

Riram, gostosamente. Fazia-se tarde. Lucia consultou o braço formoso, mirando o relógio: como passára o tempo! Partia. Levantou-se, agitou-se, compôz o rosto e os labios com a pluma e o lapis, e entre beijos, disse para a amiga:

— Imagina que ainda tenho de ir á cidade comprar *bombons* para Alberto! Elle áora os *bombons*!

Iréne ficára só, a pensar. Do terraço claro acompanhava com os olhos uma nuvem branca, que fugia... E o seu pensamento perdia-se, em conjecturas.

— Mas, afinal, onde a felicidade? Ali estavam tres amigas intimas, aneando por uma lei salvadora, que não vinha. Laurinda, a mais educada e a mais formosa das creaturas, presa pelo casamento a Fabiano, e amando a Luiz, sofrendo para não ser adúltera, e talvez, um dia, abandonando o marido, para ir viver o seu amôr; Lucia, amoldada nas subtilezas da sociedade, casada com Alberto, e apaixonada por Domingos, de quem era amante; e ella mesmo, Iréne, com outro feitio, com outra reflexão, religiosa, arraigada aos principios de familia austera, incapaz de uma leviandade ou dum crime, mas, no intimo, esquecendo o marido para amar, martyrisada a Edmundo...

E sentia que, das tres, seria a mais desgraçada, pois não mancharia nunca o seu lar com a vileza do adultério. Edmundo sabia bem dos seus sentimentos, de todo o seu amôr recalçado.... Entregar-se a elle? Deshonrar o marido? Não. E para si não era só uma questão de sociedade, e sim de consciencia. Não faltaria aos seus deveres de esposa, em respeito, primeiro que tudo, a si mesma.

Se houvesse o divorcio completo, sim, de cabeça erguida, deixaria o esposo, honestamente, para ir casar com o seu amôr. Mas, preconceitos estreitos, inibiram a lei de uma amplitude racional, que seria aliás moralisadora, por prevenção e honestidade nos seus detalhes. Augmentar com os abusos, os escandalos, os crimes? E para que, então, Juizes e Tribunaes?!

Esperar? Não, — a sociedade só faria o divorcio mais tarde, quando, enfartada e enjoada do adultério, trataria de salvaguardar os interesses e direitos de maridos e esposas. Era uma lei que se tinha a fazer, fatalmente, mas para daqui a meio seculo...

Assim, era uma sacrificada. Nem alegrias, nem prazeres. E além de ser obrigada a supportar, toda a vida, o desequilibrio mental do esposo, ainda ia desgraçar aquelle que amava, e por quem era amada!

Mas sentia-se incapaz de illudir ao marido, ou de deixar a sua casa e o seu lar, para fugir com Edmundo, manchando o nome puro da familia, e contrariando a sua consciencia.

Não. Preferia ser, como era, martyr voluntaria, mais digna, podendo analysar com calma e

altivez, o "seu caso", que não era invulgar, acreditava, — do que se confundir com tantas outras, suas conhecidas e amigas, que, no turbilhão mundano, eram arrastadas pela frivolidade e exageros de uma parte da sociedade cosmopolita, e ainda em formação, até ao vicio interesseiro, com escala pelo *flirt* profissional e nocivo ás almas.

Ah! Se existisse o divorcio! Como ella poderia se separar do esposo, a quem não amava, e apenas supportava, e casar com o seu affecto e o seu bem querer! E quantas creaturas, homens e mulheres, estariam, naquella hora, no seu caso?!

Não queria uma lei capciosa, leviana, facil, que se prestasse a multiplas explorações, e a indignas especulações, de parte a parte. Não. Queria, como todos aquelles que teem noção alta dos seus deveres e responsabilidades, — uma lei de divorcio bem regulamentada, vasada em portuguez lidimo e castiço, alevantada e nobre, não permittindo facilidades nem subterfugios, nem falsas interpretações, nem leviandades e baixezas; lei que fôsse uma reparação social, que cohibisse, ou pelo menos, evitasse a mancha do adultério, a mancebia, valorisasse a mulher honesta, fizesse o homem pensar e reflectir, certo de que sobre si e o seu lar desabariam as consequencias de aventuras perigosas, e do desassocego do lar dos outros!...

Mas não. Isto continuaria assim... A dissolução progressiva, não aparente mas real, de uma parte, exactamente a maior, da sociedade, por falta de educação, de civismo, da cultuação dos sentimentos nobres, proveniente dos ficticios prazeres mundanos, e dum luxo de posses mediocres e de exigencias infindaveis.

E Iréne, certa da fallencia da sua felicidade, da desgraça do seu amôr, que sempre se conservára honesto, refugiou-se na religião, para consôlo do seu espirito, e amortecimento das suas exigencias de carne. Resava... E, horas a fio, passava constricta, ajoelhada diante do Senhor, no pequenino oratorio de mogno, em sua casa, pedindo paz para o seu coração afflicto, o acabamento dêsse grande amôr deliciosamente torturado, e toda a felicidade para o seu bem querer, para o seu Edmundo que, como ella, vivia nesse martyrio moral, despedaçador d'almas! E o Christo de marfim, sereno e meigo, branco como as camelias, alvo como os lyrios, parece que, ás vezes, abria mais os olhos na contemplação daquella creatura virtuosa, bôa e justa, nobre e abnegada, e como que tinha para ella um sorriso dôce e tranquillo, de perdão e carinho, de sincera e infinda bondade...

.....

# De Ildefonso Falcão

## PAU D'ARCO

Gloria a ti na montanha em que floresces,  
arvore fulgural! Gloria ao vigor  
que ostentas quando, em cóleras refeces,  
rabeia o temporal, inquietador!

Alta e opulenta, sobranceando as messes  
no valle, a côma de ouro toda em flôr,  
com os passaros, num frémito, estremeces  
como uma alma plethorica de amôr.

Arvore bella! como eu te amo, cheia  
de graça, heroica e bôa, na alegria  
do teu feliz destino vegetal!

E's soberana, e o sol te homenageia...  
Cinges, só tu, sob o esplendor do Dia,  
a corôa da selva tropical!

## A CASCAVEL

Sertão a dentro, ao sol que me castiga  
avanço, impavido, com o meu arrieiro  
cuja sombra, do lado, é a sombra amiga  
do melhor e mais bravo companheiro.

"A cascavel!" — grita-me, adeante, e instiga  
meu baio... Em rôlo, ao pé de um algodoeiro,  
tópo-a. Mas, logo, estoura na inimiga  
um par de tiros, rápido e certo.

Vae se desenroscando a serpe, e espia...  
Dir-se-á que pouco chumbo não a assusta;  
mal acordou do somno que dormia...

Está farta; podendo-o, não se vingá;  
e, preguiçosamente, barafusta  
na mattaria rala da caatinga...

## SERINGUEIRO

Heroe sem fausto, mas heroe perfeito  
da fantastica selva equatoriana!  
Entras o abysmo vêrde, aberto o peito  
á soberba miragem que te engana!

Fascina-te a fortuna... O mundo é estreito  
para o infinito de tua ansia insana;  
sangras, "estrada" a dentro, satisfeito,  
a arvore martyr com festões de liana.

O pranto que lhe roubas, á porfia,  
enche-te o olhar. Translumbras-te á certeza  
de que te caberá todo o ouro, um dia.

Douda illusão! E's cada vez mais pobre...  
Por tapiry mal tens a Natureza  
na velha samaumeira que te cobre...

## VELHO VAQUEIRO

Perdeu o aprumo; já não é quem era...  
Rengue das pernas, braços fatigados,  
murcha ao peso da idade, embora á espera  
de outros dias de faina com os seus gados.

Da entrada do pálhiço que o encarcera  
revê, em scisma, os largos descampados  
em que affrontou garrotes, como fera,  
guiada atrevida, musculos dobrados.

A' tarde, no silencio que é de magoa,  
vae, banzando, ao curral... Lá está "Boneco"  
que pegou, ha um "tempão", ao pé do arroio...

Ouve... e enchem-se-lhe, então, os olhos de agua:  
é que lhe vem, resoando de éco em éco,  
a toada melancolica do aboio...

## AOS POETAS

Divinos garimpeiros da Belleza,  
poetas de sangue azul, á luz coroados,  
sois os interpretes predestinados  
da unica, illustre e lidima Nobreza!

Cantai! Fazei da vossa dôce empresa  
o mais sonoro dos apostolados!

Para os melhores canticos sagrados  
tanjei, como uma lyra, a Natureza!

Nessa embriaguez de sonho, na procura  
desse filão de ideal que vos tortura  
harmonizaes a Terra, ao sol accêsa...

Cantai! Vibre o Universo ao vosso canto!  
Cantai! Resôe a Vida por encanto,  
divinos garimpeiros da Belleza!

## VERÃO

Soalheira de verão! Estua o ambiente  
no arremêso flammivomo da vida  
que se derrama, voluptuosamente,  
por toda a ampla paizagem distendida.

No ar e na luz magnifica, na quente  
ebriez da Terra, prompto amortecida,  
anda um cheiro de seiva, activo e ardente,  
uma febre de amôr, douda e inçontida.

Ama, homem-fauno! Pan não morreu: freme  
dentro do teu instincto, no teu sangue  
ignivomo, de máculas extreme!

Ama á soalheira rutila e violenta!  
E ama, bêbedo della, o corpo langue,  
ao fulgôr que te cega e te adormenta!

## LUZ, MUITA LUZ...

Estas mãos que mourejam, ergo-as, alto,  
para abençoar o Sol que me alumia,  
golfando ouro dos céos de ouro e cobalto,  
na bellêza apotheotica do Dia!

Que vale o fausto humano, a prataria  
dos paços reaes de pórophyro e basalto?  
De ouro é tudo isto! É este ouro é que é a harmonia  
de todo este esplendor em que me exalto!

Gloria a Deus, no silencio das alturas,  
pela graça de tanta claridade  
em que se esvaem as magoas mais escuras!

Louvada seja a Luz em que me aqueço  
á sensação de uma felicidade  
que, por grande, nem sei se eu a mereço!

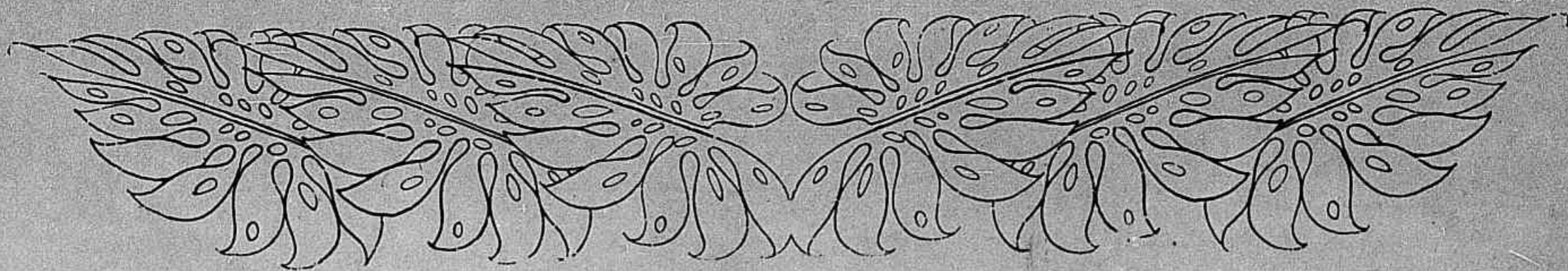
## SERTANEJO

Mira-o de cêrca: tem o aspecto morno  
dos homens logo cêdo fatigados;  
tostada a pelle, os gestos remorados,  
o olhar vagueia, móllemente, em torno.

Fustigado a soalheiras e a bochôrno  
põe-se, timido, a espiar céos esbrazeados  
como o mais singular dos condemnados  
a um igneo ambiente horrifero de forno.

Mas, prövoca-o!—e, a um pulo, inchando o tronco,  
saltará, bravo e indomito, a arma presta,  
ou cantará tres noites de saudade...

Dess'arte, parecendo lérdo e bronco,  
é mais agil que as onças da floresta  
e mais poeta que os poetas da cidade...



# O historiador de Christo



**D**IZEM criticas francezas que foi Giovanni Papini o unico escriptor italiano da sua geração (o autor de "Un Uomo finito" nasceu em 1881) que haja conseguido um renome e uma clientela de leitores internacionaes. Isto em 1921, por ocasião de estampar Giovanni Papini a primeira edição da sua curiosa "Storia di Cristo".

Realmente. Nenhum dos seus contemporaneos, nem o futurista F. T. Marinetti, cujas produções, escriptas umas em italiano, outras em francez, eram mais uma fabula do que uma obra de arte, nem Paolo Buzzi, grande poeta de facto, nem Ardengo Soffici, artista da prosa refinado e subtil, tiveram tão depressa, para lá das fronteiras da sua patria, o seu nome repercutido com tal fragor, e lidos os seus livros com tal interesse. Todos, por essa época, Papini inclusive, eram elementos constitutivos da frenetica borrasca futurista, que pretendia mechanizar Veneza e destruir, num auto-da-fé publico, as edições da "Divina Comedia", conforme pregava Marinetti, com o seu demagogico principio das "palavras em liberdade" e da "norte aos grammaticos!", no fundo um "grammatico" elle proprio.

Prosador doutrinario, romancista, novelista, critico e poeta, e nestes generos todos demonstrando sempre a sua estranha, a sua paradoxal e vehemente personalidade, servida por um estylo repleto de ineditismo e de surpresas, Giovanni Papini criou logo para si, na vanguarda do largo movimento literario, que teve o seu instante de mais accessa lucta, de 1913 a 1915, lugar á parte. Puzera-se, muito antes, á testá da importante revista de artes e letras "Leonardo", que durou de 1903 a 1907, e, em 1906, dera elle a publico o seu famoso "Crepusculo dos Philosophos", escandaloso cartel de desafio, lançado corajosamente á cara dos metaphysicos. Prégava elle, nesse tempo, a doutrina do pragmatismo, e teve dos Estados Unidos a solidariedade e o apoio de William James, o criador da theoria, o philosopho que é, em parte, um precursor de Henri Bergson.

Director, a seguir, de "La Voce", a notabilissima revista milaneza, immediatamente espalhou, pela incontida vehemencia e pelo desabrido impeto dos seus ferozes ataques aos homens de Estado e aos homens de letras do seu paiz, por toda parte, a fama, de certo invejavel, do seu nome de destruidor.

Não faltou quem se referisse, então á sua iconoclastia. Mas, naquelles annos de hesitações e duvidas para a Italia e para a Europa, accumulavam-se na atmosphaera politica os tenebrosos bulções annunciadores da proxima tempestade. Tudo tendia á destruição...

Desencadeada, na Italia, a campanha do Futurismo, que luctava com a literatura officia e com as forças da policia e dos corpos de bombeiros e, as mais das vezes, com as batatas, os ovos e os "fischii" das platéas irritadas e fermentes de indignação, Papini, como acima ficou dito, ligou-se de prompto ao torrentoso movimento, assumindo em breve um dos postos mais avançados do vanguardismo italiano. São dessa época diversas das suas melhores obras ou, ao menos, mais características do seu excepcional temperamento. "L'Uomo finito", o estranho romance, já traduzido em portuguez, "Il Pilota ciego", interessantissima collecção de contos, cada qual o mais insolito, "Il Tragico quotidiano", um impressionante ensaio de critica: "L'Uomo Carducci", e muitos outros volumes de critica, prosa e verso, que attrahiam e excitavam, cada vez mais, tanto na Italia como no estrangeiro, a curiosidade da maioria dos leitores e as sympathias da nata dos homens de letras europeus. Tinha a critica dos outros paizes do velho Continente, como ainda ha pouco voltou a succeder com Pirandello, a exclusiva preocupação de tomar por assumpto de analyse as obras do novo escriptor italiano.

Data, porém, de ha poucos annos a ultima surpresa de Giovanni Papini: a sua sensacional conversão ao catholicismo. Dessa reviravolta do seu espirito, e naturalmente, da sua sensibilidade, surgiu, em 1921, — estão lembrados todos os leitores, — a sua "Storia di Cristo". Instantaneamente esgotadas as primeiras tiragens desse imprevisito livro. Em poucos mezes as suas ducções, mais ou menos fiéis, appareciam em quasi todas as livrarias do mundo.

Havia sobradas razões para justificarem tal successo. O autor dessa nova vida de Jesus era Papini. Tinha o volume cerca de seiscentas paginas, com um formidavel prefacio. Tão formidavel, que era como uma obra integral antecedendo outra. Emfim, a mais monumental das profissões de fé. Além disso, a obra de Giovanni Papini voluntariamente fugia aos processos, de que até então se haviam servido os historiadores de Christo, a exalta-lo na sua divina finalidade, ou a desnivela-lo, das suas condições de messias, á simples natureza de um prégador de religião. Ernesto Renan provoca a sua caustica ironia, com o seu "jovem poeta de olhos azues"...

Mas si fugia a taes processos, mais ainda condemnava sem appello as desbotadas historias de Christo para uso das gentes devotas... Tanto umas como outras, Papini as considera falsas e contraproducentes para a propaganda e para a defesa da Igreja catholica. Não se supponha, porém, que a sua vida de Jesus não se apoie nos Evangelhos e nas tradições mais orthodoxas. Papini aboliu da sua obra e supprimiu da sua prosa e do seu estylo, tudo que a pudesse,

por falso pudor, desvertebar e edulcorar, rebaixando-a á categoria de um simples manual de devoção insignificante e incolor. E' uma vida de Christo, a que se animou a descrever, inteiramente vivida, na sua verdadeira humildade, nas suas obscuras condições de pobreza, que vizinha seguido com a mais inesthetica miseria. Surge a divina figura do suavissimo filho de Maria, como no texto original dos versiculos da Biblia hebraica, os reis e os prophetas, numa existencia toda realista, desnudada de maravilha e fantasia, e num ambiente voluntariamente exilado das grandezas e opulencias do tempo, um scenario despido e quasi rudimentar senão grosseiro, terra á terra descripto; e, mais não hesitou Papini ante a crueza ou a brutalidade da linguagem, desde que os termos crus ou brutaes se tornem necessarios e indispensaveis á maior exactez e pureza da verdade.

Um trecho, aquelle que dá começo á obra, depois do longo e explicativo prefacio a que já alludi, e que é todo elle do mais legitimo Papini, servirá como amostra ligeira do modo por que está concebida e como se acha escripta, esta extraordinaria "Storia di Cristo", que não deixou, aliás, de apparecer a seu tempo... E' o capitulo sobre o nascimento de Christo:

"Jesus nasceu numa Estrebaria. Uma Estrebaria, uma Estrebaria real, não o alegre portico edificado para o Filho de David pelos pintores christãos, quasi envergonhados de que o seu Deus haja dormido na miseria e na immundicia. Não é, tão pouco, a Manjedoura de pape-

lão que a fantasia pasteleira dos imaginarios concebeu"... etc. etc.

O notavel critico francez, B. Crémieux, analysando essa prodigiosa "Storia di Cristo", tem estas magnificas observações que, pela sua justeza de comprehensão e segurança interpretativa, não resisto aqui a tentação de as reproduzir: "Giovanni Papini, com a sua "Storia di Cristo", se fez o "joculator Dei", com a esperanza de que as suas peloticas conseguirão trazer de novo ao santuario deserto o povo, presa do materialismo e do odio. Olhemos para isso mais de perto: essa reaproximação do homem de hoje e de Deus, é o principio mesmo do franciscanismo, é a essencia de toda a hegiographia italiana dos seculos XIV e XV, desde os "Fioretti" até á "Lenda dourada", desde São Boaventura até Santa Catharina de Sienna. Papini, na ardor da sua fé, reúne-se a São Francisco de Assis. Mas o seu temperamento colérico lhe dá, em caminho, o odio de um São Domingos ou de um Jacopone de Todi contra os impios e contra os scepticos".

Desta obra, actualmente celebre no mundo inteiro, foi que Mansueto Bernardi, o filho do subtil poeta rio-grandense, poeta que sente e que pensa para sentir sempre melhor, acaba de extrair a maravilhosa "Prece a Christo", com que Papini dá termo á sua obra, e que é, por si só, no esplendor vertiginoso e fulminante de algumas poucas paginas, uma obra-prima, cheia de belleza divina, o que é muito, e, o que é mais ainda, cheia de uma terrestre, de uma consoladora, de uma humanissima verdade!

## ° Dia Estival °

(Dayzagem campesina)

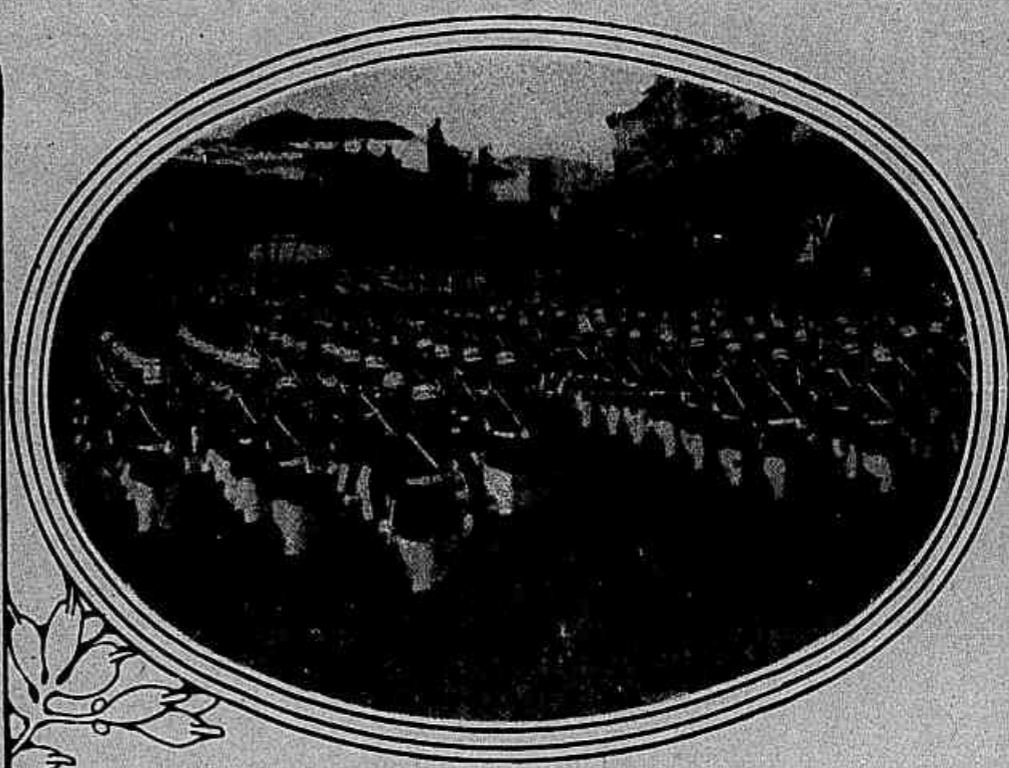
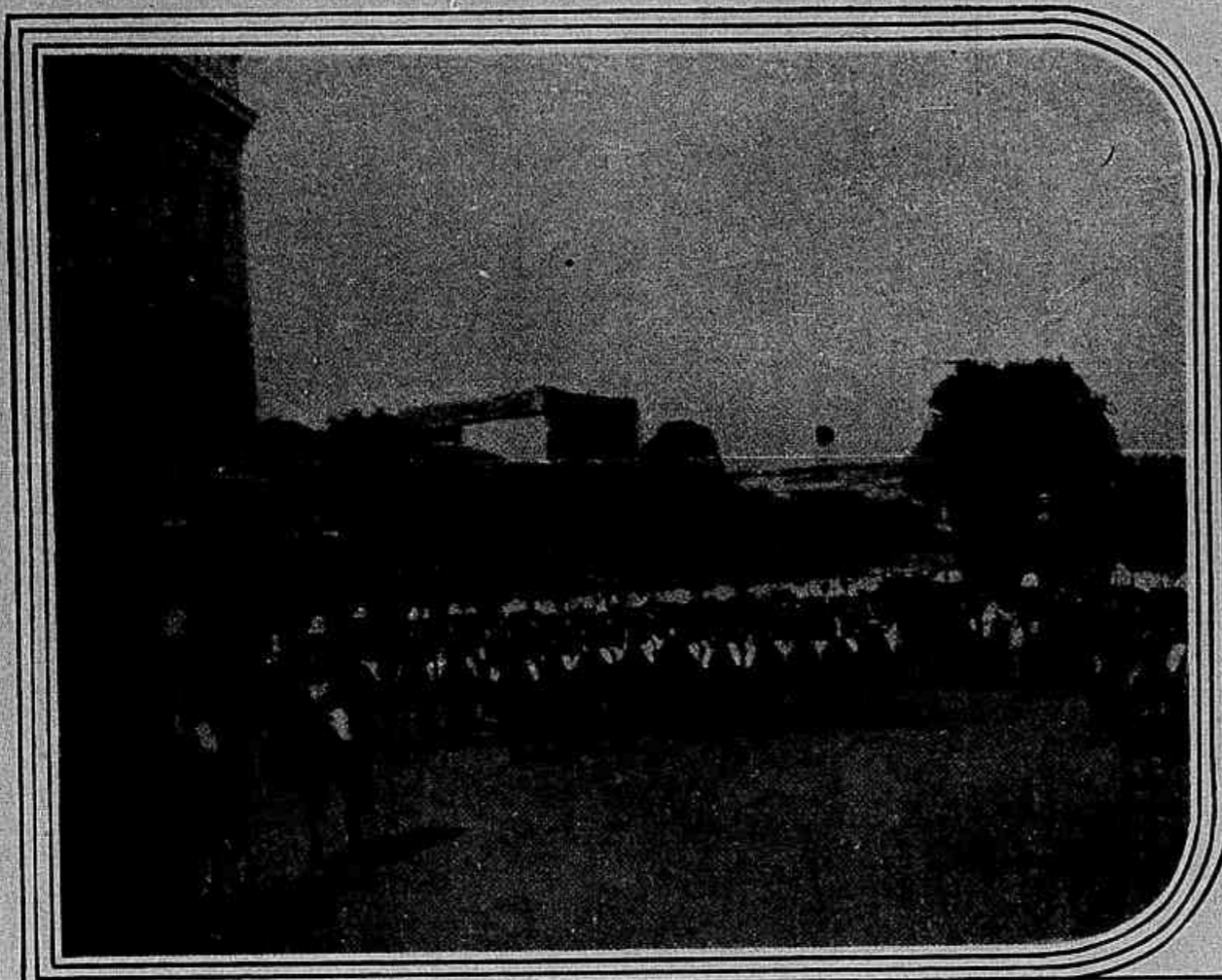
E' meio dia... A' sombra amiga de um bambual  
o tropeiro repousa o seu corpo cansado.  
Dardeja, rubro, o sol, como chamma infernal,  
seus raios sobre a grama, alma verde do prado.

Silencio... Lassidão... Reina um torpor lethal  
em tudo. E, com vagar, rumina a grama o gado  
á sombra dos umbús, á beira do banhado,  
emquanto o sol abraza e tosta o capinzal.

Volta o tropeiro á faina... A tarde vae cahindo...  
Crepusculeja, emfim... Leve brisa sussurra  
abrandando o calor, reanimando a solidão...

Chega a noite, afinal, com seu prestito lindo...  
E o tropeiro, na viola, as suas queixas murmura  
e espera que a agua quente e *róle o chimarrão*

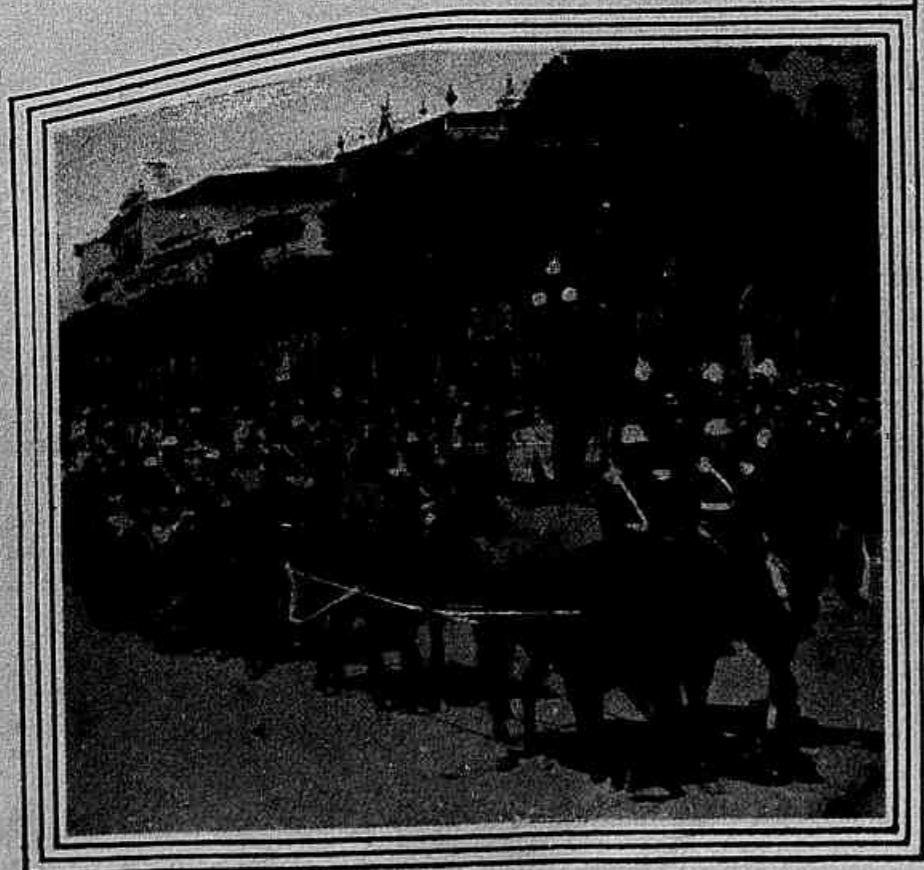
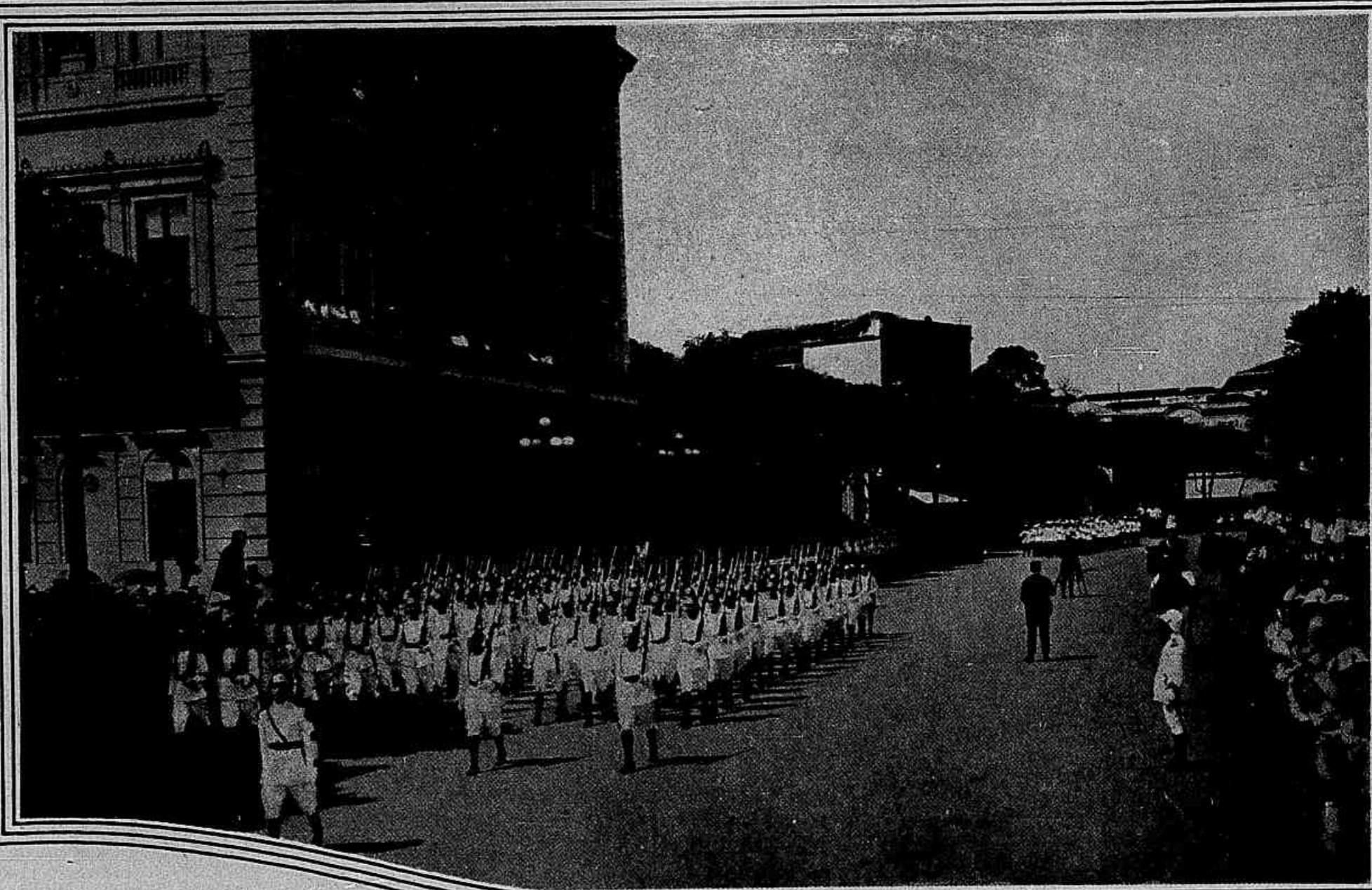
° W . S P A L D I N G °



A  
GRANDE  
DATA  
BRASI-  
LEIRA

ASPECTOS  
DO DES-  
FILE DE  
TROPAS  
NO DIA 7

DE SETEMBRO, NO RIO DE  
JANEIRO, EM COMMEMORA-  
ÇÃO DA INDEPENDENCIA  
NACIONAL



# A S U S P E I T A

## comédia dramática em tres actos

por  
Manoel Bernardino

### Segundo acto

(Continuação)

LUCIA

E para que, Roberto? Não acreditarias em mim!... Teus cunhados enredaram-me de tal modo, que não saberia, se o quizeses, defender-me.

ROBERTO

Não importa. Quero conhecer esse mysterio.

LUCIA

(que já está inteiramente refeita) Não, Roberto, não!... E' preferivel, mil vezes, esta situação... Já me vou habituando com as trevas do meu carcere... Que queres? A gente habitua-se com tudo. A principio, quando me vi só, dentro de quatro paredes, senti uma saudade invencivel do meu filho... Mas, depois... depois... Roberto, me fui conformando... Como que me deixei vencer!... E, aquella voz suave e meiga, que cantava, outr'ora, nos meus ouvidos, como um pipilo de ave; aquella voz infantil, aquella voz tão terna e tão doce, que era a voz do Nelsinho... aquella voz, Roberto, foi-se extinguindo... extinguindo... até que della me esqueci completamente... (pausa) Também, Roberto, tu foste tão severo, a principio... (com risinha naturalidade) Até o gaturamo, que cantava na area, junto do meu quarto, tu soltaste da gaiola de ferro... (com intenção) Não querias que eu escutasse o seu canto harmonioso...

ROBERTO

Confesso-te, Lucia, que tenho sido máo...

LUCIA

"Máo"!

ROBERTO

(refeito, tambem, no seu estado de nervoso) Às vezes, chego a suppôr que enlouqueceste. Sim, que enlouqueceste!... Por que não acho uma explicação para esse teu silencio obstinado em torno de um segredo, que, uma vez devendado, virá reabilitar-te aos olhos de todos... Se não és culpada, por que, então esse silencio? Não, Lucia, confessa!... Confessa!... Ha, em torno de tudo isso, um crime!... Não ha?

LUCIA

(machinalmente) Ha.

ROBERTO

(estupefacto) Que?! Um crime!... (avança, a passos tardos e vacillantes, para junto da esposa) Um crime!... (contendo-se) Sou, então, de qualquer forma, uma victima... e tu... tu, Lucia... uma innocente! (reflecte) Onde queres chegar? Dar-se-á que pretendas levantar uma arguição maldosa contra minha primeira mulher?

LUCIA

(em sobresalto) Oh!... Roberto!... Não!... Não, Roberto!... Não se trata de Helena... não se ergue cousa alguma contra tua primeira mulher... Oh!... Roberto!... Roberto!... Que injustiça!... Helena!... Não, Roberto, não!...

ROBERTO

Mas, então?

LUCIA

Sou eu a culpada! Sou eu! As cartas a que Marcello se referiu, pertencem-me! Sim, pertencem-me! Fui eu que tive um amante, Roberto!... (Roberto agarra-a) Sim... tive um amante!... Um amante!... Um amante!...

(Lucia, ameaçada, ferozmente, pelo esposo, á medida que vae falando, recua, a passos largos, para o F., á cuja janella se recosta, em attitude de defesa. Vê-se, claramente, nitidamente, o fulgor das chammas de um incendio, que irrompe á F., além do jardim, num crescente vertiginoso).

ROBERTO

(possesso, terrivel, e falando ao mesmo tempo em que Lucia) Um amante!... Um amante!... E tu o confessas!...

LUCIA

Confesso!

ROBERTO

Um amante!... Marcello!

LUCIA

Não!... não foi Marcello!...

ROBERTO

Então, o seu nome?

LUCIA

Não t'o direi!...

ROBERTO

O seu nome?

LUCIA

Não sei!...

ROBERTO

(pega-a pelos pulsos, força-lhe os braços, subjungando-a sobre uma cadeira, sempre a gritar) O seu nome!... O seu nome!...

LUCIA

(ao mesmo tempo, e gritando de dôr) Ai!... Ai!... Ai!... (a lucia é interrompida pelo incendio).

ROBERTO

(que já tem deixado a esposa, presentindo o incendio) — Um incendio! (corre, desatinado, de um para outro lado, gritando:) Luiza!... André!... (pula a janella).

LUCIA

(pondo as mãos na cabeça, desvairada, e a acompanhar os movimentos de Roberto) O quarto do oratorio!... O quarto do oratorio!... (quando Roberto salta a janella, entram as religiosas, cheias de pavor, acompanhadas de Juvencio, Rogerio e creados).

### SCENA XIII

#### Lucia, Rogerio, Juvencio, Luiza, Palmyra, as religiosas e creados

(Com a entrada dessas pessoas, estabelece-se, em scena, grande confusão: — as mulheres gritam, assustadas, chamando por "soccorro!" "soccorro!")

JUVENCIO

(pondo-se entre todos) Calma!... Calma!... Calma!...

UM CREADO

(saltando a janella, de dentro, para fóra) Lá vae o criminoso!

TODOS

O criminoso!...

UNS

(á janella) André!...

OUTROS

(reconhecendo) André!...

AS RELIGIOSAS

(a Lucia, com uma interrogação no olhar) E, a imagem, Lucia?... A imagem!...

LUCIA

(dominando-se) Está salva! (todos se viram para Lucia) Incendiaram-me a capellinha, mas eu salvei a imagem de Maria! (As religiosas abraçam Lucia enquanto que as demais ficam sem comprehender).

FINAL DO SEGUNDO ACTO — PANNO

### Terceiro acto

Scenario: — O mesmo do Primeiro Acto

SCENA I

#### Roberto, Lucia e as religiosas

(Ao levantar o panno, Lucia, no sofá conversa baixo, com as religiosas. Roberto ao F., fala com Luiza).

ROBERTO

(descendo, ao lado de Luiza)... e quando alguém perguntar por mim, dirás que já sahi. (pausa) Não estou em casa para ninguem!...

LUIZA

Isso não é possível! Ainda hoje devem vir as autoridades policiaes, afim de tomar informações sobre o incendio da Capellinha...

ROBERTO

Não, não vem. O incendio foi declarado casual...

LUIZA

Está tudo terminado!

ROBERTO

Tudo. Um inquerito virá dar margem a que se ventillassem questões intimas, que aqui têm surgido... E' preciso não esquecer as recommendações de meu pae:—nada de escandalo! (voltando-se para as religiosas) Estou ás suas ordens, "mere" Francisca! (á Luiza) Bem. Vae.

LUIZA

(sahindo) Não estás, então, para ninguem?

ROBERTO

Para ninguem! (Luiza sae).

SCENA II

#### Roberto, Lucia e as religiosas

"MERE" FRANCISCA

(erguendo-se) Lucia irá para um asylo, senhor Roberto.

ROBERTO

Para um asylo?

"MERE" FRANCISCA

Sim. Julgamol-o conveniente e convencemol-a disto.

ROBERTO

(reprimindo sua contrariedade) Bem... se ella o consente...

LUCIA

E' esse o meu desejo.

ROBERTO

(a "mere" Francisca) Está direito, "mere". Comcordo tambem (Roberto sobe visivelmente contrfeito. As religiosas acercam-se de Lucia, que se ergue no sofá e vae caminhar)

LUCIA

(entre as religiosas) E quando devo partir?

AS RELIGIOSAS

Hoje mesmo, se quizeres.

LUCIA

Não!... Não!...

"MERE" FRANCISCA

E por que?

# Ilustração Brasileira

LUCIA

Necessito, antes de tudo, beijar meu filho! (*destacando-se do grupo e, intencionalmente, encarándo Roberto*) Sim o meu filho! (*Roberto sorri, ironicamente, a brincar com os botões de seu casaco*)

AS RELIGIOSAS

(*interzindo, conciliadoras*) Lucia! Então!

LUCIA

(*a Roberto, depois de algum silencio*) Não m'o permitirás?

ROBERTO

(*com displicencia*) Talvez...

LUCIA

"Talvez", não; tens de permitir... O Nelsinho é tanto teu filho, como é meu também! Criei-o, desde os seus oito mezes, e, para todos effeitos, sou e continuarei a ser sua mãe. Não achas?

ROBERTO

Para que revolver cinzas já mortas? Esquece essa creança! Cavaste, com as tuas proprias mãos, esse abysmo, que nos aparta na vida... Basta!... Separemo-nos, agora!... Separemo-nos, mas, como almas infelizes, que já não entendem, que já se não attrahem, (*brando*) Vae, Lucia vae! (*silencio demorado*) O Nelsinho tem uma grande affeição por ti! Eu o reconheço... Mas é exactamente por isso, que deves poupar a essa creança a angustia de uma despedida dolorosa! Vaes para um asylo? E' como se fosse para um tumulto! (*energico e doloroso*) Para um tumulto!...

LUCIA

(*com grande lucta interior*) Roberto!... Roberto! Queres o impossivel! Como pretendes que abandone tua casa, sem levar um adeus de Nelsinho? Não... não... Roberto! — Eu t'o peço, eu t'o supplico: — deixa-me vel-o! Quero ainda, num ultimo impulso de vida, lhe apertar a cabeça de encontro ao meu seio, beijar-lhe a boquinha perfumada, contemplar-me nas suas retinas!... Quero ainda ouvir a sua voz, sentir a sua respiração, o perfume da sua carne!... Roberto, consente! E' a ultima supplica que te faço...

ROBERTO

(*após algumas relutancias*) Bem, consinto!

LUCIA

(*jogando-se num impulso irresistivel, para elle*) Roberto!... Roberto!...

ROBERTO

(*sem forças para repellir-a*) Lucia!... Lucia!... (*Os dois, depois de rapidos momentos de angustia, ficam: — elle de braços pendentes, olhar baixo, desviado para um lado; ella, fitando-o, com enleio amoroso, olhos marejados de lagrimas, por sobre os braços. As religiosas, commovidas, desmolaçam-na, suavemente, de Roberto e conduzem-na para o interior*).

LUCIA

(*com sentimento*) Obrigada, Roberto (*caminhando entre as religiosas e voltando a cabeça para Roberto*) Obrigada!...

ROBERTO

(*quando Lucia tem desaparecido*) Coitada!

## SCENA III

### Roberto e Rogerio

(*Roberto, quando fica só, detem-se, deante do retrato de Helena, e, como que estabelecendo um parallelo entre a primeira e a segunda mulher, movimentando a cabeça do retrato á posita em que Lucia sahira e vice-versa. Depois, approximando-se mais da parede, descobre, no quadro, um corpo extranho — o corpo de uma traça. Tira do bolso interior do casaco o seu lenço branco e o agita, sobre o quadro procurando tirar-lhe a traça nelle existente*).

ROGERIO

(*entra e vê Roberto limpando o quadro; detem-se surpreso*) Roberto! Que estás fazendo?

ROBERTO

(*voltando-se*) Ah!... Bom dia, papae!

ROGERIO

Que estás fazendo?

ROBERTO

Cuidava da limpeza do quadro. As traças, sempre destruidoras, vão-se entranhando pelas fendas da madeira e, se não se toma cautela, dão-lhe cabo da moldura...

ROGERIO

(*com intensão*) Então, Luiza já não venera a memoria da irmã...

ROBERTO

Uma pequena distracção, papae!... Isso é natural! E' natural!...

ROGERIO

(*indo sentar-se*) Afinal, como correm, agora, as cousas?

ROBERTO

No mesmo pé. (*pausa*) Quer saber? A Lucia vae entrar para um asylo!

ROGERIO

Para um asylo?

ROBERTO

E' verdade! E despedir-se-á de Nelsinho. Já dei permissão...

ROGERIO

(*depois de pequena reflexão*) Eis ahi uma resolução com que não concordo, absolutamente.

ROBERTO

E por que?

ROGERIO

A' medida que os dias passam, vou adquirindo uma convicção mais forte em torno dos protestos de Lucia. Não sei... Não sei... Mas, agora mais do que nunca, seria capaz de jurar em como tua esposa não é culpada...

ROBERTO

O senhor terá razão... Eu é que não posso ter mais paciencia... Não sei esperar! Lucia não se decide falar... Que quer que faça? O melhor será a sua reclusão num asylo. Alli estará livre e, se fôr effectivamente, uma innocente, o silencio do claustro demovel-a do proposito em que se mantem de só tudo negar.

ROGERIO

Não sei, Roberto, não sei... Mas, se me coubesse resolver esse caso, eu não a deixaria sahir: Demais, os peores instantes já se foram. Tu já te deves ter habituado com essa incerteza...

ROBERTO

(*com voz estrangulada*) Não, meu pae; ainda não me habituei!

ROGERIO

E' possivel. Entretanto, deves ter bastante discernimento para comprehender as cousas: — militam em favor de Lucia muitas circumstancias!

ROBERTO

Como assim?

ROGERIO

Consulta os antecedentes de todas essas luctas, em que te vaes emmaranhando! Consulta!... Has de convir em como suas palavras, ás vezes, infundem pavor... (*Roberto toma attitudo de grande surpresa*) E' o que te digo! (*pausa*) Vem cá, meu filho! Dize-me: — por que é que o teu cunhado incendiou a capelinha (*gesto de Roberto*) Espera! Espera!... Não me interrompas! Queres que te diga por que?... Porque tua esposa, nos instantes de de maior exaltação, declarava que ali estavam as provas de sua innocencia! (*repetindo, a destacar as syllabas*) As provas de sua innocencia!...

ROBERTO

De facto, Lucia sempre appellou para isso. Certa vez, comtudo, entrando eu no oratorio, para descobrir o que fosse o seu segredo, ella seguiu-me, proctrou oppôr-se aos meus intuitos e, por fim, desatando em pranto, agarrou-se á imagem da Virgem... (*pausa*) Se ali existissem essas provas, de certo que Lucia, ao demais ameaçada por mim, ter-m'as-ia mostrado... E eu nada encontrarei!

ROGERIO

Assim devia ser. Mas, quem poderá conhecer o valor do seu segredo?

ROBERTO

Acha que Lucia tem mesmo um segredo?

ROGERIO

E' evidente!

ROBERTO

Penso de modo contrario.

ROGERIO

A circumstancia de não querer confessar a sua falta, quando a nega, evidencia um segredo.

ROBERTO

Oh! Ella já o confessou!

ROGERIO

Lucia? E quando?

ROBERTO

Hontem.

ROGERIO

Ah!?

ROBERTO

A mim, de certo! Confessou-me que tivera mesmo, um amante, cujo nome não declararia...

ROGERIO

E' incrivel! E como me occultas tudo isso!

ROBERTO

Ora!... Lucia insinuava que era innocente, ao passo que Helena deveria ser culpada. Repelli o insulto. Ella como que se arrependeu, por que de resto, não tinha provas para convencer-me disto e, afinal num momento de desespero, resolveu falar. E falou!...

ROGERIO

Mas é inaudito! Tens certeza de que ella não mentia, Roberto?

ROBERTO

Naturalmente. Detalhou-me tudo, tudo!...

ROGERIO

(*erguendo-se para sahir*) Bem, Roberto, deante do que dizes, fico com argumentos para defender tua esposa. (*com sentimento*) Oh!... Mas... seriamente... é incrivel!... (*resoluto*) Roberto, agora, quer queiramos, quer não queiramos, está tudo terminado: — deixa-a entrar para o asylo! (*concludente*) Não conheço solução melhor para o teu caso, (*pausa*) E' lamentavel. Roberto, lamentavel tudo isso. Mas, tambem, que se ha-de fazer? Resguarda teu espirito contra os males dessa especie e prosiga na tua vida!...

ROBERTO

Mas, ouve, papae: — e o Nelsinho?

ROGERIO

Que tem o Nelsinho?

ROBERTO

Devo mandar buscal-o á casa do Grêdes?

ROGERIO

De certo. Quando tiveres regularisado tua vida, manda-o buscar! Luiza cuidará d'elle. Demais, o teu filho já está na idade de entrar para o collegio...

ROBERTO

A Lucia quer despedir-se d'elle!

ROGERIO

Sim, é rasoavel; tem esse direito...

ROBERTO

Vou mandar buscal-o.

ROGERIO

Não é preciso; eu mesmo irei...

ROBERTO

O senhor?

ROGERIO

(*sahindo*) E então? Pensas que eu não sei conduzir creança? Ora, essa é boa!... (*sae*).

SCENA IV

Lucia, Roberto e as religiosas

(Lucia entra, acompanhada pelas religiosas. Veste negro manteau. Sua physionomia medeia entre o triste e o alegre).

LUCIA

(entrando) venho despedir-me de ti!

ROBERTO

(approximando-se-lhe, com voz estrangulada.) Obrigado!... (as religiosas tomam a direcção do jardim e saem).

LUCIA

Nunca mais nos veremos, Roberto!... Nunca mais!...

ROBERTO

(reprimindo, a custo, a emoção) Nunca mais!... (afasta-se).

LUCIA

(depois de algum silencio) Meu logar nesta casa ficará vazio, Roberto?

ROGERIO

E' de esperar...

LUCIA

Conserva-o sempre assim!... Conserva-o!...

ROGERIO

Lucia, demos por terminado o nosso romance!...

LUCIA

O meu romance está terminado. Irei expiar a minha culpa no silencio de um claustro. Morrerei ali mesmo. Mas tu, Roberto, tu que, por minha causa, tanto te definhaste; tu, Roberto tens direito á felicidade...

ROBERTO

Já estou conformado!

LUCIA

Conformado!... Como se fosse possível!...

ROBERTO

Que fazer?

LUCIA

A vida é um episodio no mundo: — passa com o tempo! Tudo é precario sobre a terra. A consciencia humana é fragil como as teias de aranha. Nem vale a ninguém o encargo de sementeiro de luctas...

ROBERTO

Encerremos aqui o cyclo de uma historia dolorosa...

LUCIA

Encerremos.

ROBERTO

Está posto o ponto final.

LUCIA

O ponto final? Não, Roberto, não. Tenho ainda tres pedidos a fazer-te!

ROBERTO

Tres pedidos? (fita-a) Diga-m'os, então!

LUCIA

Promette attender-me?

ROBERTO

E' possível.

LUCIA

Quero plena certeza!

ROBERTO

(depois de hesitar) Pois bem, attendo!

LUCIA

Adoro o retrato de tua primeira mulher! Adoro-o, Roberto! Sobretudo, é a mãe de Nelsinho! Fiz-me merecedora do teu despreso, dos teus insultos, da tua colera!... Ella, porém, coitada! — sempre foi virtuosa!... A Helena foi a minha grande amiga!

(Uma emoção irrefreavel domina os dois — Roberto sobe e vae postar-se ao F., amparando-se num mozel. Seus olhos vertem lagrimas. Lucia tem soluços pronunciados).

ROBERTO

(de cima) Lucia! (ella, que está de costas, volta-lhe, docemente, a cabeça) O teu segundo pedido!

LUCIA

(movendo-se) Não merecerei o teu perdão, nem o imploro! Mas, Roberto, supplico-te, quando o Nelsinho tornar-se homem, quando o Nelsinho tiver discernimento para julgar os factos humanos; quando, enfim, o meu filho crescer e lembrar-se de mim — oh! Roberto, de joelhos t'o peço! — t'o peço, Roberto, não enxotes de seus ouvidos as syllabas de meu nome! Tenho direito de ser amada por elle!... Tem pena de mim, Roberto! Presa de uma existencia ingloria, sem teu arrimo, abandonada á sorte, pobre, enfermiça, submettida a um despreso doloroso, expulsa da sociedade como as cadellas, apostrophada como as "messalinas", eu, Roberto, tenho nos olhos do meu filho o pharol esperançoso dos naufragos da vida! Ama-o, Roberto!... Ama-o! No altar dos meus soffrimentos, rezarei por elle e por ti; por elle, que ficará sendo o teu unico affecto sobre a terra; por ti, Roberto, que ainda és razão de ser de minha vida! (Lucia pretende abraçar Roberto, que se desvia, arastando-se) Como deves soffrer, Roberto!... (ha um silencio prolongado; Lucia, abafa os soluços).

ROBERTO

(voltando-se) Lucia, por favor, não me fales mais, no passado! Tua exaltação commove-me!...

LUCIA

Ainda um pedido, Roberto!...

ROBERTO

Ora!...

LUCIA

Não m'o attenderás?

ROBERTO

(approximando-se-lhe) Que mais queres?

LUCIA

Quero levar para o meu claustro a Imagem de Maria!

ROBERTO

E' só? Pois, leve-a!

LUCIA

Obrigada!

(Roberto move-se, impac'ente, pela scena, até que, quando chega ao F., se detem surpreso) — O filho apparece-lhe, vindo do jardim, com o creado).

SCENA V

Roberto, Lucia, Nelsinho, José, Rogerio, Juvencio, as religiosas e Luiza

ROBERTO

(gritando) Meu filho! (corre ao encontro da criança. Ergue-o ao collo) Meu filho!

LUCIA

(gritando tambem) Meu filho! (abraça a criança) Meu filho! (Roberto abandona a criança nos braços de Lucia e afasta-se).

NELSINHO

Papae!... Mamãe!... (entra Rogerio e Juvencio).

ROGERIO

(entrando e dirigindo-se a Roberto) Quanta alegria!

JUVENCIO

E' verdade: — quanta alegria!

ROBERTO

(a José) Elle já almoçou?

JOSÉ

Já, sim, senhor!

ROBERTO

(gritando para o interior, á D. B.) Luiza: Luiza!...

LUIZA

(dentro) Que é?

ROBERTO

Vem cá!

LUIZA

(apparecendo) Chamou-me? (vendo o menino, que está ao lado de Lucia) Oh!... o Nelsinho O Nelsinho!... (beija-o e faz-lhe festas) Como estás?

NELSINHO

Estou bom!

ROBERTO

Leve-o, Luiza!

LUCIA

(protestando) Deixa-o ficar, Roberto!

ROBERTO

Para que? Luiza cuidará d'elle!

LUCIA

Ao menos, Roberto, espera que eu deixe a tua casa!

ROBERTO

Ora!... (segura o menino pela mão e vae, como Luiza, que o tem pela outra, para o interior, José carregando a bengala e o bonet do pequeno, acompanhando-os) Vamos passeiar, meu filho! (saem).

SCENA VI

Lucia, Rogerio, Juvencio e as religiosas

(Quando Roberto sae, entram as religiosas, que se approximam de Lucia, que se deixara cahir acobruhada no sofá. Juvencio e Rogerio que palestravam á D. A., vão unir-se á Lucia).

"MERE" FRANCISCA

Que ha?

ROGERIO

(muito interessante) Ficaste triste?

JUVENCIO

Oh!... Deixa-te disso!

"MERE" FRANCISCA

Então, Lucia?

LUCIA

(a Rogerio) Viu? Quanta injustiça!

ROGERIO

Tem paciencia!

LUCIA

Paciencia! Mas como quer que tenha paciencia, se é o proprio Roberto quem me aguilhoa (levanta-se entre as religiosas).

ROGERIO

Vaes sempre para um asylo?

JUVENCIO

Para um asylo Oh!...

LUCIA

Vou para o Bom Pastor. Estas santas creaturas querem salvar-me á viva força!

AS RELIGIOSAS

Pelo amor de Deus, Lucia!

ROGERIO

E quando pretendes ir?

LUCIA

Daqui a duas horas.

ROGERIO

Já, assim?

JUVENCIO

Oh!... Mas, é inaudito! E' inaudito!

LUCIA

Nada tenho que esperar.

ROGERIO

(pesaroso) Sabes, Lucia? Apesar de tudo, affigura-se-me um crime o atrophamento da tua mocidade. Pensa bem no que vaes fazer, Lucia! Tu não tens grandes queixas de Roberto...

LUCIA

É o seu desprezo? Oh! o seu desprezo! Preferiria, mil vezes, os seus maus tratos. Preferiria que elle tivesse commigo impetos de leão, brutalidades de tigre!... Oh!... mas o desprezo!... o desprezo!... Não, não me conformo!

(As religiosas que durante esse dialogo, têm estado ao F., a palestrar com Juvenio, entreolham-se com movimento de compaixão e, vagorosamente, retiram-se para o jardim).

ROGERIO

Estás muito nervosa. Socega, minha filha! Roberto não te deseja nenhum mal. Lamenta a tua situação. Mas que queres? A sociedade é implacavel! Tu o enganaste! (Lucia estremece) Tu, minha filha, o exvergonhaste aos olhos de todos!

LUCIA

(agarrando-se, nervosa, ás mãos de Rogerio) Papaesinho!... (já fazer uma revelação, mas arrepende-se) Eu...

ROGERIO

Dize-o, Lucia! Dize-o!...

LUCIA

Não... Não digo.

ROGERIO

Lucia, fala! Tens alguma coisa a dizer-me?

LUCIA

Não; nada mais tenho a dizer.

ROGERIO

(diz um segredo nos ouvidos de Juvenio) Por tres minutos, apenas!

JUVENIO

(sahindo) Está bem!... Está bem!... (sac).

## SCENA VII

### Rogério e Lucia

Estamos sós minha filha. Desabafa-te!

LUCIA

Nada mais tenho a dizer.

ROGERIO

Não... Não é possível. Tu não és com certeza, essa criminosa impudente, que se vai revelando em torno do casamento de Roberto. Ah, ha, por força, um dedo satânico.

LUCIA

Acredita-o papaesinho?

ROGERIO

Juro-o!

LUCIA

Oh!... (com gratidão) Como é bondoso!... (com a voz opprimida) Engana-se (com esforço) Sou uma culpada!

ROGERIO

E como tens protestado innocencia?

LUCIA

(com esforço) Supuz que me salvasse...

ROGERIO

Isso não é possível! Tu és sufficientemente boa para ser uma ingrata!

LUCIA

Ah!... Isso não! Ingrata, eu Oh! papaesinho, acredita-o, piamente: — não sou!

ROGERIO

Bem sei. E como, pois, admitir a hypothese de teu adulterio? Elle importaria numa inconcebivel ingratação para com teu marido. Porque, afinal, o teu casamento foi o resultado de uma extrema sensibilidade de coração...

LUCIA

(altiva) Julga que o não mereci?

ROGERIO

Não digo isso. A verdade, entretanto, é que Roberto, nesse caso, tanto poderia chegar ao extremo a que chegou, como... (vacillante) como...

LUCIA

(atalhando-o) Ao concubinato, quer dizer. Engana-se, senhor meu sogro! Engana-se! Affirmo-lhe que o ouro de Roberto nunca me seduziria. E, entre nós, alguém houve que se mostrasse sensível á des-

ditada do outro, esse alguém — pôde crer — fui eu! — (gesto de Rogerio) Sim... sim... fui eu! Roberto não me dispensava qualquer attenção! Amei-o, porque, nos instantes de sua afflicção, quando se sentia opprimido pelo peso de intoleravel viuvez, vinha beijar as minhas mãos, rojar-se aos meus pés, tropego á submissão, para mendigar um pouco de meu carinho! (com mais enthusiasmo) Sim um pouco de meu carinho! E eu amei, então, vendida por essa sensibilidade a que o senhor se referiu, alheando-me a todo e qualquer interesse (move-se) Creia que se, entre nós, alguém ha que se possa considerar prejudicado, sou eu!

ROGERIO

Lucia, extranho-te! Para onde mandaste a tua docilidade? E eu que ainda te julgava uma victima das circunstancias!

LUCIA

E já não me considera assim?

ROGERIO

Deante do que me dizes...

LUCIA

E que lhe disse eu? Procurei erguer-me, quando o senhor humilhava-me!

ROGERIO

Apraz-te a entrada para o asylo, entra!

LUCIA

E que importará a mim este sacrificio. Talvez com elle Roberto seja feliz!

ROGERIO

Feliz!... (pausa).

LUCIA

Sabe que não receberei visitas no Bom Pastor?

ROGERIO

Nem a de teu filho?

LUCIA

Nem a delle. Quero precisamente esquecer-o!

ROGERIO

Mas isso é um suicidio, Lucia!

LUCIA

Como assim?

ROGERIO

Que te queiras separar de te marido, — vá lá! Mas, que procures esquecer o Nelsinho que te adora, que te venera, como se fosses em realidade a sua propria mãe, oh!... Lucia, isso!...

LUCIA

A vida é-me, agora, insupportavel. Em minha situação qualquer mulher correria ao veneno! Mas, o suicidio é uma afronta ás leis divinas...

ROGERIO

Não comprehendo como pudeste praticar um crime dessa ordem! Estavas doida com certeza! Não acho outra explicação para o teu caso. Com effeito, se te fizeste amante de outro homem é porque o amaste. E, se assim foi, como explicar, agora, que venhas esquecer-o tambem? Qual, Lucia, a tua historia está ainda muito mal contada! Tu não és, tu não podes ser uma culpada!

LUCIA

Sou!... Sou!...

ROGERIO

Então, não amavas Roberto! (olhando-a fixamente).

LUCIA

(num impulso irreprimivel) E amo-o. Roberto é a unica razão de ser de minha vida! Amo-o com todas as forças do meu peito! Sim amo-o! A vigilia que me consome a existencia, deixando-me o cerebro a escaldar em pensamentos lugubres; — a vigilia aviva-me na memoria a imagem de Roberto, que nunca mais sahirá de minhas retinas — Oh!... amo-o muito... muito!... (debruça-se a uma cadeira) Roberto! Meu adorado Roberto!... (chora).

ROGERIO

(carinhoso) Socega, Lucia, socega!

(Surge Roberto á D. B. Grande silencio — Roberto fica immovel, a dois passos da porta. Os soluços de Lucia, agora mais impetuosos, dominam tudo. Rogerio avista Roberto e delle se aproxima).

## SCENA VIII

### Roberto, Rogerio e Lucia

ROBERTO

Que succedeu?

ROGERIO

Uma crise de nervos!

ROBERTO

(quasi meigo) Lucia!

LUCIA

(erguendo a cabeça) Ah!...

ROBERTO

Sentes-te mal?

LUCIA

(muito forçado) Estou boa... Já estou boa... Lucia levanta-se. Cria-se uma situação inédita: todos como que se arrependem e se querem).

ROGERIO

(os dois viram-se para Rogerio) Façam as pazes! Vamos, meus filhos!... Vamos!...

ROBERTO

(fingindo) Meu pae!...

LUCIA

(fingindo) Papaesinho!...

ROGERIO

Vocês se amam!

LUCIA E ROBERTO

Oh!...

ROBERTO

Não convém hesitar (a Lucia) Tu estás innocente, minha filha! Estás (a Roberto) Abraça tua esposa! Vamos, Roberto, abraça-a!... E' preciso coragem para enfrentar a vida. Vamos, Roberto, coragem!

ROBERTO

Não sei mais o que deva fazer!...

ROGERIO

Perdôa tua esposa!

LUCIA

A mim?

ROBERTO

(hesitante) Sim papae... Eu...

ROGERIO

Vamos, Roberto!

ROBERTO

(num impeto, atirando-se aos braços do pae, com movidissimo) Estás perdoada!

ROGERIO

(alegre) Bravo, meu filho!

(Rogerio apressa-se a unir os conjuges. Quando, porém, a mão de Roberto é levada a apertar a sua, Lucia, que até então conservava attitude serena, exaspera-se e foge).

LUCIA

(fugindo) Não!

ROBERTO

(ferido no seu amor proprio) Lucia!

ROGERIO

Então?

LUCIA

(guardando distancia) Não quero aceitar esse perdão!... O crime de que me accusam, inspira-me asco! Amas-me, Roberto!... E eu tambem te amo, e muito! Oh!... muito! Mas, não posso, não devo aceitar essa generosidade: — ella importaria na tua propria degradação!

ROGERIO

(com suspiro profundo) E' justo. Ella não pôde aceitar o teu perdão. Deves reconhecer a sua innocencia!

ROBERTO

(após rapida indecisão) Partes hoje mesmo, Lucia? (Rogerio, desolado, sobe, alçando as espaldas).

LUCIA

Já. Manda que me entregue a Imagem de Maria.

ROBERTO

(inda á D. B. e gritando) Luiza!... Luiza!...

LUIZA

(dentro) Que é?

ROBERTO

Vem cá!

(Termina no fim do numero).



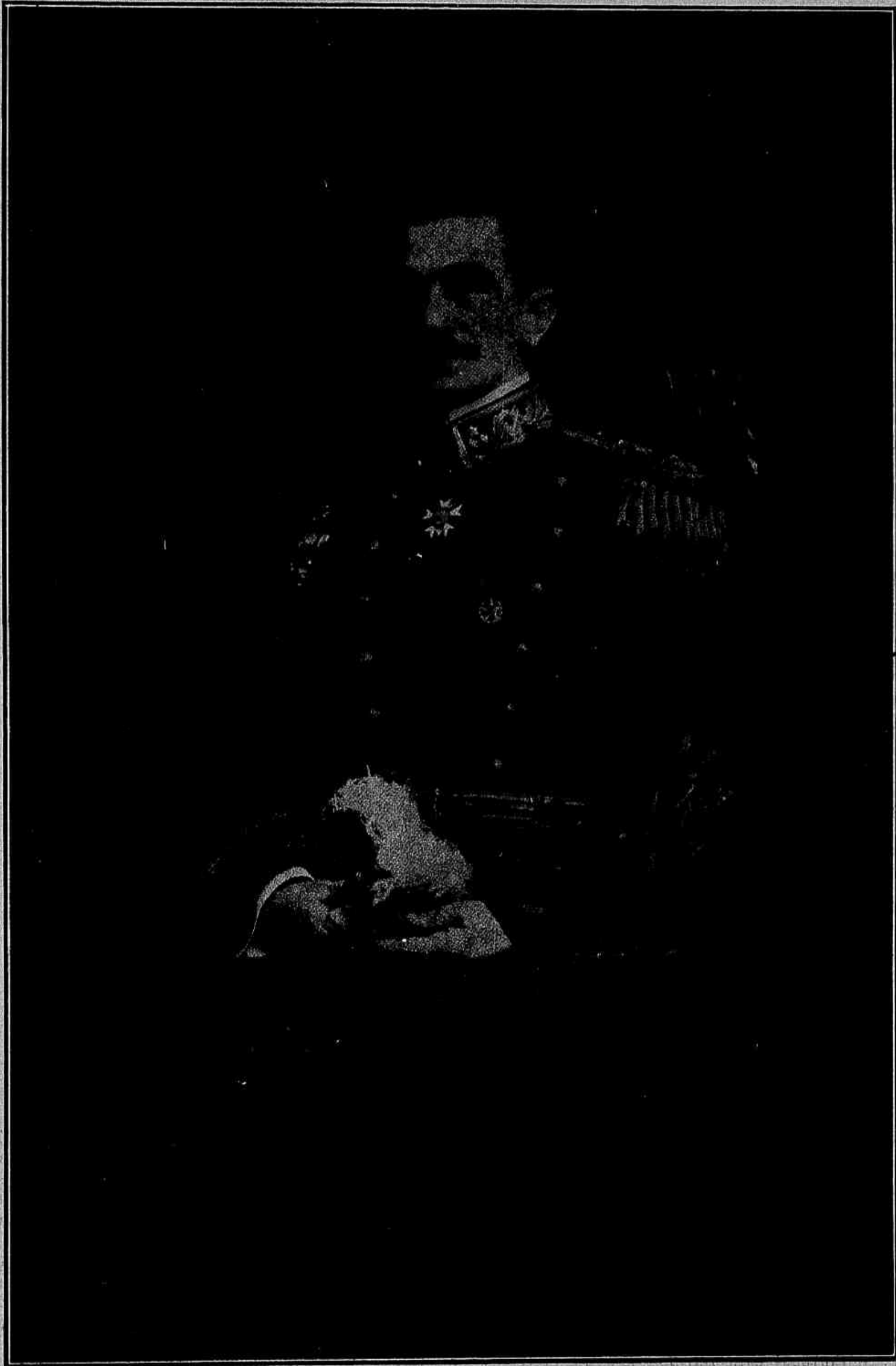
"TOCANDO DEBUSSY"

(Galeria da Sociedade Propagadora das Bellas Artes)

Carlos Oswald

# No Supremo Tribunal Militar

Por decreto de 26 de Agosto deste anno, o governo nomeou o Sr. Vice-Almirante Graduado Francisco de Barros Barreto, Ministro do Supremo Tribunal Militar. O novo Ministro matriculou-se no Collegio Naval em Abril de 1881 com o n. 53, penultimo da turma e teve praça de Aspirante na Escola Naval em Março de 1884 com o n. 4 da turma. Foi promovido a Guarda Marinha em 8 de Novembro de 1887, sendo o n. 2 da turma, tendo sido distinguido com o premio "Barão de Iguatemy". Fez viagens de instrucção em 1883 como alumno naval no V. de Guerra "Purus", em 1884, 1885, 1886, como aspirante na Corveta "Nichteroy", em 1887 como Guarda Marinha na Corveta "Nichteroy", passando depois para o C. "Guana-bara" onde fez viagem de instrucção para o Cabo de Boa-Esperança, Santa Helena, Ascensão, S. Vicente, Açores, Inglaterra e França. Foi promovido ao posto de 2º Tenente (actual 1º Tenente) em 9 de Dezembro de 1889, fez como official da C. "Guana-bara" a commissão aos Estados Unidos na Divisão commandada pelo Contra-Almirante Balthazar da Silveira. Foi elogiado por avisos de 17 de Janeiro de 1891 e n. 677, de 27 de Fevereiro do mesmo anno. Como 2º Tenente (actual 1º Tenente) serviu em diversos navios tendo desempenhado as funcções de immediato em viagens no aviso "Centaurus", patachos "Guararapes" e "Paquequer". Foi promovido a 1º Tenente (actual Cap. Tent.), em 6 de Maio de 1892; neste posto serviu como immediato em viagem no C. "Cabedello", V. "Madeira", V. Guerra "Santos" e C. "Parnahyba", durante a sublevação da parte da Marinha. Foi elogiado em ordem do dia n. 29, de 30 de Abril de 1894 do Commandante em Chefe da Esquadra em Operações de Guerra nas costas do Brasil ao Rio da Prata e seus afluentes. Foi promovido a Capitão-Tenente (actual Cap. de Corvt.) por serviços de Campanha em defesa da Republica em 9 de Agosto de 1894, contando antiguidade de 16 de Abril. A primeira commissão em terra desempenhou no posto de Cap. de Corveta como ajudante do Arsenal de Marinha de Pernambuco de Outubro de 1896 á 10 de Dezembro de 1897. A sua primeira viagem como commandante foi a vella no Patacho "Guararapes" de Pernambuco ao Rio de Janeiro com uma turma de aprendizes marinheiros em Março de 1899. Foi louvado em ordem do dia n. 53 de commando da 3ª Divisão Naval de Instrucção de 17 de Março de 1899. Foi louvado mui sinceramente em ordem do dia n. 4 de 30 de Maio de 1899 do Director da Escola Naval. Commandou a C. "Guarany" em commissão no Cunany. Foi elogiado em ordem do dia do Quartel General de Marinha n. 129, de 13 de Junho de 1901. Exerceu os cargos de 2º Commandante do corpo de infantaria de Marinha em Março de 1901, do corpo de Marinheiros Nacionaes em 1901 e 1904 e de commandante deste Corpo de 1906. Foi elogiado em ordem do dia do Commando Geral do Corpo de Marinheiros Nacionaes n. 287, de 17 de Dezembro de 1901. Foi louvado em ordem do dia n. 114, de 24 de Maio de 1905 do Quartel General da Marinha. Elogiado



Vice-Almirante Graduado Francisco de Barros Barreto

em ordem do dia n. 40, de 16 de Fevereiro de 1906 do Commando Geral do Corpo de Marinheiros Nacionaes. Exerceu o cargo de Capitão do Porto do Estado do Maranhão, em 22 de Janeiro de 1902 e de Commandante da Escola de Aprendizés Marinheiros. Esteve no Estado do Rio Grande do Norte como Capitão do Porto em Março de 1903. Commandou a Escola de Aprendizés Marinheiros de Pernambuco em Maio de 1906. Foi elogiado em ordem do dia do Estado Maior da Armada de 6 de Fevereiro de 1908. Serviu como immediato no navio Escola "Benjamin Constant", em 1909 em viagem para Montevidéo. Respondeu a Conselho de Guerra em Abril de 1910, apesar de não pronunciado em Conselho de Investigaçáo, foi absolvido unanimemente. Serviu como Capitão do Porto de Alagoas em 28 de Abril de 1910. Assumiu o commando do V. de Guerra "Freitas" em Manáos em 26 de Agosto de 1910. Exerceu o cargo de Capitão do Porto do Estado do Amazonas de 7 de Outubro de 1910 á 4 de Agosto de 1911, tendo entregue o commando do V. de Guerra "Freitas" ao Capitão de Corveta Costa Mendes por ordem do Sr. Vice-Almirante Ministro da Marinha. Ao deixar este cargo foi distinguido com a seguinte homenagem da Associação Commercial do Amazonas em officio 1401, de 3 de Agosto de 1911 assim se exprimiu: "Autorizado pela Directoria da Associação Commercial do Amazonas, que assim o resolveu por unanimidade de votos em sua ultima sessão ordinaria, cabe-me a honra de no seu nome e no da praça commercial de Manáos agradecer a V. Ex. os valiosos serviços que tem prestado a ambos no caracter de Capitão do Porto desta Capital, lamentando profundamente que um caso de força maior tem V. Ex. a retirar-se em breve para a Capital Federal. Desejando a V. Ex. uma optima viagem e hypothecando mais uma vez o nosso reconhecimento e em nome do aproposito do ensino para apresentar a V. Ex. os protestos da mais alta estima e da mais profunda consideração." Foi promovido a Capitão de Fragata em 10 de Maio de 1911; exerceu o cargo de immediato do encouraçado "Minas Geraes, em Outubro de 1911 e de Commandante de 4 de Janeiro de 1912 á 4 de Abril do mesmo anno. Foi louvado em aviso n. 1887, de 20 de Maio de 1912, que conformando-se com o parecer do Almirantado ordenou a transcripção do louvor constante da ordem do dia n. 8, de 4 de Abril de 1912 do Commando da Divisão de Encouraçados ("Artigo 1º — Deixando hoje o cargo de Commandante interino deste Encouraçado o Sr. Capitão de Fragata Francisco de Barros Barreto cumpre-me o grato dever de louval-o pelo desempenho correcto de suas funcções. O estado de asseio, ordem e disciplina deste navio é o attestado mais evidente da dedicação e de zelo com que se houve nesse encargo o meu digno auxiliar, que em tão poucos mezes deu as provas mais evidentes de sua competencia, de suas qualidades militares completas e de extraordinario

(Conclue no fim do numero)

# Piedade angelical

POESIA JARBAS LORETTI

Vós, suprema belleza e encanto da existencia,  
Que sorrides qual flôr ao clarão do luar,  
Bôa como a piedade em olhos de clemencia,  
Doce como o luzir da estrella sobre o mar;

Aceitae este preito humilde de um ausente,  
Que, apesar da distancia, estremece o Brasil,  
Através do seu mar rugidor e potente,  
Que, quando não conclama, atrae, manto de anil...

Vós sois esse pharol do vosso lar risonho,  
Que nos mostra Jesus nos momentos da dôr,  
Que nos aponta o céu, num esplendor de sonho,  
Quando a lagrima surge ao lado do estertor!

Sois a florea bondade, a ternura, a pureza,  
O que mais nos seduz na vida da mulher!  
Sois a fraqueza forte, o fulgor da turqueza,  
O aroma do jasmim que ás outras flôres quer!

Fulguraes pelo amôr, que, como as aves, trilla  
Nas manhãs outomnaes, quando o bom sol preluz!  
Sois a attracção do céu, que offerta e não alquila  
Os palacios da estrella, onde domina a luz!

Sois o beijo do sol na face moribunda!  
Sois o sopro do azul na noite da prisão!  
Sois o favo de mel da floresta profunda,  
Onde a seiva ciciza, occulta uma oração!

Bem como o vento areja os valles e semeia  
Pelos campos em flôr, num gesto de nutriz,  
Assim vós derramais o bem que aformoseia  
Os grandes corações do nosso bom paiz!

Senhora brasileira, espalhais pelo mundo  
A victoria maior, — a doçura do azul!  
Inspira-vos a luz do nosso céu profundo,  
E de lá vos celebra o Cruzeiro do Sul!

Sois a mão de Jesus sobre o triste da chaga!  
Sois a fé no futuro, o calor no viver!  
— Que recorda a mulher, quando sorrindo affaga?  
— Lembra a gloria do sol, sorrindo a todo o ser.

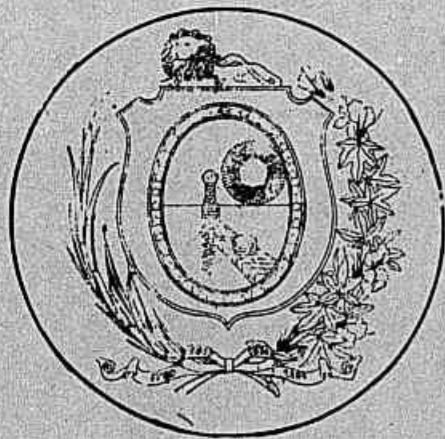
Que importa a raiva má com seus olhos de abysmo,  
Se muita orphan sem pão vosso nome bem diz?  
Deus escuta a creança e castiga o cynismo,  
Deus escuta a creança e pune as almas vis.

## Das Visões da Raça

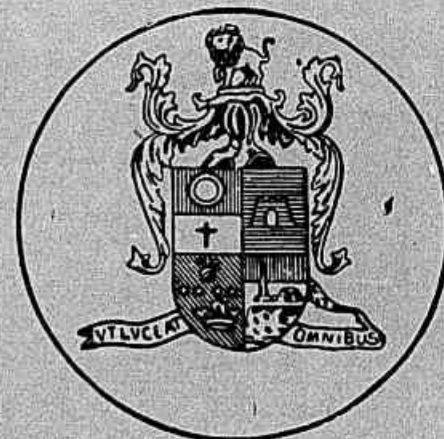
o o o o o

amor a sua classe. Assim louvo-o publicamente e o faço com grande satisfação convicto de que o brioso official que ora deixa esse pesadissimo encargo muito ainda fará em prol de sua classe, de que é um dos mais dignos e laboriosos officiaes. Foi nomeado commandante da Flotilha de Matto-Grosso em Assumpção do Paraguay em Abril de 1912. Foi elogiado em boletim do Almirantado n. 35, de 15 de Fevereiro de 1913 pelo esforço, dedicação e criterio administrativo demonstrados no commando da Flotilha de Matto-Grosso, que vem de deixar para commandar o navio escola "Benjamin Constant". Assumiu o commando do navio escola "Benjamin Constant" em 11 de Fevereiro de 1913, tendo feito uma viagem de instrucção com aspirantes e guardas-marinhas e de representação em Cuba, Estados-Unidos, Inglaterra, Hollanda, França e Portugal para retribuir a visita do Cruzador Cubano "Patria", commemorar a Independencia Norte-Americana, retribuir a visita do cruzador francez "Jeanné d'Arc" e guardas-marinhas francezes, cumprimentar o Presidente da Republica Francesa, commemorar a Republica Portuguesa. Do desempenho da commissão do navio escola "Benjamin Constant" foi pessoalmente felicitado pelo Ministro do Exterior Dr. Lauro Muller, declarando ter recebido das legações as melhores referencias. Por decreto de 3 de Setembro de 1913 foi-lhe concedida a medalha de ouro como reconhecimento dos bons serviços militares prestados durante mais de 30 annos. Foi promovido a Capitão de Mar e Guerra por Decreto de 12 de Novembro de 1913, commandou o E. "Floriano" tendo feito uma commissão.

Desempenhou o cargo de Capitão do Porto do Estado de S. Paulo, de Abril de 1915 á Junho de 1916. No cargo de Capitão do Porto do Estado de São Paulo o seu proceder fez com que as agencias de navegação solicitassem por telegramma a Administração Naval a sua permanencia na Capitania do Porto. Nomeado Vice-Inspector do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, em 14 de Junho de 1916. Por aviso de 23 de Agosto de 1916 foi nomeado para inspecção flotilha, navios e estabelecimentos navaes do Norte da Republica do Amazonas ao Espirito Santo e verificar a possibilidade da installação da E. AA. MM. de Pernambuco no Lazareto de Tamandaré. Assumiu o commando militar do vapor allemão "Roland", em 4 de Junho de 1917. Assumiu o cargo de Capitão do Porto da Bahia em 20 de Novembro de 1917. Foi promovido a Contra-Almirante em 20 de Dezembro de 1917. Nomeado Inspector de Fazenda e Fiscalização em 21 de Fevereiro de 1918. Nomeado em 27 de Junho de 1918 membro da junta de Justiça Militar junto a Divisão Naval em Operações de Guerra. Nomeado Inspector do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro em 11 de Fevereiro de 1919. Fez parte da commissão incumbida de elaborar um projecto de organização naval pelo aviso de 29 de Janeiro de 1920. Assumiu o Commando da Esquadra em 21 de Agosto de 1920. Convocado para o Supremo Tribunal Militar em 15 de Março de 1921, em 19 de Outubro de 1921 e em 11 de Março de 1922. Assumiu o cargo de Inspector de Portos e Costas em 25 de Novembro de 1922. Foi grãduado em Vice-Almirante em 3 de Janeiro de 1923.



# PERNAMBUCO DE HOJE



Dr. Annibal Fernandes, Secretario da Justiça e Instrução Publica



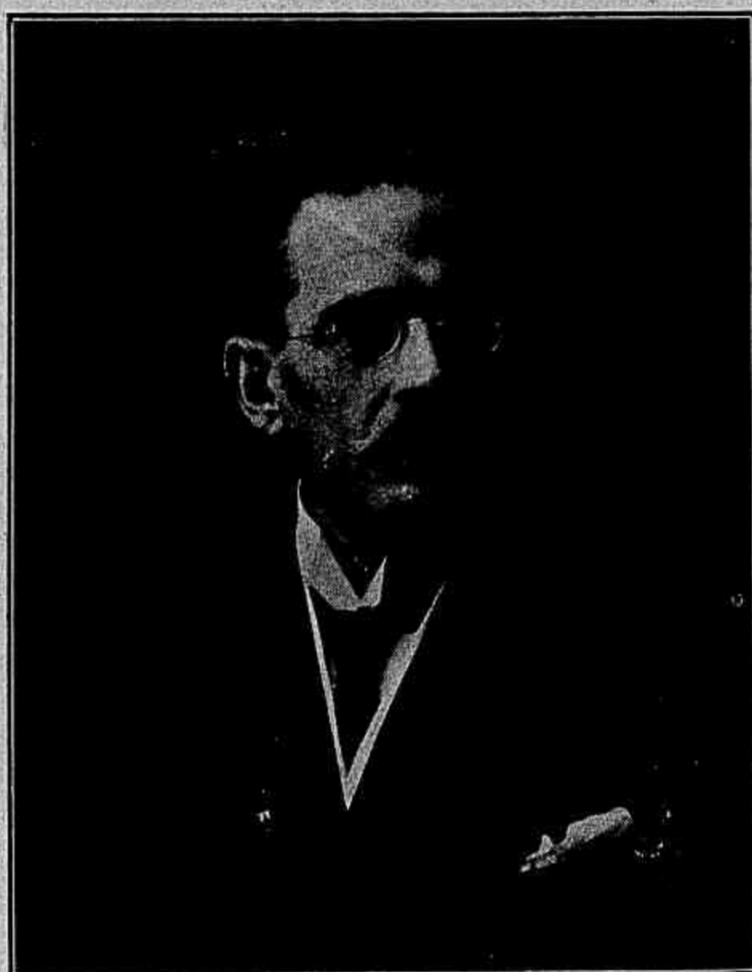
Dr. Antonio de Góes Cavalcanti, Prefeito da Capital



Dr. Samuel Hardman, Secretario da Agricultura Commercio e Industria



Dr. José de Góes Cavalcanti, Secretario da Fazenda



Dr. Sergio Loreto, governador do Estado



Desembargador Silva Rego, chefe de policia

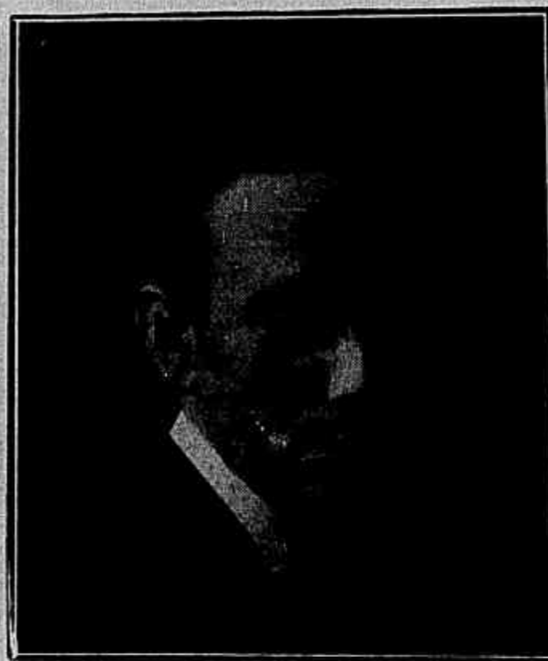
Póde-se afirmar, sem exaggero, que Pernambuco atravessa o periodo aureo da sua vida administrativa. Jámais se observou tanta actividade nos seus homens de governo, tanto desejo de acertar, e de dar ao povo pernambucano o que elle realmente merece. O benemerito governo de Pernambuco, commemorou no dia 18 deste mez o terceiro anniversario da sua fecunda administração. E', pois, uma data de jubilo para o grande Estado da Federação.



Dr. Odilon Souza Leão, Director do Departamento de Viação e Obras Publicas



Professor Dr. Sergio Loreto Filho, Director da Repartição de Publicações Officiaes



Dr. Coaracy de Medeiros, Official de Gabinete do Governador do Estado



Dr. Amaury de Medeiros, Director do Departamento de Saude e Assistencia

## Movimento Literário

**NO GALPÃO** — Contos Gauchescos —  
Darcy Azambuja.

**PAMPA** — Episódios Regionalistas — João  
Maia (da Academia de Letras do R. G.  
do Sul).

Não gosto, geralmente de literatura regional. São, em via de regra assumptos particulares que interessam quasi exclusivamente a uma determinada zona e que, encarados por extranhos perdem grande parte do interesse. Vêm, de mais a mais, a enorme massa dos termos de gíria que estabelecem uma especie de carnavalesca na phrase. São palavras muito conhecidas nossas que surgem mascaradas e que parecem querer trocar conosco. — Como quasi sempre nós não as reconhecemos, ficamos numa situação bastante embaraçosa.

Fujo, por isso, todas as vezes que posso, aos livros, dialectaes, como o viajante evita perder-se em zonas que desconhece.

Por força da profissão, entretanto, tive a incumbencia de ler agora, um volume de contos gaúchos, todo pontilhado do dialecto local. Confesso que tomei o livro com prevenção e pouco disposto a lê-lo até o fim.

Chamava-se **No Galpão** — contos gauchescos — e era assignado pelo Sr. Darcy Azambuja, nome completamente desconhecido para mim. Não havia, portanto, nada que o recommendasse á minha sympathia, antes, ao contrario, tinha o regionalismo contra si.

Logo na primeira pagina, porém, percebi que se tratava de escriptor authentico, intelligente (são tão raros os escriptores que escrevem com intelligencia!), com um feitio especial todo seu. E fui lendo mais, mais, cada vez mais admirado, até o final do volume.

Vejam si eu não tinha razão de continuar a ler um livro cuja primeira pagina começa assim:

“Recem anoitecera. Pelas cochillas corria o vento frio de Agosto. O fogo branco das estrellas pontilhava o céu todo negro, e o cruzeiro, luzindo muito, subia na sua viagem sem fim. Longe, acima dos cêrros escuros, a lua tinha apparecido. Na ponta da sanga, o açude espraíava a agua fina, onde scintillavam aqui e ali, brilhos furtivos, como de estrellas que tivessem cahido.”

Deante dessa paizagem nocturna que o Sr. Darcy Azambuja nos desvenda com tão poucas e suggestivas palavras, sem artificialismos verbaes, um estylo transparente e seguro, a leitura do livro se impoz como uma satisfação á minha curiosidade.

**No Galpão**, sobre ser livro de contos, é principalmente uma interessantissima collecção de estampas gauchas. Suas paginas são pedaços vivos e animados da zona fronteiriça, que o autor transporta admiravelmente para as nossas retinas.

O Sr. Darcy Azambuja é sobretudo, nesse livro, um pintor delicioso. Todos os recantos de paizagem mereceu de sua penna os carinhos e desvelos que são característicos dos pintores. Como elle sabe fazer realçar ao lado dos homens, que vivem em suas paginas, a vida obscura dos animaes, a vida latente das plantas, toda a vida palpitante das rechãs gauchas!

Tudo o que o circunda e está deante de seus olhos é objecto da mesma attenção e do mesmo interesse de sua penna-pincel. Não faz como certos escriptores que cuidam muito de suas personagens, esquecendo-se de crear um ambiente para ellas. Todas as personagens do Sr. Darcy Azambuja são typicamente gauchas e apparecem-nos inteiramente presas ao solo riograndense. **No Galpão** é uma galeria primorosa de telas do Rio Grande do Sul.

Não se póde, apesar do detalhe de todas as suas figuras, chamar ao Sr. Darcy Azambuja, um miniaturista, porque todos os quadros que pinta tem um caracter largo e empolgante, cheios da vastidão dos pampas.

E' delicioso de colorido e de vida quando nos mostra as figuras rudes dos carreteiros e **peões** plural gaúcho matteando e preibando o churrasco perfumado. As conversas caracteristicas, o grande amor sem macula que revelam pelos pagos sagrados, as correrias de contrabando, os **rodeios** e as marcações de gado, as pretensões ingenuas junto ás **chinas**, deliciosas, tudo isso evocado no congraçamento dos fagões por esses homens rudes matteando entre “pragas crespas” — sem estampar-se nitidamente deante de nossos olhos, tal é a força pinturesca do Sr. Darcy Azambuja.

Eis como pinta elle a figura do carreteiro:

“No mundo parece que só o carreteiro nunca tem pressa. Tudo, para elle, não precisa ir mais ligeiro que a carreta. Toda a sua vida repousa em habitos que se affeioaram ao passo lento dos bois. No matungo lerdo, ao lado da carreta preguiçosa, o carreteiro é por força vagaroso, tanto no gesto como na idéa. Destas não as tem mais que raios tem a roda, e, como elles, giram devagarzinho em torno de um eixo invisivel, custam a vir e quando veem, perdem-se na voz grossa e lenta e abortam no gesto relachado. Em cada baio que fecha gasta meia hora larga, descansada como as meias-leguas que a carreta faz.”

Este trecho não lembra por acaso as paginas de Monteiro Lobato?

O Sr. Darcy Azambuja possui uma curiosa fascinação em tudo que descreve. A propria gíria dos gaúchos que lembrando as trevas e outras hervas intrusas que se imiscuem nos canteiros de flores, reveste muitas vezes aspectos interessantissimos. E' de notar a grande influencia castelhana no dialecto rio-grandense. Os personagens do livro exclamam a cada passo:

- E' como **le** digo!
- **Bueno**, chega!
- Homem mui **buenacho**.
- La fresca **Hai** que ver!
- Já **lo** creio!
- **Buenas** tardes! Etc.

E' um pittoresco casamento do castelhana e do portuguez, uma especie de esperanto de fronteira.

O Sr. Darcy Azambuja que quer unicamente pintar quadros gaúchos, tem de usar as tintas locais, e, comquanto á primeira vista, essa palheta nos pareça prejudicial, os resultados são sempre magnificos e o autor apresenta-nos quadros de um colorido curiosissimo.

Quando quer empregar unicamente o vernaculo, sabe escrever poemas como este:

"Manhãs de bruma gelada, longos meios — dias cinzentos, tardes ensombrecidas e curtas — que imensos quadros tristes vae o inverno fazendo com o pincel do vento na tela errante dos nevoeiros..."

O ponto, forte do Sr. Darcy Azambuja, é ao meu ver, a paizagem. Na paizagem a sua força, requinta sente-se que elle tem carinhos especiaes para todos os detalhes, não se esquece de nada, usa as tintas mais variadas e características, entorna a luz com meiguice sobre as cousas, faz questão de colorir as azas de todos os passarinhos, perfuma as flores que se perdem no conjuncto, cuida das gottas de sereno que se aninharam na relva.

Encontro ás vezes, em suas paizagens uma certa influencia, isto é, um certo modo de escrever que lembra o estyio luminoso e crú de Eça de Queiroz. Veja-se por exemplo o trecho que se segue:

"Longe, pela estrada batida de sol, iam sumindo duas carretas, vencendo o ultimo refecho de quem vae á Boa Vista. Mais proxima, descendo ao passo do Sarandy reclinava outra, de cinco juntas, attestada de carga. No ar leve o chio agudo das rodas ecoava numa toada monotona, e as carretas, perdendo-se pela ondulação intermina das cochilhas, animavam de pittoresco a paizagem tranquilla, sob a claridade doce da tarde de Setembro."

E em outro capitulo:

"Fazia, o calor abafado de Março. No céu azul pallido estavam paradas grandes nuvens brancas. O capim, no campo, era ainda amarellado e palhento. Pelo dorso dos cupins que enchiam a baixada, corujas pousavam, quietas, de olhos arregalados pensando. Os cavallos dos trabalhadores, mettidos no banhado ate á barriga, pastavam a grama tenra, encaminhando-se para uma lagoasinha que mais em baixo, se espraçava, coberta de capim muito verde e liso, como um pedaço de vidro que tivesse cahido no campo."

Não são realmente duas paizagens de fazer inveja ao prof. Baptista da Costa?

Mas, o Sr. Darcy Azambuja não é unicamente paizagista. Tem uma grande firmeza e originalidade em todos os seus capitulos. Como é typica, por exemplo, completamente nova e extraordinariamente expressiva esta phrase:

— "E' dia de parar-se rodeio nas lembranças..."

Como se vê nitidamente o boiadeiro, escravo da profissão, reuniu no cerebro as lembranças e as saudades, comparando-as á boiada que elle reúne em dia de **parar rodeio**. E' uma das comparações rusticas mais perfeitas que conheço.

E esta outra:

"... tapéra — que é uma saudade perdida no campo."

São a côr local e a propriedade rigorosa das comparações, que constituem o grande segredo da arte do Sr. Darcy Azambuja.

E como apparecem expressões suggestivas no dialecto gaúcho!

A palavra **querencia**, por exemplo, significando **lugar de estadia habitual**, parece-me intraduzivel para o vernaculo. Forçosamente a sua rustica etymologia a faz descender do verbo **querer**. Na verdade, exprimir o lugar onde vivemos, o nosso lar, o nosso ambiente querido, por uma palavra que provindo de **querer** tem raizes, no coração — é tudo quanto pôde haver de mais doce e mais grato.

O livro do Sr. Darcy Azambuja merecia ainda estudo mais longo e demorado, mas a dolorosa exiguidade de espaço e de tempo obriga-me a encerrar estas linhas.

Faço questão, porém, de deixar patenteado que os contos **carreiros**, **Dia de chuva**, **Lagôa Morta**, **Emboscada** e **Velhos Tempos**, são trabalhos notaveis capazes de consagrar um escriptor.

○ ○ ○

Vejamos agora o volume de **episodios regionalistas** intitulado **Pampa**, do Sr. João Maia.

Na capa do livro o autor annuncia que pertence á Academia de Letras do Rio Grande do Sul.

Entre **Pampa**, que traz essa recommendação, e **No Galpão** do Sr. Darcy Azambuja, não trazia recommendação alguma, era natural esperar mais da obra do Sr. João Maia.

Tinha razão S. Thomé quando exigia **ver para crer**. Eu fui além, quiz ler para crer, e verifiquei que **Pampa** é em tudo inferior a **No Galpão**.

O Sr. João Maia escreve correctamente, num estylo simples em que procura ser jurista, e movimenta na sua obra as mesmas personagens vivendo nos mesmos scenarios do livro do Sr. Darcy Azambuja.

Não sou absolutamente adepto do parallelismo em literatura, acho-o mesmo as mais das vezes vexatorio. Mas, justamente neste caso de dois livros gaúchos, o parallelismo se impõe e se torna ainda mais doloroso, porque é a affirmação de que a Academia de Letras do Rio Grande do Sul soffre do mesmo mal que a Academia Brasileira.

**Cá e lá más fadas ha** e parece que as Academias de Letras de todo o Brasil raras vezes levam em conta o valor literario dos seus candidatos. Fazem sentar nas suas cathedras principalmente as figuras representativas do meio social, e a ultima das recommendações de um candidato é possuir bagagem literaria. A posição, o prestigio politico, e a fortuna são as condições primordiales.

Depois então que a Academia Brasileira se tornou Academia de Letras de Cambio o processo das eleições exige endossos fortissimos.

Não conheço absolutamente o Sr. João Maia e não sei si elle estará nos casos citados.

A leitura de **Pampa**, porém, deixa muito a desejar de seu autor. Seus contos são fracos, os assumptos que teriam realce si fossem tratados de um outra maneira, perdeu grande parte do interesse, o Sr. João Maia arrasta-os de mais, multiplica paginas sobre paginas, esmagando a qualidade com a quantidade. O conto **Amor de China** parece um film de Tom Mix e é fastidiosamente longo.

Não se pôde dizer de **Pampa** que seja um livro mau. E' perfeitamente accetavel, si bem que não possua nada de notorio. Pôde ser lido — si o leitor tiver tempo. Não aconselho entretanto, que o comprem — leiam-n'o si alguém o puder emprestar.

LUIS CARLOS JUNIOR.

# Moda que desaparece



Os cartões postais perderam a sua voga. Estão fóra de moda e no entanto fizeram furor!

Hoje achamol-os ridiculos, sem utilidade, porque, como todas as modas que passam, deixaram de nos interessar.

Os proprios *touristes* que, de todas as partes do globo, se serviam d'elles para assignalar a sua passagem pelas grandes capitães, pelos logares pittorescos e para marcar a sua visita a cathedraes, museus, monumentos e todas as curiosidades mundiaes, esses mesmos já quasi não os utilizam. A vertigem das velocidades que fez abandonar o trem pelo automovel e o automovel pelo avião, n'uma connexão da vida vertiginosa que vivemos, limitou o tempo ao viajante. Os panoramas desfilam, movimentam-se, mudam de aspectos com uma rapidez devoradora. A sua beleza já não é admirada de terra, serenamente, contemplativamente. E' do alto, do vasto azul, da immensa região dos condores, que o homem, n'um relance, embebe o olhar nas maravilhas da natureza.

As impressões são rapidas. O espirito não tem tempo para se concentrar, para evocar, para se commover. As impressões são recebidas como instantaneos de uma machina photographica.

Tempo para escolher e escrever bilhetes postaes? Não; pois se nem já o telegramma corresponde a essa febre de correr...

E o bilhete postal cahiu em desuso...

Até os colleccionadores que enchiam albuns e albuns, se desinteressaram.

Entretanto, esses albuns eram curiosissimos. Havia-os com colleções seleccionadas: uns, de coloridas paysagens de varios paizes e desses paizes com seus typos, usos e costumes; outros, de retratos de homens eminentes na politica, na sciencia, nas letras e nas artes; estes, de movimentadas ruas e praças, com a originalidade de suas construcções ou ainda com a imponencia architectonica de seus edificios; aquelles, de portos de desembarque, de golfos e praias pittorescas; e mais, de lindos panoramas, de imponentes vasos de guerra, de graciosas embarcações á vella, de monumentos notaveis, de quadros de pintores celebres, de scenas de fantasia, de animaes, de flores, de caricaturas.

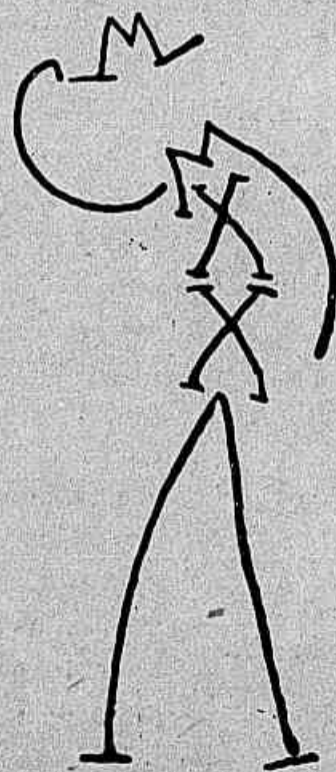
A arte no cartão postal teve um periodo de verdadeira gloria. Artistas de renome não desdenharam dedicar-lhe algumas parcelas do seu talento.



Cartão postal do tempo da guerra, de Raul Pedrosa

A origem do cartão postal é assás remota. Data do seculo XVIII e começou com os cartões de visita, nos quaes, além do nome, os artistas da epoca desenhavam ornatos, figurinhas allegorias, emblemas, brazões de armas, flôres e motivos guerreiros. Na França, principalmente, esses cartões tiveram, até meados do seculo passado, uma voga extraordinaria.

Toda a gente quiz distinguir-se e dos limites da elegancia, o cartão desceu ao campo



O cartão de boas entradas em 1925, de Raul Pedrneiras

das coisas praticas. Apareceram, primeiro, cartões rendados com corações e Cupidos para as declarações de amor, depois vieram os attributos profissionaes; instrumentos de

musica para os que a professavam ou ensinavam; martellos para os carpinteiros; esquadros e compassos para mestres de obras e marceneiros; ferraduras para o ferrador e assim por deante.

O mau gosto e a ganancia commercial que não queria pagar a artistas de merito para fazer essas illustrações, abastardaram o cartão de visita ornamentado.

O humorismo encarregou-se, então, de lhe dar o tiro de misericordia. A troça com que, escriptores e desenhistas, fulminaram a esses cartões de mau gosto, fêl-os cahir em desuso e, a breve trecho, desapareceram da circulação. A troça teve razão.

Em fins do seculo passado apareceram os primeiros cartões postaes, ostentando delicados desenhos symbolicos para cumprimentos de anno novo, festas de Paschoa, baptisados e casamentos. Depois vieram outros em flores coloridas, cabeças de creança e de mulher, animaes domesticos e pouco a pouco foi tomando a feição documental a que mais atraz se fizeram referencias e ganhou grande impulso artistico.

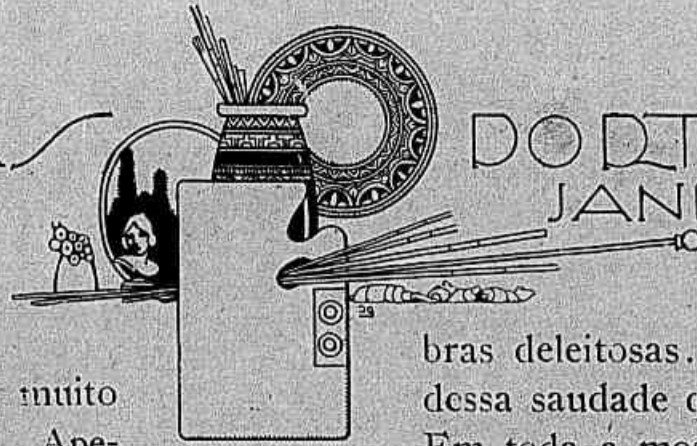
A satira, porém, que é contemporanea das primeiras civilizações e tem affirmado sempre atravez os tempos a independencia do espirito humano, no permanente exercicio do seu direito de critica, serviu-se do cartão postal para ferir com as suas setas penetrantes certos velhos proeminentes. Soberanos, altos dignitarios, magistrados, chefes de nação, politicos, militares graduados e artistas de pôlpa, tiveram sua omnipotencia, sua jactancia, sua vaidade, humilhadas pela violencia da satira. E' certo que nem todos tiveram animo de responder á mordacidade com as palavras de Tiberio, "n'um estado livre, a lingua e o espirito devem ser livres", mas a vingança não os livrou do ridiculo com que a satira os havia atirado á irrisão publica.

Por toda a parte o successo do cartão postal foi digno de nota e como acima se disse, os mais consagrados artistas contribuíram para o seu florescimento. Entre nós, houve tambem artistas, e dos melhores, que lhe dedicaram um pouco de sua arte, do seu espirito e da sua originalidade. N'esta pagina reproduzimos dois cartões postaes — que lhe vêm dar relevo e brilho, — um é de Raul Pedrneiras — o caricaturista *par excellence*, — outro é de um novo talento, Raul Pedrosa, pintor e autor dramatico; um faz-nos sorrir pela originalidade comica da idéa e do traço; o outro, faz-nos pensar no poder da ironia.

No mesmo ambiente, em que os grandes mestres portuguezes apresentavam as suas

# ARTISTA NO RIO DE

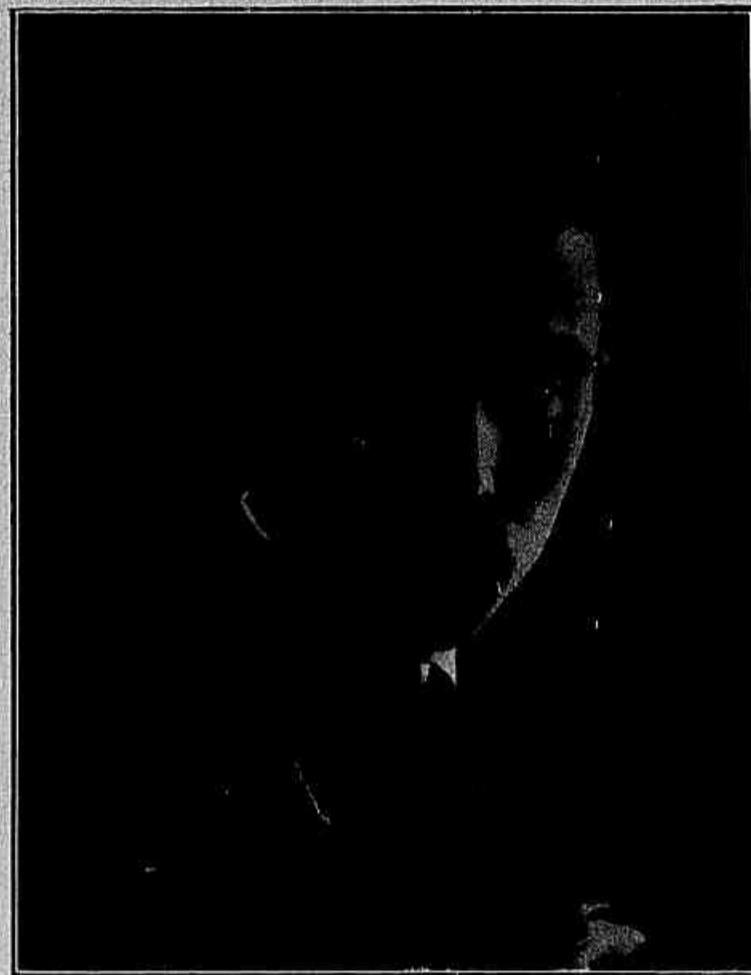
# DO DTVGVEZE JANEIRO



obras, Fausto Gonçalves mostrou a sua arte. O joven artista occupa logar de destaque entre os seus irmãos de credo que nos têm visitado; muito joven ainda, impoz o seu nome com segurança. Apenas inaugurada a sua interessante mostra, a critica honesta adjectviou vehementemente a colleção de quadros encantadores; uma ou outra voz desgarrada, sem autoridade, se fez ouvir para diminuir o valor do pintor aos olhos do publico sempre presente á mostra do pintor de Coimbra. Os ataques atirados ao artista, unicamente por ser elle portuguez, tiveram os resultados mais contraproducentes: immediatamente após uma saraiuada de pedras, recebia Fausto Gonçalves um punhado de louros e, na certa, tinha a aquisição de uma de suas telas...

Pinto da Rocha, escriptor scintillante, em magistral estudo sobre a individualidade do pintor, teve palavras que valem a mais completa consagração; que o proprio leitor ajuize o encanto e a verdade na pagina do escriptor; um trecho apanhado ao acaso dirá o que foi a mostra do artista:

“Fausto Gonçalves soube comprehender toda a psychologia da paisagem do Mondego e dos arredores de Coimbra, até Arganil e Condeixa, e, no entanto bem se vê, pelos poetas que a têm cantado, desde Camões celebrando os *Saudosos Campos do Mondego*, até Antonio Nobre, glorificando-a soberbamente nas illuminuras de *Só*, que naquelle ambiente, onde voejam em cardumes as tradições, a amantude da raça, a soidade dos dias vividos e dos bens perdidos, ha uma alma das cousas que bem poucas almas de homens entendem e conhecem.



F a u s t o G o n ç a l v e s

o que é. E já é alguém.” São palavras singelas, mas portadoras de uma grande e brilhante verdade!

Compunha-se a mostra do pintor, de um conjunto afinado.

Ali, tinhamos *As trindades*, uma scena de encanto e de tristeza; *A canção das roupas*, alegre, colorida, cheia de movimento, de vida e de ambiente...

Mais além, apparecia o casario de Coimbra, ora envolvido em bruma, ora beijado pela alegria do sol quente; um effeito de luz, um interior sombrio, de claro escuro intenso...

E assim é toda a mostra de Fausto Gonçalves, cheia de contrastes e cambiantes seductores. O artista preocupa-se com o baptismo dos seus quadros, dá-lhes nomes transbordantes de poesia, nomes que falam, que traduzem o seu lyrisimo. Veja o leitor, eis os seus titulos: *Doce enlevo*, *Canção do repuxo*, *Apotheose d'ouro*, *Canção da roupa*, *Ci-*

E toda a obra do artista é assim: mocidade, luz, liberdade em plena natureza, sinceridade nas expressões da sua alma, adoração pantheista da terra, horizontes vastos como as suas aspirações de gloria e, pairando sobre todas as telas um não sei qué de vago, de indefinido, de evocativo, que não póde deixar de ser a saudade, principalmente para as almas que já tiveram algum dia a ventura de viver naquelle meio, de aspirar aquelle oxygenio, do engolphar-se naquella luz, e de sondar o fundo secular de tristeza suave que a envolve e que a historia se encarregou de perpetuar, embora colorida, ás vezes, pelos encantos das lendas e, marchetada pelos versos dos rhapsodos



“ A s T r i n d a d e s ”

andavam trovando por aquellas sombras deleitosas. E Fausto Gonçalves é bem o pintor poeta dessa saudade que faz merencoria a paisagem de Coimbra.” Em toda a mostra do artista, vivia um criterio elevado: o da honestidade calcada em uma individualidade característica e expressiva.

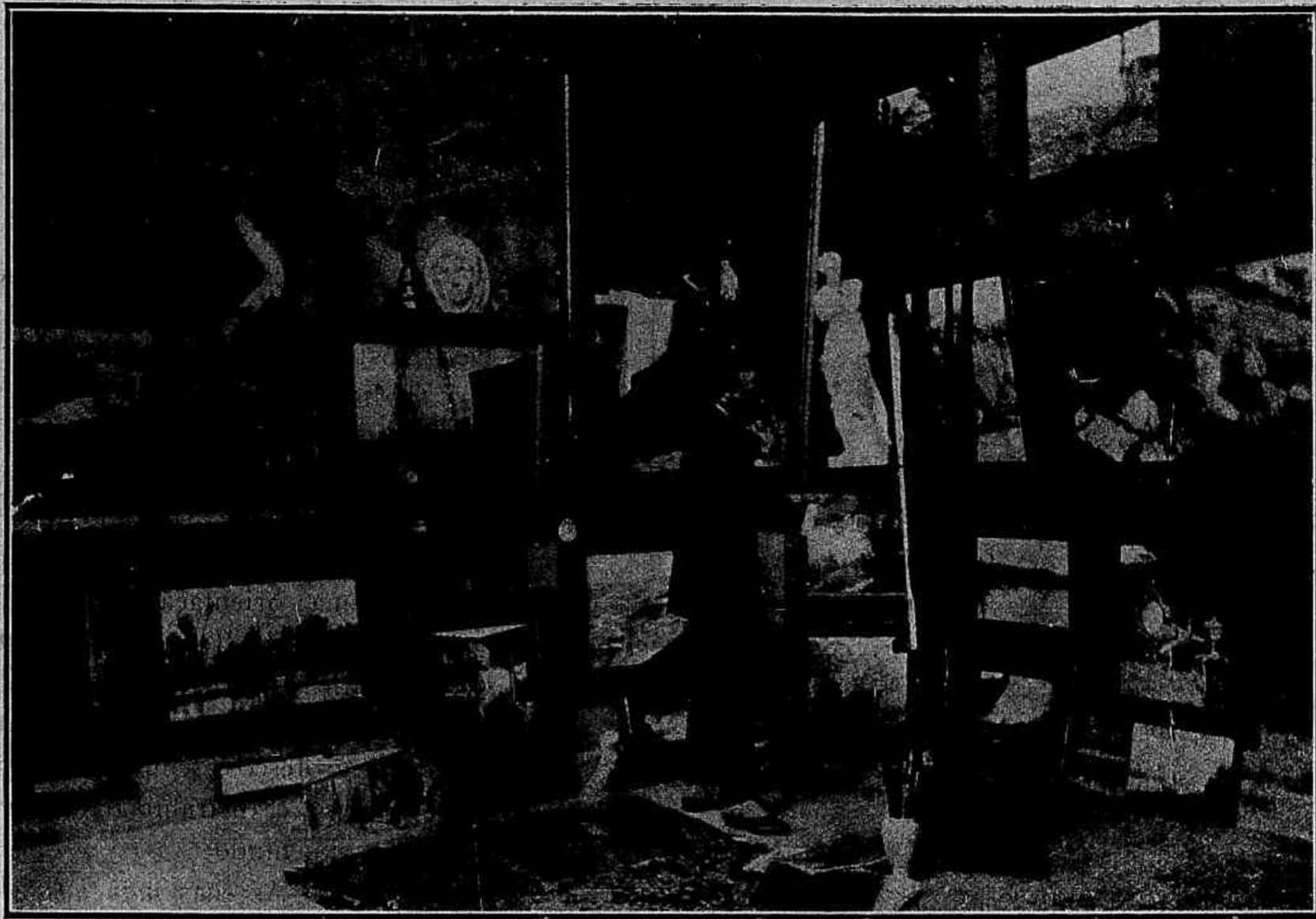
As suas telas nos deram uma nota vibrante, um conjunto sadio completamente afastado das normas cabotinas, tão communs na mocidade de nossos dias. A par de tantas qualidades, verificamos uma orientação conscienciosa nos verdadeiros principios do raciocinio artistico. Fausto Gonçalves pratica o impressionismo dentro de um desenho justo, com alma, sem os malabarismos grotescos, sempre empregados para perturbar e distrahir o observador pouco experimentado...

As suas *manchas* — o proprio pintor o confessou, eram flagrantes rapidos, pintados no estreito limite de rapidos momentos: impressões, onde a comprehensão dos valores obedeciam ao criterio do Bello e a estados perfeitamente emotivos.

O pintor apresentou-se manejando com segurança todos os motivos, porém, a paisagem e os interiores encontram um interprete mais brlhante no joven artista; em taes assumptos, Fausto Gonçalves encontra vasto campo para o desenvolvimento e applicação do seu formoso talento.

Algures, em uma chronica, lemos palavras que enquadram com precisão o valor do pintor: “... este moço artista, que é um adivinhador da Belleza, só a si deve

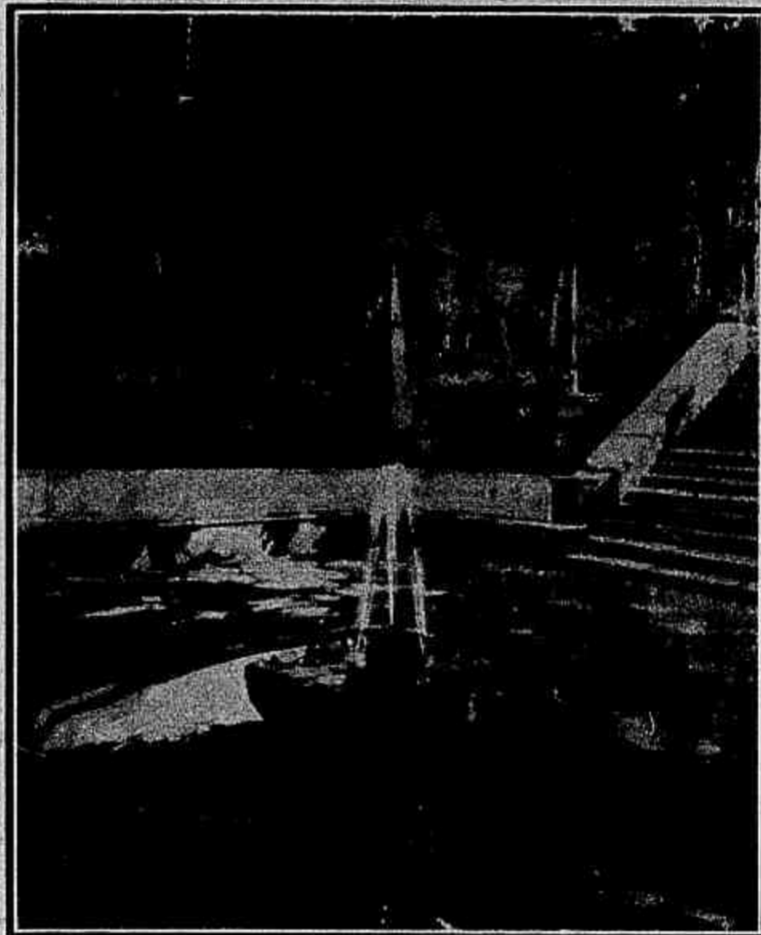
dade de bruma e de Lenda, Altar da Raça, Hora de evocação, Casal de Margarida, Fonte de Castanheiro, Claustro do silencio, Mosteiro da Rainha Santa. Soidosos campos, Symphonia pagã, Hora mystica, Altar do Senhor, Rustica morada, Paizagem dolorida, A casa da cequinha, Sonata de outomno, Bicolismo santo, Desfiando o rosario, O moinho da Santa e Tragedia Outomnal.



O pintor no seu "atelier", em Coimbra

O pintor veio sem reclamos antecipados; como credenciaes, trouxe apenas os seus quadros. Entregou-os ao publico e á critica. O resultado já é sabido. Em sua terra teve proceder identico e Coimbra inteira entoou louvores á sua obra simples, glorificou a sua paleta. João de Almeida assim se exprimiu nas columnas da *Gazeta de Coimbra*:

"Venho da casa de Fausto Gonçalves, o pintor-estudante de Coimbra que lá em cima, na Cumeada, se recolheu a viver o seu sonho de côr e de graça; e, lá, presos e saudosos me ficaram os olhos, estes meus olhos fundos de estudante e moço que, neste velado de ambulatorio de Cathedral que é Coimbra, passeiava sua mocidade, sonhando as horas que não passaram..."



"Canção do repuxo"

Uma extracordinaria organização artistica aquella de Fausto Gonçalves!

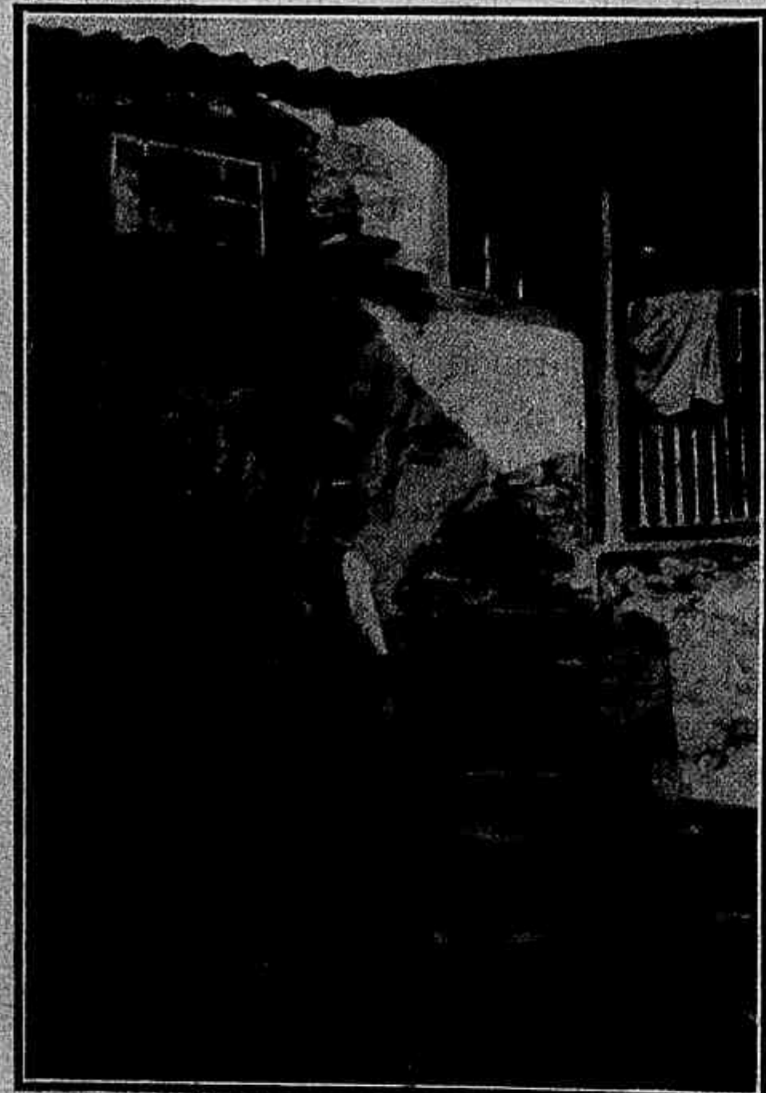
Ante a sua figura esbelta, fina figura de pagem sonhador, recortando-se na penumbra suave do atelier, ante o seu olhar triste, como errante em demanda de um Graal bemdito de perfeição e belleza, eu que o visito a meudo, sinto-me ascender com elle nas azas do

artes e nas letras tem de equilibrado e de perduravel como em Coimbra se sente e se canta como nos tempos que foram, como nos que hão de vir."

Representa o trecho citado uma grande verdade, um espelho, onde a alma emotiva de Fausto Gonçalves apparece limpida e privilegiada. Que o artista continue sempre na mesma estrada.



"Rustica morada"



"Leitura"

seu Sonho, e é como se dentro e fóra de mim ecoassem longas melodias de Schumann, perdidas melodias do outro mundo que aos humanos não é dado comprehender, mas tão sómente entrever pelos vitraes que são a alma dos artistas e dos poetas.

Uma exposição — a primeira — ha annos, em Lisboa, e eil-o pintor, estudante, artista feito quasi sem professores, eil-o considerado

como a maior affirmação dos novos. Agora Fausto Gonçalves vae expôr no Brasil. Expôr no Brasil como os maiores, como os consagrados! Expôr ante um povo que mais que todos no Novo Mundo tem o culto da Belleza e da Harmonia! E nos olhos do Artista ha, quando isto diz, um reflexo das miragens em que a sua alma se encanta.

Porque no Brasil, que é a patria do sol, e da côr, a sua arte que é tantas vezes cheia de luz como um rincão da Hellada, terá olhos que a comprehendam até ao fundo mais raro e mais inacessivel da sua belleza.

E de tudo isto uma certeza me ficou: é de que o estudante-pintor, que é Fausto Gonçalves, dirá com a sua obra, no Brasil, quanto o renascimento coimbrão nas



"Egreja de S. Francisco"

(Galeria da Sociedade  
Propagadora das Bellas  
Artes)

Lucilio de Albuquerque

## As novas Trichromias



CONTINUANDO no proposito de offerecer aos nossos leitores, reproduções de boas obras de pintura, reproduções que atestem a operosidade e valor dos nossos artistas, publicamos no presente numero, quadros de Aurelio de Figueiredo, irmão do grande Pedro Americo; Eurico Moreira Alves, Lucilio de Albuquerque e Carlos Oswaldo.

Antes, porém, de entrarmos em apreciações sobre as telas reproduzidas, entendemos opportuno dar aos que, moralmente nos vêm amparando, uma gratissima nova: a "Ilustração Brasileira" devidamente autorizada pelo illustre mestre João Baptista da Costa, dignissimo director da Escola Nacional de Bellas Artes, dentro de breve espaço de tempo, novamente, iniciará a publicação das maravilhosas obras pertencentes á Pinacotheca Official.

Poderão assim, os nossos leitores, admirar trabalhos de Pedro Weingartner, Almeida Junior, Decio Villares, Victor Meirelles de Lima, João Zeferino da Costa, Visconti e de outros mestres da pintura nacional; merecerão ainda publicação, os quadros de mestres estrangeiros do valor de José Malhóa, Souza Pinto, Condeixa, Salgado, Carlos Reis, Silva Porto, Henri Martin, Antonio Alice e outros.

Assim procedendo, a *Ilustração*, continuará cumprindo o seu programma patriotico, tornará facil a propaganda da cultura artistica de nossa gente e divulgará os verdadeiros primores pertencentes ao nosso museu maximo, verdadeiro orgulho para a patria brasileira. Por nosso intermedio, têm os nossos artistas visto as suas obras divulgadas e commentadas no mundo inteiro.

Se interrompemos por algum tempo a divulgação das obras da Pinacotheca Official, foi unicamente para mostrar as forças novas da arte nacional; as gerações modernas tiveram em nossas paginas um verdadeiro vehiculo, merecendo sempre o mais carinhoso applauso dos entendidos e admiradores das cousas bellas.

Aurelio de Figueiredo é o autor da tela "Recanto de Atelier", obra cheia de um encanto particular e duplo valor; além de ser um precioso documento do merito do artista, retrata na figurinha que anima o quadro, uma das mais legitimas glorias da musica patricia. A figurinha mostra a insigne pianista Sylvia Figueiredo Mafra quando creança. A scena é encantadora. A creança levada pelo nascente amor á musica, abandona os brinquedos espalhados pelo tapete polychromo, para dedilhar o teclado do grande piano deixado aberto, talvez por suas irmãs Suzana ou Helena, já naquella tempo, artistas que causavam admiração a quantos as ouviam...

Tudo na tela de Aurelio de Figueiredo, pae dos pianistas, é encantador; os menores detalhes são traduzidos com especial cuidado, valorizados rigorosamente. A perspectiva do quadro é natural, apinzelado seguro e o ambiente rico de cambiantes que deixam viventes no espirito do contemplador, uma impressão duradora e agradável. "Recanto de Atelier", é uma das obras felizes do artista, creador de tantas maravilhas como "O copo d'agua" que opportunamente reproduziremos, como "Francesca de Rimini", já por nós publicado.

Aurelio de Figueiredo nasceu em 1854 no Estado da Parahyba, foi discipulo de Le Chevrel e de seu irmão Pedro Americo, na Antiga Academia. Morreu nesta cidade em 1916, deixando uma bagagem solida que muito honra o seu nome.

De Eurico Moreira Alves é a tela "Rachel", pertencente á Galeria da Sociedade Propagadora das Bellas Artes. Eurico Moreira Alves, sendo um pintor de valor, pouco tem apparecido, dedicando-se ao magisterio, sendo dos nossos bons mestres de pintura. A tela mostra a filha de Labão apascentando as ovelhas de seus paes antes do encontro com Jacob. A tarde morre. O crepusculo envolve tudo; Rachel medita no seu destino junto ao poço e as ovelhas fazem-lhe companhia naquella hora triste, tão triste como a alma da donzella...

O pintor resolveu o quadro com simplicidade, traduzindo com gallardia o seu pensamento. Eurico Alves foi premiado com a tela em 1907, no Salão Geral de Bellas Artes, merecendo uma menção honrosa. A critica da epoca não lhe foi avara em elogios, fez-lhe justiça.

O pintor nasceu no Estado do Rio de Janeiro em 1886 e foi discipulo de Rodolpho Amoêdo, Baptista da Costa, Daniel Berard e João Zeferino da Costa que tinha por elle especial predilecção. E' presentemente um dos mais fortes esteios do Lycêo de Artes e Officios do Rio de Janeiro, onde leciona desenho. A sua bagagem é bastante grande e está espalhada pelas collecções particulares da nossa cidade.

"Tocando Debussy" foi pintado por Carlos Oswaldo, artista já bem conhecido do nosso publico, pois varias vezes têm apparecido em nossas paginas. "Tocando Debussy" é uma das bellas obras de Oswaldo, foi premiada com a pequena medalha de ouro no Salão de Bellas Artes de 1913. Mario de Lima Barbosa e Carlos Americo dos Santos, em notaveis apreciações sobre os trabalhos expostos naquella Salão, muito realçaram a obra do moço pintor.

De Lucilio de Albuquerque é a outra tela, um bello documento da architectura religiosa em nossa terra. Representa o quadro, a vetusta "Igreja de S. Francisco" em S. João Del-Rey. Como sempre, o pintor fez obra bella.

## CABELLOS

Uma descoberta cujo segredo custou  
200 contos de réis

A "Loção Brillante" é o melhor específico para as affecções capillares. Não mancha a pelle e não é nociva. E' uma formula scientifica do grande botanico Dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

E' recommendada pelos principaes institutos sanitarios do estrangeiro, analysada e autorisada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

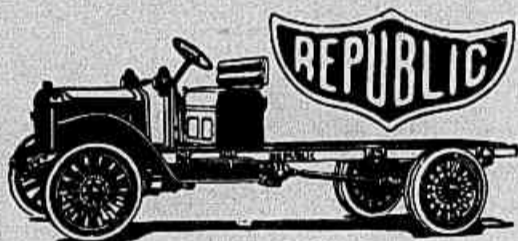
Com o uso regular da "Loção Brillante":

- 1.º) — Desapparece a caspa.
- 2.º) — Cessa a queda do cabelo.
- 3.º) — Os cabellos brancos, descolorados ou grisalhos voltam á côr natural primitiva, sem ser tingidos.
- 4.º) — Detem o nascimento de cabellos brancos.
- 5.º) — Nos casos de calvicie, faz brotar novos cabellos.
- 6.º) — Os cabellos ganham vitalidade, tornando-se lindos e sedosos, e a cabeça limpa e fresca.

A "Loção Brillante" é usada pela alta sociedade de S. Paulo e Rio.

Encontra-se nas boas perfumarias, drogarias e pharmacias.

## Caminhões



DE QUALQUER TONELAGEM

Facilitamos os pagamentos

MESTRE E BLATGE

Rua do Passeio, 50

Nomeamos agentes no interior.

Para as horas de recreio, a distração mais agradável e variada é a

## LEITURA PARA TODOS

o melhor magazine mensal editado em lingua portugueza.

## Os nossos indios

não comiam gente

CARLOS MAUL

(Fim)

SEGISMUNDO

Na escriptura em que Diego de Almagro e Francisco Pizarro contractaram dividir entre si as riquezas dos incas ha duas assignaturas a rogo: pelo primeiro subscreve Alvaro de Queiroz, e pelo segundo Juan de Panés. Esse documento tem a data de 10 de Março de 1526, e está no archivo das Indias de Sevilha. Pois essa gente que espoliou o glorioso Atahualpa não foi comida... Matou quantos quiz e poude e regressou aos seus lares cheia de ouro.

MARCOS

O que não se pôde negar é que os indios eram barbaros. E dos indigenas do Brasil, o que sabes?

• SEGISMUNDO

Que deviam ser tão antropophagos como os Caribes, os Aztecas, os Incas. Cabral não foi comido,

## Grande estabelecimento graphico PIMENTA DE MELLO & C.

Especialidade em chromolithographia, cartas geographicas, diplomas, acções, letras de cambio, apolices, retratos, cartazes, rotulos e todos os trabalhos commerciaes typographicos; livros em branco, papel e objectos para escriptorio; qualquer trabalho em alto-relevo typographico ou lithographico e timbragem. — Rua Sachet, 34 — Teleph. 7828 Norte End. teleg. Pimentamello, Rio — Officinas: Rua Visconde de Itauna, 419 — Tel. 5996 Villa.

Nobrega e Anchieta andaram tranquillamente no meio delles, a ponto de os illudir, como no armistício de Iperoig. A alliança dos tamoyos com os francezes, Ajuricaba em harmonia com hollandezes e portuguezes explorando a agricultura nas terras do Rio Branco, provam que a antropophagia dos nossos selvicolas é um mytho. A ser admittido isso como verdade, só porque a historia trata vagamente da morte do bispo Sardinha, em que situação ficarão esses quarenta por cento de meio-sangue indio que povôam a America e ainda não denunciaram as suas tendencias?...

## O gallo através dos seculos

Palestra de Alberto Faria,  
na Academia Brasileira

(Fim)

grous de Ibycos, thema da natureza denunciante, que é antigo e folk-lorico.

A certa altura do conto moral, uma de suas personagens diz que outro gallo cantaria, locução explicavel á Castro Lopes, i. é — anacrônicamente.

Mas ao pobre de mim, destituído de fertil imaginação, a phrase apenas lembra, para fecho da palestra, uma anecdota, á Cervantes no D. QUIXOTE, não sem temer protesto do habil conferencista sr. Medeiros e Albuquerque, que já a referiu ao marquês de Pombal.

Como prêmio aos voluntários da pátria, na guerra com o Paraguay, D. Pedro II lhes reservava a serventia vitalicia dos cartórios.

Vagando uma dellas alhures, creio que em Casa Branca, S. M. destino: a a um figurão local.

Chegaram-lhe, porém, informações desabonadoras do homem, informações que retardavam o provimento do cargo.

Sabidas as atoardas que circulavam, o interessado foi a S. Christovam, no propósito de desfazer possível máu effeito. Disse a S. M. que adversários politicos, querendo prejudical-o na pretensão, assoalhavam falsamente estar elle soffrendo das faculdades mentaes.

E, tão acertadamente falou, por largo espaço de tempo, que o bondoso monarcha, já se convencera de semelhante miséria.

De repente, erguendo-se para sair, insistiu acalorado:

— Magestade, tudo, tudo é calumnia.

— Já sei... já sei...

— Mas, além das virtudes descriptas, ainda tenho uma, que elles todos me invejam...

— ? !

— E' cantar de gallo.

E, sacudindo os braços, armados em asa, estridulou:

Cocorê... có... ó... ó!

D. Pedro II, defensor do Brasil, paiz que ainda não endoidecera, murmurou penalizado:

— Si não cantasse de gallo, estava nomeado tabellião...

Coitado!

Perdoai-me, caros ouvintes, si desta vez, como o paranóico, tambem cantei de gallo...



## Royal Monceau Hotel

35, 37, 39, Avenue Hoche

PARIS

Champs-Élysées — Etoile

250 Quartos

250 Salas de Banho

Todos os commodos teem vista sobre o espaciosa avenida ou sobre os grandes jardins de l'Hôtel.

Restaurante e Adegas

de primeira ordem.

Bar americano.

Orchestra symphonica á hora do chá e do jantar.

Salões de Cabellereiro para Senhoras e Cavalheiros.

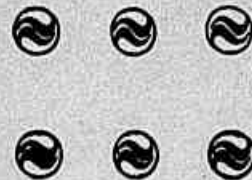
Agencia de locação para todos os Theatros.

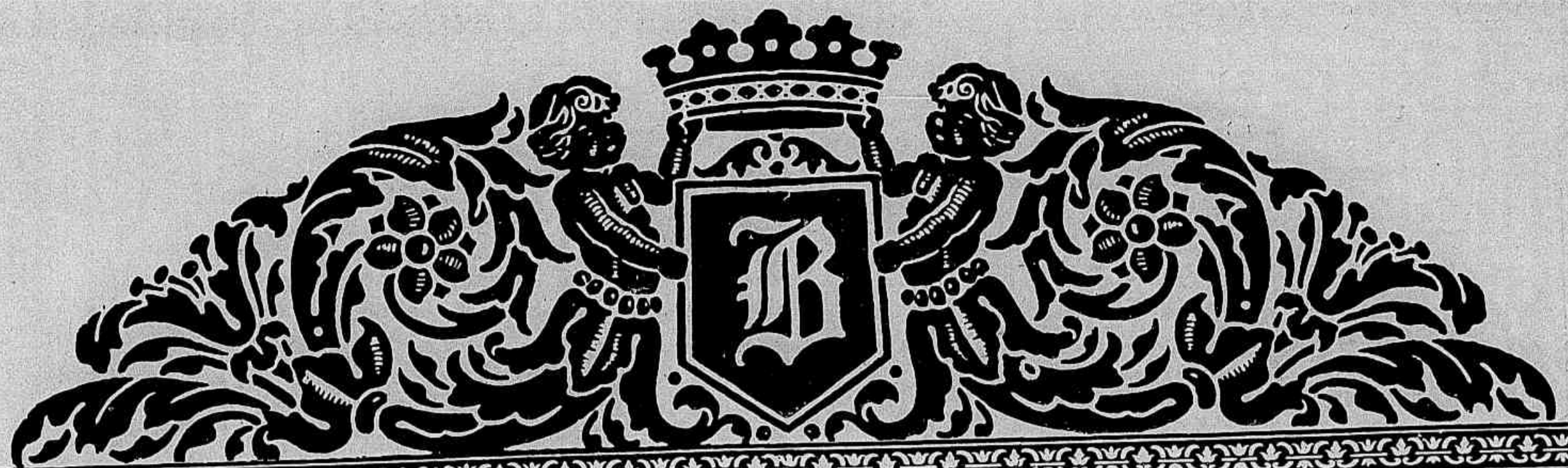
Endereço telegraphico :

ROYAMONCO - PARIS



CONFIDENCIAL  
A BRANCURA, LOUCANIA E MACIEZA DA MINHA CUTIS DE VO AO  
CREME DE PEROIAS DE BARRY  
PREPARADO MARAVILHOSA





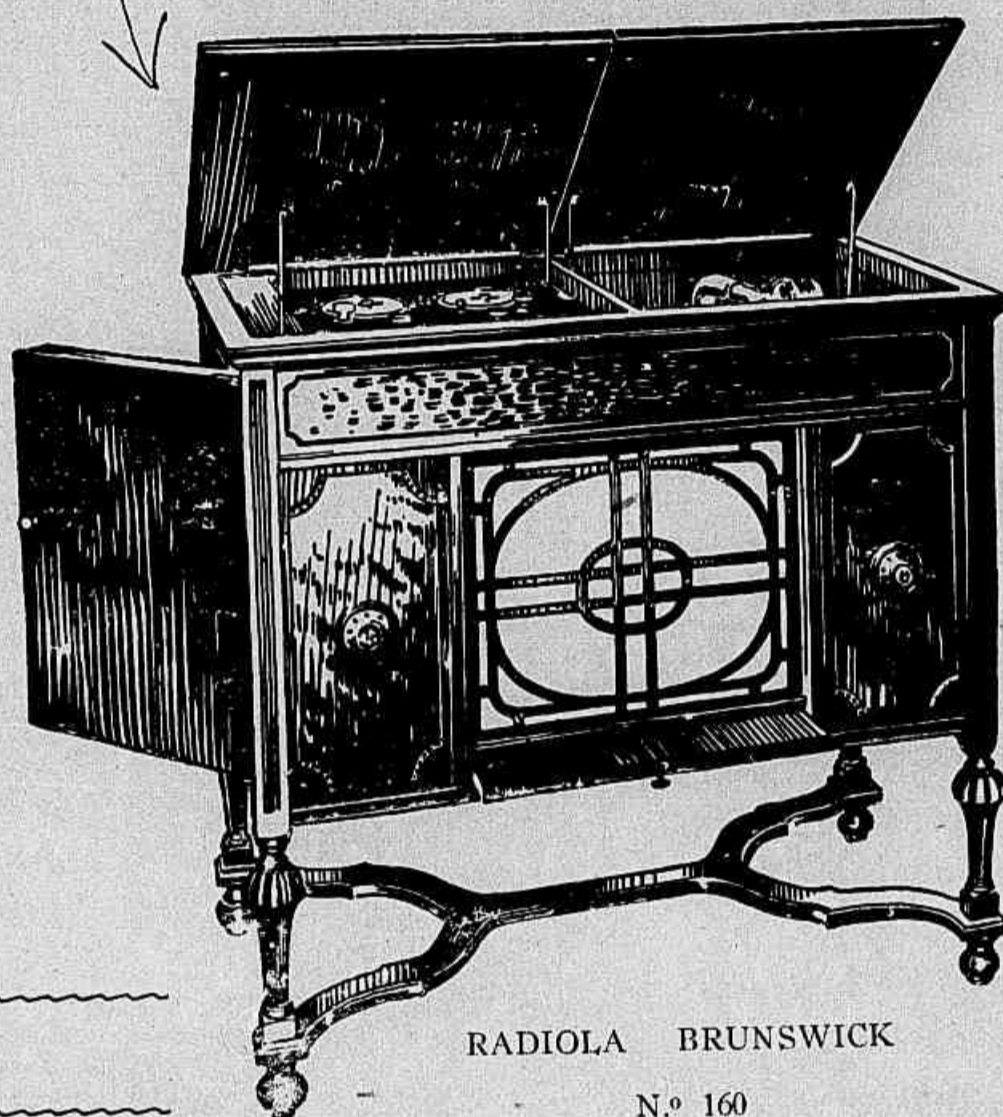
A MUSICA DO ESPAÇO.

— E —

A MUSICA DE SUA  
ESCOLHA

*The Sign of Musical Prestige*  
**Brunswick**

PHONOGRAPHS · RECORDS · RADIOLAS



RADIOLA BRUNSWICK

N.º 160

A RADIOLA BRUNSWICK, COMBINA EM UM MESMO MOVEL  
UMA RADIOLA SUPER-HETERODYNE E UM SUPERIOR GRA-  
MOPHONE BRUNSWICK.

DE UM LADO TERÁ V. EX. A MUSICA IRRADIADA REPRO-  
DUZIDA EM CONDIÇÕES IDEALES, POR UM RECEPTOR IN-  
EGUALAVEL EM SELECTIVIDADE, ALCANCE E SONORIDADE,  
E DE OUTRO UM AFAMADO GRAMOPHONE BRUNSWICK PRO-  
VIDO DE DIAPHRAGMA PATENTEADO, PODENDO TOCAR  
TODAS AS MARCAS DE DISCOS.

VISITE O NOSSO ARMAZEM A'S HORAS DE IRRADIAÇÃO E PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO  
REPRESENTANTES:

**BYINGTON & C.º**

Rua General Camara, 65  
RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO — SANTOS — CURITYBA — PORTO ALEGRE — RIO GRANDE

## Edições PIMENTA DE MELLO & C.

RUA SACHET 34 — RIO DE JANEIRO

Estão á venda

**CRUZADA SANITARIA**, discursos de Amarty Medeiros.

**O ANEL DAS MARAVILHAS**, texto e figuras de João do Norte. Cada exemplar 2\$000

**CASTELLOS NA AREIA**, versos de Olegario Marianno.

**COCAINA...** novella de Alvaro Moreyra.

**PERFUME**, versos de Onestaldo de Pennafort

**BOTOES DOURADOS**, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gasão Penalva.

**LEVIANA**, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro.

**ALMA BARBARA**, contos gauchos de Alcides Maya.

**NOITE CHEIA DE ESTRELLAS...** versos de Ademar Tavares.

Cada volume, pelo correio, registado 5\$000.

# Confidencias perigosas

Os **chauffeurs** ás vezes levam as pessoas na frente, porque ha certas creaturinhas que se entregam a conversações insinuantes com o homem da roda. Afinal de contas, um **chauffeur** é um homem, e como o seu titulo indica, um pouco mais ardente que a generalidade dos bipedes masculinos.

Os olhos nublam-se e as mãos vacillam, sob a impressão do odor delicioso que exhala uma mulher bonita.

Agora se o odor provém do uso do **Sabonete de Reuter**, está claro que o effeito é imperioso e verdadeiramente subjugante e irresistivel.

Contava-nos um **chauffeur** joven e de boa apparencia as pilherias que havia trocado com uma sua cliente, na occasião em que viajava com cinco pontos de velocidade.

Esta lembrou-se de fazer-lhe perguntas á queimadura, levantando-se de seu lugar e inclinando-se sobre

as suas costas, que, dizia elle, sentiu dentro de si mais explosões que as que a essencia intermittenmente inflammada produzia na sua machina.

— Que sabonete! exclamava o **chauffeur** — Quando me vi entre uma columna de um candieiro, um bonde e um gallego! Só o **Sabonete de Reuter**, que é o melhor dos sabonetes, com o qual se lava o Presidente da Republica e até o Padre Eterno!

Travei o freio, quiz recuar, e assim mesmo patinei quatro metros no asphalto molhado, dando um leve esbarro no gallego, que rolou pelo solo (claro que nada lhe aconteceu, porque são de borracha) e ao levantar-se

disse-me furioso: — A policia devia multal-o por andar com tanta velocidade.

E tudo isto pelo cheirinho "embriagante" do rei dos Sabonetes: do **Sabonete de Reuter**!



ALLIVIO DE DORES

PARA  
CAIMBRAS  
RHEUMATISMO  
DIARRHEIA  
ENTORCES  
ETC.

DE BARRY

ESTE HOMEM NÃO USA ADJECTIVOS  
AO COMPRAR OS OBJECTOS QUE NECESSITA!!



**E' UM HOMEM DE "ACÇÃO"**

ELLE PODE COMPRAR UM EDIFICIO, UMA FABRICA OU UMA ESTRADA DE FERRO  
EM DEZ PALAVRAS

SEU TEMPO E' DINHEIRO; SUAS PALAVRAS SÃO ALICERCES DE NEGOCIOS. NATURAL-  
MENTE, AO COMPRAR OBJECTOS DE SEU USO ELLE NÃO PERDERÁ TEMPO, mas INDI-  
CARÁ SIMPLEMENTE — A MARCA, E COM CERTEZA "A MELHOR."

PIANOS .....	só	BECHSTEIN ou SEILER
VICTROLAS .....	só	VICTOR
RADIO .....	só	ZENITH
MALAS .....	só	BELBER
CALCULAR .....	só	BRUNSVIGA
CANETAS .....	só	SWAN (cysne) e WATERMAN

**E TUDO ISSO -- Só na CASA STEPHEN**

Vendas á dinheiro por preços de importação;  
Vendas á longo praso com augmento de 10 %;  
Vendas por meio de sorteios (CLUBS) com 300 sorteios annexos á Loteria Federal.  
E' nosso privilegio fornecer sem nenhum compromisso prospectos e listas de preço.

**CASA STEPHEN**

Stephen Schaefer & Co.; Galeria Cruzeiro, caixa postal 452, Phone C. 508, telegr. S T E P H E N

# A suspeita

Comedia dramatica  
por MANOEL BERNARDINO

(Fim)

SCENA IX

Os mesmos. Luiza, as religiosas e  
Juvencio

LUIZA

(*aparecendo*) Chamou-me Roberto?

ROBERTO

Vae ao quarto de Lucia a apanha a imagem de Maria, que esta sobre a commoda. (*Luiza sae*).

JUVENCIO

(*entrando com as religiosas*) Uff!... Que calor!

LUIZA

(*dentro*) Ah!...

ROBERTO

(*perguntando para dentro*) Que foi?

LUIZA

(*dentro*) A imagem da Virgem, que cahiu e que-  
orou-se.

JUVENCIO

(*sahindo, acompanhado das religiosas*) Oh!...

LUCIA

(*movimentando-se para sahir*) Deus do Céu!

ROBERTO

(*detendo-a*) Deixa-a!... As irmãs já foram!

(*Lucia e Roberto lutam, horrivelmente: — ella, porque quer entrar; elle, porque a quer impedir*).

JUVENCIO

(*entrando com o pedestal, fragmentado, de uma estatua de gesso, de cujo bojo tira umas cartas muito amassadas*). Só escapou isto! (*entregu a Roberto o maço das cartas*).

LUCIA

(*no auge do desespero, procurando apossar-se das cartas*) As cartas!... São minhas!... São minhas!...

ROBERTO

(*detendo-o com o braço*) Suas?

LUCIA

(*como acima*) Minhas, Roberto! São minhas!...

ROBERTO

(*com um impulso de graça, atira-a sobre o sofá*) Basta! (*cae arfando e lê uma das cartas*) Oh!... (*para o pae*) Leia isto!

LUCIA

(*no sofá, pondo as mãos*) Roberto!... Roberto!... Pelo amor de Deus!... São minhas!... São minhas!...

ROBERTO

(*encaminha-se para Lucia e a segura pelos pulsos*) Juras?

LUCIA

Sim!

ROBERTO

(*larga-lhe os pulsos, olha para todos os lados, com o olhar incendiado pela colera e vem descarregar sobre Lucia*) Tuas?

LUCIA

(*meneando, apenas, a cabeça*) Sim!...

"MERE" FRANCISCA

(*a "Mere" Angelica*) E' uma santa!

ROBERTO

(*enfrentando Lucia*) Megera!... Não tiveste escrupulo em occultar tuas insanias, teus vicios, sob o nome daquella creatura angelica!... Miseravel!... (*curva-se sobre Lucia, punhos cerrados, terrivelmente ameaçador*) Haverá qualificativos que exprimam tanta infamia, tanta baixeza, tanta miseria? (*anciedade geral em scena, inclusive em Lucia, que se encolhe, atemorizada*) Miseravel!... Miseravel!...

ROGERIO

(*que tem continuado a lêr, rapido, as cartas; a Roberto*) Espera, meu filho; — lê isto!

ROBERTO

(*com secura*) Não preciso lêr mais nada! Estou inteirado de tudo!... O castigo desta miseravel es-  
taria á altura da alcivosa affronta!...

ROGERIO

Enganas-te, já t'o disse! Toma, lê!

ROBERTO

(*encara o pae e, machinalmente, recebe as cartas, que vae lêr*) Isto...

LUCIA

(*a Rogerio*) Papeasinho, que fez? (*as religiosas se approximam de Rogerio*) Perdeu-o, papeasinho!



# Nutrion

## PODEROSO FORTIFICANTE



Dep. Nac. S. Pub., Lic. 309-22 Outub.-1917

(*Roberto, á medida, vae lendo, mais se interessa pelo conteúdo das cartas e, soffregando, tremendo, quasi delirante, numa ansia incontida, olhos desmesuradamente abertos, incendiados por uma surpresa atroz, tartamudeia, palavras monosylabicas. Juvencio acerca-se do grupo onde está Rogerio*).

JUVENCIO

(*baixo*) Que é? (*Rogerio faz um signal vago e Juvencio sae, a olhar para Roberto*) Ah!...

ROBERTO

(*numa explosão de nervos, ás provas de uma loucura subita*) Ah!... Achei!... Achei!... (*fixa uma carta, endurecendo a physionomia*) Mas... que é isso? (*leva a mão, aberta em pente, sobre a cabeça e dá um passo, parando deante do retrato de Helena, que fixa*) Meu filho?!... Não é meu filho?!... (*olha os circumstantes, com olhar de louco; está absolutamente transformado*) Não é meu filho? (*baixando mais a voz e a andar*) Onde está o meu filho?... *cae na cadeira e debruça-se á mesa, segurando, instinctivamente o tympano, que oscila entre suas mãos trementes, fazendo rumor; depois, com attitudes aparvalhadas; segue-se sustendo o*

tympano, para depois de contemplar, com os braços abertos, o retrato da esposa, apedrejá-lo fazendo partir-se o vidro e moldura, que estavam preparados para o effeito) Ah!... (*completamente louco e aos gritos*) O meu filho!... Onde está o meu filho!... (*brandindo as cartas*) O meu filho!... O meu filho!... (*vae subindo pelo palco afóra, sempre a gritar*) O meu filho!... Onde está o meu filho!... O meu filho!...

LUCIA

(*com um grito de dôr*) Ah!... (*agarra-se a Rogerio*).

ROBERTO

(*dentro*) O meu filho!... O meu filho!...

LUCIA

Ahi está o que eu quiz evitar, com o sacrificio da minha honra e da minha felicidade!

ROGERIO

(*levando o lenço aos olhos e abraçando Lucia*) Enloqueceu!

PANNO

FINAL DO TERCEIRO ACTO

# *A simplicidade do radio*

**A** Radio Corporation of America tomou a si a tarefa de dispersar as nuvens de mysterio, exaggerações e as asserções contradictorias que actualmente circundam a venda de aparelhos de recepção radio.

Ella tem respondido, simples e francamente, ás perguntas mais vitaes na mente daquelles interessados na compra desses aparelhos, por meio da producção para venda, tudo prompto para ser installado, e a preços ao alcance de todos, de simples e solidos aparelhos de recepção "RADIOLA," os quaes possuem os seguintes quatro pontos essenciaes:

- 1 Qualidade de Tom—reproduzindo a voz humana e a musica instrumental, sem enfraquecimento mechanico.
- 2 Selectividade—que permite o operador a escolher omissão de qualquer Estação sem interferencia de uma outra estação visinha.
- 3 Volume—trazendo o programma que o operador escolher, plenamente claro e perfeito.
- 4 Idoneidade—conseguida pelos padrões de norma mantidos de dia a dia, sob todas as condições e em qualquer occasião, mais a propriedade de recepção a longas distancias, e continua satisfação durante todo o tempo em que o aparelho é usado.

Os principios fundamentaes das "RADIOLAS," TUBOS DE VACUO "RADIOTRON" e ALTO-FALANTES "RADIOLA" representam a rocha solida contra a qual todas as allegações exaggeradas se esboroam. Elles teem cumprido continuamente as responsabilidades da supremacia que alcançaram—da mesma maneira que ganharam e conservaram a confiança de milhares de operadores.

Inspeccionem pessoalmente estes famosos aparelhos de recepção radio o producto de uma unica e permanente organização reforçada por solidas reservas e uma garantia de um serviço satisfatorio. O nosso representante autorizado mais proximo da sua casa terá muito prazer em descrevel-os detalhadamente.

Radio Corporation of America

*Distribuidores no Brasil:*

Radio Corporation of America, Caixa Postal 2726, Rio de Janeiro.  
General Electric, S. A., Caixa Postal 109, Avenida Rio Branco No. 60, Rio de Janeiro.  
(Filial á—Caixa Postal 547, Sao Paulo).  
Byington & Company, Rua Alvarez Penteado 4, Sao Paulo.  
(Filial á—Rua General Camara 65, Rio de Janeiro).



# **Radiola**

Marca Registrada

**PRODUCTO DE RCA**

# NO THEATRO MUNICIPAL

Minha senhora queira perdoar-me chamando a sua benevola atenção para uma coisa que a senhora ainda não pensou seriamente. Aposto qualquer coisa que o toucador de V. S. está repleto de águas de cheiro, perfumes, loções, brilhantinas, enfim, ingredientes de toda a especie. V. S. comprou essas coisas, porque o perfume lhe era exótico ou porque as suas amigas aconselharam-n'a a comprar como sendo o melhor!

E foi com este criterio que V. S. adoptou-os, como se fosse a coisa mais simples e inoffensiva d'este mundo.

Mas que horror, senhora! Que grande horror!

Peço mais um momento a sua preciosa atenção:

Porque é que os seus cabellos que outr'ora eram tão pretos como o azeviche, ou eram de um louro bellissimo, como madeixas de ouro, a côr que Daphné tinha nos cabellos, tendem, agora, a perder a sua sedosidade e tornar-se acinzentados?

Porque estão tão frageis e inconsistentes?

Porque é que todas as vezes que V. S. se penteia o seu pente fica cheio de cabellos, indo se, assim, embora pouco a pouco a sua profusa cabelleira?

Porque é que quando V. S. põe uma capa escura, em pouco tempo, se acha um tanto branca, com pelliculas da caspa?

Porque V. S. em vez de conservar, limpar, dar brilho e flexibilidade ao seu cabello e hygienisar o seu couro cabelludo, fez um verdadeiro attentado, com essas aguas e loções que encheu o seu toucador, centra uma das maiores bellezas de que uma mulher se pode sentir com legitimo orgulho.

— Que hei de pois fazer? — dirá V. S.

Oh, minha senhora, a coisa mais simples d'este mundo: V. S. deite fóra todas essas drogas nocivas e venenosas e dedique-se V. S. exclusivamente ao uso da unica loção verdadeiramente efficaç, infallível, inocua, que há mais de um seculo todo o mundo a usa: refiro-me ao reputado e efficaç *Tricofero de Barry*, preparação scientifica, "que faz nascer cabello aos calvos", que faz conservar em forma-

sura natural, em sua côr natural, em seu brilho de perfeita saude vigorosa, os cabellos que V. S. possui; limpa, cura para sempre a repugnante enfermidade da caspa, que é o verdadeiro principio destruidor da raiz dos cabellos. Minha senhora, peço-lhe, pois, para usar o *Tricofero de Barry*, que, além d'essas virtudes todas que acabei de enumerar, possui um perfume tão suave e talvez mais distincto e agradável que toda essa drogaria perigosa que abarrota o seu toucador.



SAUDE E VIGOR

**Piotonico**

FONTOURA

O MAIS COMPLETO

FORTIFICANTE

PRODUCTO DE RGA

# XAROPE

Primeira Dentição



# DELABARRE

SEM NARCOTICO

Usado em fricções sobre as gengivas

Facilita a saída dos Dentes

Supprime todos os Accidentes da Primeira Dentição

Exigir o Sello da União dos Fabricantes

ESTABELECIMENTOS FUMOZE, 78, Fg Saint-Denis - PARIS  
e nas principais pharmacies

# Para todos...

ALÉM DE SER O MAIS BELLO SEMANARIO MUNDANO DO RIO DE JANEIRO, É A MAIS INFORMADA, A MAIS INTERESSANTE REVISTA DE ASSUMPTOS CINEMATOGRAFICOS QUE SE PUBLICA EM LINGUA PORTUGUEZA

CORRESPONDENTES ESPECIAES JUNTO AOS GRANDES "STUDIOS" DA AMERICA E DA EUROPA TRAZEM OS LEITORES DE "PARA TODOS..." AO CORRENTE DAS ULTIMAS NOTAS SOBRE A ARTE DO SILENCIO.

OS ENREDOS DOS FILMS DE CADA SEMANA SAO PUBLICADOS, NAS PAGINAS DE "PARA TODOS...", EM FÓRMA DE CONTOS, COM ILLUSTRACOES PHOTOGRAPHICAS DAS SCENAS PRINCIPAES E DE TODOS OS INTERPRETES

# LIVRO VERDE

Tradução do Relatório sobre as Condições  
Economicas e Financeiras do Brasil

(PUBLICAÇÃO ANNUAL INGLEZA)

Desconhecida no Brasil esta publicação annual e official ingleza, apparece agora, pela primeira vez, traduzida para o portuguez, com adaptações e conversões que a tornam ao alcance de todos. Contem verdades nuas e cruas a respeito do encaminhamento dos nossos negocios. Util ao commerciante, industrial, financista, banqueiro, em fim a todo bom brasileiro que queira saber o que realmente se tem passado no Brasil. Muitas estatisticas, algumas das quaes inéditas. Esta publicação pôde ser considerada a melhor obra de propaganda seria em prol da nossa nacionalidade. A sua tradução não era esperada.

PREÇO 5\$000

CONSIGNATARIOS:

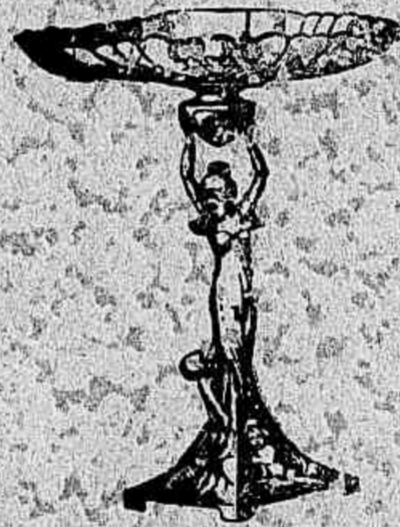
## LIVRARIA PIMENTA DE MELLO & C.

— 34, RUA SACHET, 34 —

A venda em todas as Livrarias do Brasil

# BAZAR AMERICA

Finissimos objectos para presentes



Especialidade em Porcellanas, Crystaes, Metaes finos, Faqueiros e Talheres de Christofle.

ORIGINALIDADE E BOM GOSTO

Rua Uruguayana, 38-40

# Loteria Federal

# 100 CONTOS

INTEIRO 7\$700 — DECIMO 800 REIS

Sabbado, 31 de Outubro

Unica official

Unica fiscalizada pelo Governo Federal

Unica por cujos premios responde o Thesouro

Unica extrahida á vista do publico nesta Capital.

Capital: 3.000 contos com deposito de 500 contos no Thesouro

Predio proprio á Rua 1.º de Março, 119 e Visconde de Itaberaby, 67

Extracções diarias ás 2 1/2 e ás 3 horas aos sabbados.

Pedidos de bilhetes com mais 900 réis para o porte.



THE INSTRUMENT OF QUALITY

# Sonora

CLEAR AS A BELL

É TÃO FACIL DIZER QUE ESTE OU AQUELLE  
PRODUCTO É "O MELHOR NO MUNDO" MAS NO  
QUE TÓCA A SONORA, É O PRÓPRIO POSSUIDOR  
QUEM ASSIM DÁ A SUA OPINIÃO.

COMPARE A SONORA COM QUALQUER OUTRA  
MACHINA FALLANTE QUANTO A TONALIDADE,  
APERFEIÇOAMENTOS E VARIEDADE  
DE MODELOS.

SI V. Ex. GOSTA DE BOA MUSICA TEMOS A  
CERTEZA DO QUE SERÁ O SEU  
VEREDICTO.

SERIA UM PRAZER FAZERMOS UMA DEMON-  
STRAÇÃO PRÁTICA DAS ALTAS QUALIDADES  
DA SONORA.

Acabamos de retirar da Alfandega grande stock de So-  
noras simples e combinadas com Radio. Não demore em  
visitar nossa exposição.

Exclusivos representantes no Brasil:

## OPTICA INGLEZA

RUA DO OUVIDOR, 127

Rio de Janeiro.

A' venda tambem em:

Araraquara: São Paulo — João Lupo.  
Baurú: São Paulo — Nicolino Roselli & Cia.  
Bahia: F. Magalhães & Cia. — Rua Cons. Dantas, 42.  
Mossoró: Rio Grande do Norte — Nathaniel Monte & Cia.  
Pelotas: Octavio Nunes Wagner, Caixa 102.  
São Paulo: Ao Boticão Universal. — Rua 15 de Novembro, 7